



OCTÁVIO BRANDÃO

# AGRARISMO E INDUSTRIALISMO



OCTÁVIO BRANDÃO\*

## Agrarismo e Industrialismo

*Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo  
e a guerra de classes no Brasil - 1924*

2ª edição

Esta edição incorpora correções feitas pelo autor que constam do exemplar pertencente ao acervo do Arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp.

São Paulo, 2006



\* NA PRIMEIRA EDIÇÃO, USOU O PSEUDÔNIMO DE FRITZ MAYER.

Edição: Augusto Buonicore, João Quartim de  
Moraes e José Carlos Ruy (coord.)  
Projeto Gráfico e diagramação: Zap Design  
Capa: Cláudio Gonzalez  
Atualização ortográfica e gramatical: Maria Lucília Ruy

---

O818a

Brandão, Octávio, 1896-1980.  
Agrarismo e industrialismo : ensaio marxista-leninista sobre a  
revolta de São Paulo e a guerra das classes no Brasil - 1924 /  
Octávio Brandão. - 2. ed. -  
São Paulo : A. Garibaldi, 2006  
196 p. ; 14X21 cm.

Inclui bibliografia.

"Esta edição incorpora correções feitas pelo autor que  
constam do exemplar pertencente ao acervo do Arquivo  
Edgard Leuerenroth, da Unicamp."

ISBN- 85-7277-060-7

1. Comunismo - Brasil - História. 2. Brasil - História -  
Revolução Paulista, 1924.

CDD- 981.05

---

Editora e Livraria Anita Ltda  
Rua dos Franceses, 04 CEP 01329-010  
São Paulo - SP  
Tel. (11) 3266-4312 [www.anitagaribaldi.com.br](http://www.anitagaribaldi.com.br)  
Correio eletrônico: [livraria@anitagaribaldi.com.br](mailto:livraria@anitagaribaldi.com.br)

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| NOTA INTRODUTÓRIA – <i>Marcelo Ridenti</i> .....         | 9  |
| UM LIVRO FUNDADOR – <i>João Quartim de Moraes</i> .....  | 11 |
| OCTÁVIO BRANDÃO, MEU AVÔ – <i>Marisa Brandão</i> .....   | 19 |
| O ALAGOANO OCTÁVIO BRANDÃO – <i>Eduardo Bonfim</i> ..... | 23 |
| PRIMEIRA PARTE   |    |
| I - As Origens da Revolta de 1924 .....                  | 25 |
| (A) Causas econômicas .....                              | 26 |
| (B) Causas políticas .....                               | 27 |
| (C) Causas psicológicas .....                            | 29 |
| II - A Situação Internacional .....                      | 29 |
| III - A Situação Nacional .....                          | 32 |
| (A) A situação fisisográfica: território amplo .....     | 32 |
| (B) A situação etnológica .....                          | 33 |
| (C) A situação econômica .....                           | 33 |
| (D) A situação política .....                            | 35 |

|   |     |
|---|-----|
| (E) A situação psicológica .....                      | 47  |
| (F) A situação social .....                           | 47  |
| (G) A situação medieval .....                         | 48  |
| (H) O confucionismo .....                             | 50  |
| (I) Síntese .....                                     | 51  |
| IV - A Primeira Revolta .....                         | 53  |
| V - A Segunda Revolta .....                           | 54  |
| VI - Em São Paulo .....                               | 55  |
| VII - No Resto do País .....                          | 59  |
| VIII - O Rio Grande do Sul .....                      | 72  |
| IX - A Literatura Revoltosa .....                     | 73  |
| X - A Literatura Legalista .....                      | 75  |
| XI - A Duplicidade Legalista .....                    | 77  |
| XII - A Religião Legalista .....                      | 78  |
| XIII - No Coração do Imperialismo .....               | 79  |
| XIV - A Rivalidade Imperialista Anglo-americana ..... | 91  |
| (A) No campo econômico geral .....                    | 92  |
| (B) No campo político particular .....                | 94  |
| (C) No campo econômico particular .....               | 99  |
| (D) Diante da revolta de 1924 .....                   | 101 |
| (E) Guerra de morte ao imperialismo .....             | 105 |
| XV - O Proletariado .....                             | 113 |
| (A) Sua história .....                                | 113 |
| (B) O martírio do proletariado .....                  | 120 |
| (C) Diante da revolta de 1924 .....                   | 126 |

|  |     |
|--|-----|
| XVI - Tese, antítese e síntese .....         | 138 |
| XVII - As perspectivas em fins de 1924 ..... | 142 |

## SEGUNDA PARTE

|               |     |
|---------------|-----|
| Síntese ..... | 151 |
|---------------|-----|

## TERCEIRA PARTE

|                            |     |
|----------------------------|-----|
| A Revolta Permanente ..... | 155 |
|----------------------------|-----|

|                             |     |
|-----------------------------|-----|
| I - Seis Meses Depois ..... | 155 |
|-----------------------------|-----|

|                            |     |
|----------------------------|-----|
| (A) Dentro do Brasil ..... | 155 |
|----------------------------|-----|

|                                  |     |
|----------------------------------|-----|
| (B) Percorrendo o universo ..... | 161 |
|----------------------------------|-----|

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| EM MARCHA PARA O FUTURO ..... | 177 |
|-------------------------------|-----|

|  |     |
|--|-----|
| UMA ETAPA DA HISTÓRIA DE LUTAS,<br>de Octávio Brandão (1957) ..... | 189 |
|--|-----|

## NOTA INTRODUTÓRIA

MARCELO RIDENTI

---

O LIVRO *AGRARISMO E INDUSTRIALISMO*, de Octávio Brandão, é pioneiro na reflexão dos comunistas sobre a sociedade brasileira. Restam poucos originais da primeira edição, publicada em 1926, um dos quais se encontra no acervo do Arquivo Edgard Leuenroth – Centro de Pesquisa e Documentação Social (AEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mas nossa preciosidade maior é uma cópia do livro com anotações nas margens do próprio Brandão, revisando o texto publicado.

Reeditar este livro com os comentários de Brandão era um projeto antigo do AEL que, por um motivo ou outro, acabava sendo adiado. Até que, em boa hora, alguns pesquisadores ligados ao Partido Comunista do Brasil tomaram essa iniciativa, logo encampada pela Editora Anita Garibaldi, com total apoio do AEL – que em 2004 completou 30 anos e é hoje detentor do acervo mais significativo sobre a história das esquerdas e dos movimentos populares no Brasil.

Tomara que esta publicação incentive ainda mais o estudo da história dos comunistas brasileiros, em particular, e dos partidos e movimentos de esquerda, em geral. Aos pesquisadores, o AEL oferece acervos como os de Edgard Leuenroth, Astrojildo Pereira, Octávio Brandão, Luiz Carlos Prestes, Hermínio Sacchetta, Heitor Ferreira Lima, Salomão Malina, Duarte Pereira, Instituto Astrojildo Pereira, os processos do Projeto Brasil:

Nunca Mais (BNM), o material da Internacional Comunista referente ao Brasil, entre outros. São dezenas de fundos, com cerca de 30 mil livros, quase 10 mil títulos de periódicos, cerca de mil fitas de vídeo, 300 películas cinematográficas, além de uma infinidade de cartazes, mapas, imagens fotográficas, discos, gravações em cassete e ainda milhares de documentos manuscritos. Parte desse material está descrita no sítio do AEL e no catálogo online: [www.ael.ifch.unicamp.br](http://www.ael.ifch.unicamp.br)

Bem-vindo, leitor, ao texto de Brandão e ao estudo da história dos comunistas e das esquerdas no Brasil!

Campinas, outubro de 2004

Marcelo Ridenti foi diretor do Arquivo Edgard Leuenroth de agosto de 2003 a outubro de 2004

## UM LIVRO FUNDADOR

JOÃO QUARTIM DE MORAES

---

TOMAR CONTATO COM O marxismo constitui uma experiência decisiva para a compreensão da lógica objetiva da evolução social. Mas, diferentemente dos marxólogos, que se cingem ao consumo intelectual dos tesouros de conhecimento a que tiveram acesso, os que procuram seguir a trilha de Karl Marx e – por isso, apropriadamente designados marxistas –, não se resignam a conviver passivamente com as misérias do mundo. A compreensão, para eles, não se separa da ação. O combate político se trava sempre numa situação concreta, que só pode ser compreendida por meio de uma análise concreta. O célebre mote de Tolstói, “se queres ser universal, descreve tua aldeia”, não vale apenas para a literatura. Sem o trabalho intelectual de concretização do conhecimento, a teoria permanece em sua universalidade abstrata, não oferecendo um guia para a ação.

Descrever a “aldeia” brasileira à luz do marxismo, tal foi a empreitada pioneira de Octávio Brandão. Em 28 de julho de 1924, pouco mais de dois anos depois da fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), ele iniciou a redação de *Agrarismo e industrialismo, Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil*, como anuncia o sub-título<sup>1</sup>. Nas precárias condi-

<sup>1</sup> A data é referida pelo próprio Brandão em *Combates e batalhas*, São Paulo, Alfa-Ômega, 1978, p. 284 (nota de JQM).

ções da clandestinidade, escondendo-se da polícia de Artur Bernardes, concluiu “a parte fundamental” do livro menos de um mês depois. Este texto, ainda incompleto, circulou em cópias datilografadas, servindo de subsídio para as teses que Astrojildo Pereira apresentou no II Congresso do PCB (16 a 18 de maio de 1925). Acompanhando desde a origem as vicissitudes da trajetória do autor, o livro só foi publicado em abril de 1926, sob o pseudônimo de Octávio Brandão e com indicação falsa do lugar de edição (Buenos Aires) para despistar a polícia política de Artur Bernardes<sup>2</sup>.

No título está expressa sua tese principal: a contradição entre interesses agrários e interesses industriais constituía o fator determinante dos confrontos políticos e da guerra civil larvar que

<sup>2</sup> Embora tenha entrevistado Brandão, J. F. Dulles afirma, equivocadamente, em *Anarquistas e comunistas no Brasil* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977, p.222) que a obra “foi completada em 22 de agosto de 1924”. Levando em conta a má qualidade média das traduções brasileiras, tivemos o cuidado de verificar o original inglês (*Anarchists and communists in Brazil*, Austin/Londres, University of Texas Press, 1973), constatando que desta vez, ao menos, o problema estava no original: segundo o brasileiro norte-americano, *Agrarismo e industrialismo* “was completed on August 22, 1924” (Dulles, op. cit., pp. 269-70). Basta, entretanto ler o texto com um mínimo de atenção para constatar que Brandão evoca fatos posteriores àquela data, por exemplo, o 1º de maio de 1925, data da “aurora de *A Classe Operária*”, “primeiro e único órgão da classe operária do Brasil”. Brandão, *Agrarismo e industrialismo*, pg 121. É evidente, pois, que acréscimos importantes foram introduzidos no texto durante a longa espera de sua publicação. No artigo “Uma etapa da história de lutas”, *Imprensa popular*, 21 de janeiro de 1957 (ver em anexo, nesta edição), que comentamos mais adiante, Brandão dirimiu qualquer dúvida a este respeito: “Na vida clandestina, no ambiente de repressão da polícia do marechal Fontoura, comecei a escrever *Agrarismo e Industrialismo* a 28 de julho de 1924, na hora da derrota dos revoltosos pequeno burgueses, quando eles começaram a evacuar a cidade de São Paulo, enquanto no Rio de Janeiro o ambiente era de desânimo. Terminei a obra, no fundamental, menos de um mês depois, a 22 de agosto de 1924. Tirei cópias à máquina e tratei de divulgá-la imediatamente. Escrevi o penúltimo capítulo em 1925, e o último em 1926. Publiquei-a sob o estado de sítio, em 1926, com o pseudônimo de Octávio Brandão. O livro foi lido por operários, intelectuais e revoltosos pequeno burgueses – civis e militares” (nota de JQM)..

convulsionavam o Brasil. Nela se baseava a aliança da classe operária com a pequena-burguesia democrática na luta contra a “oligarquia agrária entrançada com a oligarquia financeira”<sup>3</sup>. Também notáveis são suas observações sobre o imperialismo e a subordinação econômica dos interesses agrários à alta finança inglesa, bem como sobre as perspectivas sombrias que nos reservava nossa posição de mono-exportadores de café. Quantos economistas e outros tagarelas neoliberais, papagueando sobre as virtudes teológicas da privatização e do mercado, seriam capazes de previsões como a que o jovem intelectual comunista formulou no esconderijo a que o acuara a polícia de Artur Bernardes?

Hoover, secretário do comércio, agente do imperialismo norte-americano, faz campanha contra o café brasileiro, preconizando até o boicote. Enquanto isso, os bancos ingleses emprestam dinheiro à Brazilian Coffee e ao Instituto de Defesa Permanente do Café. Como, porém, a América do Norte é o maior consumidor do café brasileiro, desenha-se no horizonte uma grave crise cafeeira [...] a dominação econômica e política do fazendeiro do café irá de águas abaixo, e o que é mais sério, o país debater-se-á numa crise horrível.<sup>4</sup>

*Agrarismo e industrialismo* exerceu, nos anos seguintes, forte influência não somente entre os comunistas, mas também entre os positivistas de esquerda que o leram e discutiram. Na virada dos anos vinte para os anos trinta, entretanto, a pressão combinada do esquerdismo obreirista no interior do PCB e da também esquerdista linha dita “classe contra classe”, adotada pelo Komintern e aplicada por seu Secretariado Sul-Americano (SSA/IC), minaram as posições do grupo dirigente. Brandão e Astrojildo Pereira, seus

<sup>3</sup> *Agrarismo e industrialismo*, pág. 42.

<sup>4</sup> *Agrarismo e industrialismo*, pág. 186. Citado pelo próprio Brandão em *Combates e batalhas*, p. 294 (nota de JQM).

principais expoentes, foram marginalizados e a aliança com a pequena-burguesia revolucionária classificada de desvio direitista. À rejeição de suas idéias no interior do movimento comunista acrescentou-se a repressão anticomunista movida pelo governo provisório de Getúlio Vargas. Preso e em seguida expulso do Brasil em 1931, Brandão partiu para um longo exílio na União Soviética. Este duplo ostracismo projetou sobre a obra, mais ainda do que sobre o autor, a sombra de um longo olvido que só começou a ser rompido pelo próprio Brandão, décadas depois, no artigo “Uma etapa da história de lutas”, publicado em *Imprensa popular* de 21 de janeiro de 1957 (ver em anexo, nesta edição) em que assumiu a responsabilidade pelos desvios direitistas que teriam caracterizado a linha do PCB entre 1924 e 1928:

O nosso PC não conseguiu compreender o caráter da revolução, suas etapas e forças motrizes. SUBESTIMOU a importância dos camponeses. SUPERESTIMOU o revolucionarismo pequeno burguês em geral e, em particular, a significação dos revoltosos pequeno burgueses de Copacabana, São Paulo e da Coluna Prestes. Colocou à frente o Bloco Operário e Camponês, e não o próprio PC.

O autor destas linhas é um dos responsáveis por esses erros. As raízes deles estão na obra de *Agrarismo e industrialismo*.

Mais adiante, acrescenta:

Durante trinta anos nenhum comunista fez a análise da obra. O reacionário Jackson de Figueiredo publicou um artigo sobre ela, manifestando o pavor de que, no Brasil, depois desses ensaios teóricos, viesse um ensaio prático, revolucionário, comunista. Em 1930-1931, os trotskistas, em seu jornal, atacaram-na violentamente e consideraram-na um amontoado de erros e consideraram-na absurdos.

Fiz a autocrítica muitas vezes: em 1930-1935, em 1938, em dezembro de 1954 e outras ocasiões. Hoje, faço a autocrítica, mais

uma vez. Cumpro, assim, um dever para com o PC, a classe operária e o povo brasileiro.

A obra *Agrarismo e Industrialismo* é um ensaio sobre o Brasil em geral e o imperialismo em particular, sobre a luta das classes e as insurreições armadas de Copacabana em 1922 e São Paulo em 1924. Apresenta uma série de falhas. Tem desvios materialistas mecânicos, de caráter político, filosófico e ideológico geral.

Mais do que difícil, é sempre doloroso para um comunista ir contra o consenso partidário. Se apenas registra as críticas da direita católica e dos trotskistas (seria espantoso se o elogiassem), enfatiza as sucessivas autocríticas em que reconheceu (em parte, indevidamente) a validade daquelas provindas de seus camaradas. Sem dúvida, há no livro defeitos que saltam aos olhos. É evidente, em particular, que o entusiasmo pela descoberta da “dialética marxista” levou-o a aplicá-la ingenuamente à periodização da história do proletariado brasileiro, amoldando a luta operária de maneira a fazê-la caber na famosa tríade dialética hegeliana: a “tese” abrangeria as três primeiras etapas, da proclamação da República à presidência Epitácio, em que se verificou a “ascensão (do proletariado) sob a influência do anarquismo”; a “antítese”, que iria até a sexta etapa, caracterizou-se pelas “perseguições epitacistas e conseqüente desorganização até a fundação do Grupo Comunista do Rio” e, enfim, a “síntese ou negação da negação” teria começado com a fundação do PCB:

Insistir na artificialidade desta “dialética” seria arrombar uma porta aberta, mas, diferentemente do que sugeriram críticas preconceituosas, quando não francamente debochadas<sup>5</sup>, estas e outras fantasias intelectuais do livro são muito menos importantes do que suas qualidades, que já apontamos. Algumas destas, porém foram rejeitadas pelo próprio Brandão, cujo



| Traços característicos da etapa          | Período                       | Significação da etapa no processo histórico    |
|--|-------------------------------|--|
| I- -----                                 | 15-11-1889 a agosto 1914      | "preparação ou gestação"                       |
| II- "da conflagração à Revolução Russa"  | agosto 1914 a 7-11-1917       | "eclosão ou desabrolhamento"                   |
| III- "presidência Epitácio"              | fins de 1917 a meados de 1919 | "culminância, apogeu"                          |
| IV- "morte de <i>A Voz do povo</i> "     | fins de 1919 a fins de 1920   | "crepúsculo"                                   |
| V- -----                                 | fins de 1920 a 6-11-1921      | "vazante completa"                             |
| VI- "fundação do Grupo Comunista do Rio" | 7-11-1921 a 24-3-1922         | "reagrupamento de forças"                      |
| VII- "fundação do PCB"                   | 25-3-1922 a 30-4-1925         | "preparação das forças para as novas batalhas" |

VIII- Esta etapa se inicia a 1.5.1925 com a "aurora de *A Classe Operária*", o semanário do PCB do qual foram publicados doze números; antes de completar três meses de existência, foi fechado pela polícia de Artur Bernardes, que governava por meio do estado de sítio desde julho de 1924.

honroso afã de cumprir "um dever para com o PC, a classe operária e o povo brasileiro", levou a exagerar muito as falhas de seu livro. Consideremos aquela que ele aponta como decisiva: ter subestimado a importância dos camponeses e superestimado o "revolucionarismo pequeno burguês". Pensamos, ao contrário, que no contexto histórico dos anos vinte, a contradição principal opunha as forças sociais empenhadas em libertar a nação do jugo dos fazendeiros do café, de seus associados locais e, por trás deles, do imperialismo inglês e estadunidense, exatamente como sustenta *Agrarismo e industrialismo*. Se discutível que tenha subestimado os camponeses (admitimos que falhou em não mencionar Canudos e Contestado), não deixou de salientar que sem mobilizar as

massas trabalhadoras do campo a coluna Prestes não lograria levar adiante sua empreitada revolucionária:

No sul, os revoltosos perderam a batalha. Chegou a vez do Norte: o capitão Prestes, após marcha colossal através dos sertões, mantém viva a chama da revolta. *Mas, não se apoiando sobre o proletariado rural, tombará fatalmente* (grifos nossos, JQM). O pequeno-burguês não vê classes! O técnico só vê a técnica! De qualquer forma, é necessário que a 3ª revolta não repita os erros das duas anteriores: abarque a técnica e a política, o exército e a marinha, o Rio e S. Paulo, o Sul e o Norte, o proletariado, a pequena-burguesia urbana e a grande burguesia industrial. O proletariado entrará na batalha como classe independente, realizando uma política própria.<sup>6</sup>

A justiça histórica é lenta como a dos tribunais, mas às vezes não falha. Pouco a pouco, a partir notadamente do início dos anos setenta, com os livros de Edgar Carone sobre a "República Velha" e com o de J.F. Dulles sobre anarquistas e comunistas<sup>6A</sup>, *Agrarismo e industrialismo* foi encontrando o lugar que merecia no pensamento marxista brasileiro. Nos anos oitenta, ficou disponível aos pesquisadores a preciosa documentação doada por Dionysa Brandão, filha de Octávio, ao Arquivo Edgar Leuenroth do IFCH/Unicamp e reunida no Acervo Octávio Brandão. Naquela década, Michel Zaidan Filho salientou devidamente, nos estudos que consagrou aos primeiros teóricos do PCB, a importância da intervenção teórica de Brandão entre 1924 e 1928<sup>7</sup>. Vários capítulos,

<sup>5</sup> Comentamos, na nota 12 de "A evolução da consciência política dos marxistas brasileiros", capítulo II de *História do marxismo no Brasil*, vol. 2, *Teorias. Interpretações*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1995, pp. 96-97, a vulgar zombaria de Leandro Konder a respeito dos "ativistas revolucionários [...] que começavam a dar sinais de que estavam atacados pela mania de ser Lênin"; Brandão, em particular, teria sido, segundo o festejado marxólogo guanabario, "um Lênin que não deu certo". Ponderamos, em síntese, que cada um se define moralmente pelo que considera "dar certo". No "sonho americano", por exemplo, dar certo é ficar mais rico do que o vizinho (nota de JQM).

<sup>6</sup> Agrarismo e Industrialismo, pág. 189.

<sup>6A</sup> Cf. a nota 2

<sup>7</sup> Michel Zaidan Filho, *PCB (1922-1929). Na busca de um marxismo nacional*. São Paulo, Global, 1985. Vale assinalar que em apêndice deste livro (pp. 121-132) está reproduzido outro notável texto de Brandão, "O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa", publicado em 1928, com vistas ao 3º Congresso do PCB (nota de JQM).

distribuídos em três volumes, da História do marxismo no Brasil (cuja publicação foi iniciada em 1991), de quatro autores diferentes (Evaristo de Moraes Filho, Marcos Del Roio, Ângelo José da Silva e João Quartim de Moraes) analisam diferentes aspectos de sua obra fundadora. Outros estudos recentes, nomeadamente os de Paulo Ribeiro da Cunha<sup>8</sup> e de Marcos Del Roio<sup>9</sup> também põem em evidência a contribuição de Brandão para a compreensão marxista da sociedade brasileira.

Faltava, ainda, repor o livro em circulação. Da edição clandestina de 1926 sobraram raríssimos exemplares, acessíveis somente a pesquisadores. O esforço dos que tornaram possível, oitenta anos depois, esta segunda edição, particularmente Eduardo Bomfim, secretário de Cultura do governo de Alagoas, bem como o dos que contribuíram diretamente para prepará-la (José Carlos Ruy, Augusto Buonicore, Marisa Brandão, entre outros) terá seguramente sido fecundo.

João Quartim de Moraes é professor da Unicamp, pesquisador do marxismo e analista político

## OCTÁVIO BRANDÃO, MEU AVÔ

MARISA BRANDÃO

CONHECI OCTÁVIO BRANDÃO AINDA bem criança, convivi com ele dos três aos quase dezessete anos de idade. Não me lembro bem do início de nossa convivência, mas recordo que ainda bem pequena, cinco, seis anos, ele já era parte importante de minha vida. Rapidamente tornou-se muito mais que um avô, tornou-se um pouco pai, amigo e também meu mestre. As recordações são tantas, em tantos sentidos...

No apartamento em que vivíamos, existia um comprido corredor, onde ele gostava de se colocar em uma das pontas e começar a cantar, pois assim havia certa acústica. Cresci ouvindo ele cantar música clássica – como as Danças Norueguesas e Danúbio Azul (acho que eram minhas prediletas, não necessariamente as dele) –, cantigas populares do nordeste, a Marselhesa, a Internacional Comunista, marchinhas do partido comunista brasileiro. Também gostava de recitar poesia e, um dia, fiz uma surpresa para ele, decorei e recitei uma poesia de Casimiro de Abreu que recordava sua infância (*Meus oito anos*), o que ele recebeu com enorme emoção.

Morávamos em um condomínio que fica no caminho de uma favela, onde é preciso subir várias ladeiras. Muitas vezes, quando nossos vizinhos moradores da favela por lá passavam, alguns conhecidos, outros não, lhe pediam um copo d'água, pois o calor e o esforço de subir a ladeira trazia muita sede. Sempre, ao dar a água,

<sup>8</sup> "Agrarismo e Industrialismo: pioneirismo de uma reflexão", in *Novos Rumos*, 12 (2006), setembro/outubro 1997, pp. 54-61.

<sup>9</sup> "Octávio Brandão nas origens do marxismo no Brasil", in *Crítica marxista*, 18 (2004), pp. 115-132.

me falava da realidade e da miséria do povo brasileiro, principalmente do povo nordestino, sua origem. Sempre afirmava, com muito orgulho, que era um caboclo, descendente dos índios Caetés de Alagoas. Falava então de como era necessário compreender o povo e se solidarizar com ele; falava de suas andanças por Alagoas, como fora ao mesmo tempo estudando os recursos naturais e conhecendo o povo por onde passava; falava de sua luta, primeiro em Alagoas, depois no Rio, e mais tarde já no Partido Comunista. Contava como, desde Alagoas, tinha procurado estudar e compreender a realidade social (apesar de ter se formado em Farmácia) e ainda como, bem no início do século passado, tinha encontrado sua principal base teórica em Marx, Engels e Lênin.

Era rigoroso, mas sempre com carinho. Em meio às suas críticas aos EUA, com coerência, criticava nossas atitudes (as de seus netos e outras crianças) como a de mascar chiclete, afirmando que não passavam de “americanices”, que estávamos apenas copiando as coisas ruins dos Estados Unidos. Quando vinham as férias escolares, um horário de estudos diário era estabelecido, mas sempre procurando me fazer perceber o prazer de aprender. O estudo de história na escola era muito deficiente, época que ainda cobravam que se decorasse datas e nomes, o que me era bastante difícil; mas em casa eu ouvia, com curiosidade e atenção, ele falar sobre a história que viveu e a história que aprendeu.

Um dos episódios que eu mais gostava de ouvir era o de quando voltou da União Soviética, em 1946, após 15 anos de exílio, e, tendo de se candidatar a Intendente, quase sem tempo para fazer campanha, foi muito bem recebido, por um lado, pelos antigos operários da Gávea, sua base eleitoral em 1928, mas também pelos filhos destes operários, que, através de seus pais, conheciam a trajetória de Octávio.

Ria muito quando contava de como sempre conseguira fugir da polícia porque, além de conhecer cada ladeira, cada escada,

cada caminho do bairro de Santa Tereza, onde morava, também tinha técnicas especiais de disfarce. Lembro-me que lhe pedia para ensinar estas técnicas e ele, até o final, com mais de 80 anos, simplesmente respondia que não, pois poderia precisar utilizá-las de novo. Quando atravessávamos os arcos da Lapa, de bonde, mostrava o Batalhão da Polícia Militar que fica ali e, rindo muito, dizia que dezenas de vezes lá esteve preso e dezenas de vezes conseguiu sair!

Foi assim que cresci, ouvindo-o contar episódios da história do Brasil e da União Soviética; falando de seus sonhos, desde muito jovem, sonho de um Brasil independente, sonho de um Brasil igualitário, sonho de uma humanidade unida e justa! Ouvindo-o dizer que deus não existe, e que um mundo justo só se alcança através da luta política, luta que necessita de sólida base teórica. Sempre me dizia: “você precisa ler Marx, Engels e Lênin” (ele falava exatamente nesta ordem). Defendia, até o final, a Revolução Russa, o processo revolucionário, no Brasil e no mundo, a luta pelo socialismo e pelo comunismo.

Sem dúvida, Octávio Brandão deve ter cometido erros, políticos e teóricos; sem dúvida sofreu muito, foi criticado e criticou quando necessário – e possível –, mas nunca observei nenhuma nuance de arrependimento em sua face, em suas rugas, em seu largo e acolhedor sorriso, em seu forte abraço, em sua contagiante alegria pela vida.

Divulgar a primeira tentativa de interpretação marxista da realidade brasileira significa reafirmar as idéias teóricas e políticas de Marx, significa reafirmar seus ideais comunistas; idéias e ideais aos quais Octávio Brandão desde jovem se dedicou. Publicar *Agrarismo e Industrialismo* agora, quase 80 anos depois de sua primeira edição, é, portanto, uma maravilhosa homenagem à vida e luta de Octávio Brandão. Mas parece que a grande homenagem que esta publicação traz, aquela a que ele certamente agradece-

ria com toda emoção, é a de saber que, mesmo com toda força destrutiva exercida pelo capitalismo, os sonhos e lutas, aos quais dedicou sua vida, continuam vivos.

Marisa Brandão é professora de Sociologia do CEFET/RJ - Depto de Ensino Médio e Técnico

## O ALAGOANO OCTÁVIO BRANDÃO

EDUARDO BOMFIM

---

ALAGOANO DE VIÇOSA, Octávio Brandão foi um homem de múltiplos interesses e uma vocação. Farmacêutico de formação, sua curiosidade abrangia desde a poesia clássica e a filosofia indiana até a geologia, tendo sido autor do clássico *Canais e Lagoas*, escrito em 1916-1917 (republicado em 2001 pela Editora da Universidade Federal de Alagoas). Livro raro que registra a investigação do entorno das lagoas Mundaú-Manguaba, em Alagoas, com sua mata atlântica, seus recursos hídricos, e que foi pioneiro na crença da existência de petróleo – numa época em que se pensava que esse recurso não existia no Brasil.

Mas foi a vocação de Brandão que o colocou num lugar privilegiado na história de nosso país – a convicção de que não pode haver solução para os males do capitalismo dentro dos limites desse sistema e que sua superação é a tarefa civilizatória de nosso tempo.

Por isso, Brandão ligou-se às lutas operárias de sua época. Por algum tempo foi anarquista, mas, logo compreendendo as limitações dessa doutrina, filiou-se ao Partido Comunista do Brasil poucos meses depois de sua fundação: em 15 de outubro de 1922. Com apenas 26 anos de idade, começou então uma intensa atividade política que marcaria toda sua longa vida, e que o levou a fugas cinematográficas da repressão policial, ao exílio, mas também a posições de destaque dentro do Partido Comunista do Brasil.

O auge de sua influência ocorreu entre 1925 e 1930 quando, pioneiro na análise da luta de classes em nosso país, escreveu *Agrarismo e industrialismo*, cujas teses influenciaram fortemente a política comunista daqueles anos. Em 1925, Brandão foi o primeiro diretor e editor d'*A Classe Operária*, atividade de que deixou descrições memoráveis, jornal em que escreveu usando pseudônimos como Krieg, Larl Krieg, Manoel Braúna, João Garroeira. Em 1923, foi eleito membro da Comissão Central Executiva do Partido e, em abril daquele ano, recebeu a incumbência de dirigir a Comissão de Educação e Cultura.

*Agrarismo e industrialismo* é um marco na historiografia comunista brasileira, obra pioneira, cujas qualidades foram, muito justamente, destacadas recentemente pelo professor João Quartim de Moraes. Durante muito tempo foi uma raridade bibliográfica – os exemplares que sobreviveram à edição original são poucos e, assim, de difícil acesso para os pesquisadores do pensamento social e da história política de nosso país. E cuja recuperação era um impositivo para a cultura brasileira, registrando a colaboração deste grande alagoano. Por isso, assim que surgiu a oportunidade e a proposta de reedição, em conjunto com a Editora Anita, de São Paulo, e o Arquivo Edgard Leuenroth, da Universidade de Campinas, São Paulo, a Secretaria de Estado de Cultura do Governo de Alagoas não teve dúvidas em juntar-se a este esforço que recoloca ao alcance dos pesquisadores brasileiros esta obra pioneira.

Eduardo Bomfim é Secretário Estadual  
de Cultura do Governo de Alagoas

## PRIMEIRA PARTE

---

### AS ORIGENS DA REVOLTA DE 1924

Com a retirada de São Paulo, foi transposta a primeira etapa da segunda batalha que a pequena-burguesia nacional travou contra os fazendeiros de café, senhores da nação. Assim compreendemos a significação do movimento de 5 a 28 de julho de 1924, em São Paulo.

Enquanto a batalha se prolonga pelo interior, através de guerrilhas, procuremos fazer a análise dessas lutas sob o ponto de vista do marxismo-leninista.

O governo promove juramentos solenes de que nunca mais haverá dessas revoltas no Brasil, “que nos mancham aos olhos do estrangeiro etc”. Nós, porém, não confundimos os nossos desejos com a realidade e rimo-nos dessas ilusões. Assim é que, mesmo vencida definitivamente a segunda revolta, a terceira há de vir como uma necessidade fatal, porque as causas que têm originado esses movimentos persistem e persistirão ainda por bastante tempo.

Essas causas, apesar de a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, de 16 de agosto de 1924, dizer que são “desconhecidas e ignoradas, ficarão”, são de ordem econômica, política e psicológica.

### (A) Causas econômicas

Os déficits. As emissões. Os empréstimos desde 1824 e os juros correspondentes. As moratórias. Os *fundings*<sup>10</sup> federais, estaduais, municipais. O desequilíbrio mundial produzido pela guerra. A luta entre o capitalismo inglês e o capitalismo norte-americano, que disputam a supremacia no mercado brasileiro. Os quase 6 milhões de contos devorados pela goela de Epitácio Pessoa<sup>11</sup>, esse inimigo implacável dos trabalhadores. Os empréstimos epitacianos – de 9 milhões de esterlinas para a valorização do café, de 25 milhões para a eletrificação da Central<sup>12</sup>, de 50 milhões de dólares para as secas do Nordeste – tudo desperdício. As firmas e bancos falidos. O câmbio a cinco, e até menos, quando em 1851, subiu a 31 e, em 1894, desceu ao mínimo de nove. A carestia de vida – os preços de 1914, quadruplicados. A rivalidade entre os grandes industriais e os grandes fazendeiros de café. As restrições aos interesses dos grandes comerciantes, dos grandes usineiros e exportadores de açúcar, que não se resignam a ver seus lucros diminuírem. A exploração desenfreada do país pelos grandes fazendeiros de café. A concentração capitalista e o seu corolário – o empobrecimento sistemático dos pequenos proprietários, pequenos comerciantes, industriais e funcionários nestes últimos dez anos, isto é, a proletarianização da pequena burguesia. Os novos impostos. A miséria cada vez maior dos operários e dos trabalhadores dos campos. As greves – efeito da

<sup>10</sup> *Funding* é uma expressão inglesa para designar a conversão de dívidas de curto prazo em dívida de longo prazo; no Brasil, esse recurso foi usado muitas vezes desde a Independência para alongar o prazo da dívida externa, ficando conhecidos como *funding loans*; o mais conhecido foi o negociado pelo presidente Campos Sales como os credores ingleses em 1898, baseado na contenção dos gastos do governo e em garantias aos credores estrangeiros; sua aplicação foi tão rígida que provocou uma série de falências de bancos brasileiros, empresas comerciais e indústrias. (A partir desse ponto as notas sem indicação de autoria são de José Carlos Ruy.)

<sup>11</sup> Epitácio Pessoa foi presidente do Brasil, de 1919 a 1922.

<sup>12</sup> Estrada de Ferro Central do Brasil, no Rio de Janeiro.

desordem econômica do capitalismo e causa de uma desorganização cada vez maior. A bancarrota progressiva do estado, assoberbado pelas dívidas interiores e, principalmente, exteriores. As contradições numerosas como a que existe entre a bancarrota financeira do estado e o progresso industrial e comercial da grande burguesia. A falência econômica, portanto, política também, do estado, a organização mais poderosa, o aparelho compressor por excelência. A formação de uma oligarquia financeira, portanto, política também, chefiada pelo Banco do Brasil. Para isso, o Banco do Brasil preparou o terreno, comprando os grandes jornais, como *O Imparcial*, e o *Jornal do Comércio*, ou pesando politicamente neles, como n' *O País*, na *Gazeta de Notícias*, n' *A Pátria*, n' *A Notícia*, no *Rio Jornal*.

### (B) Causas políticas

A situação revolucionária internacional. A vontade de dominação<sup>13</sup> dos grandes industriais, cujos interesses muitas vezes são desprezados pelos grandes fazendeiros de café. A rivalidade crescente entre ambos, rivalidade política resultante da rivalidade econômica – comparar a produção manufatureira do Estado de São Paulo com a sua exportação cafeeira para ver que aquela, proporcionalmente, tem progredido mais que esta e caminha para nivelar-se-lhe e, posteriormente, ultrapassá-la.

Os direitos eleitorais da pequena burguesia pisados pela política atual. O despertar desses elementos e o dos operários. A concentração de massas oprimidas em quatro cidades do litoral e, especialmente, no trecho centro-oriental. O reforçamento da velha oligarquia de politiquinhos paulistas e mineiros. Um Congresso de bonzos que lambem as patas do Buda-fazendeiro de café. O enfraquecimento da força coletiva do governo, a desagregação da

<sup>13</sup> Na primeira edição: “vontade de potência, diria o filósofo”. A alteração foi feita por Octávio Brandão.

força política do estado, força coerciva, pelos empréstimos e valorizações, desagregação provocada pelo grande agrário (fazendeiro de café), em proveito egoísta, individual, com o fim de multiplicar seus lucros, embora o estado e o povo sejam sacrificados. Por outras palavras, o próprio grande agrário é quem mais enfraquece politicamente o seu estado, o estado agrário do Brasil...

### (C) Causas psicológicas

O espírito de revolta. O abalo mundial produzido pela guerra e pela revolução russa. A luta entre o liberalismo de uma parte do Exército<sup>14</sup> e o espírito tacanho, feudal, dos governantes. O mal-estar moral e mental. A repulsa por todos esses processos em que a “justiça” se coloca ao lado do governo. O desejo de uma transformação. A desilusão da pequena-burguesia, de obter melhorias pelos “canais competentes”, isto é, pela via legal, jurídica, pacífica, reformista. A incapacidade dos velhos e novos sistemas religiosos e filosóficos para resolver o problema social. A impressão penosa deixada num povo faminto pela festa do colar e pelas recepções a parasitas estrangeiros...

Se juntarmos a todas essas razões a dureza da repressão desta segunda tentativa de aniquilamento dos elementos feudais do país, repressão que será um dos maiores auxiliares dos revoltosos, compreenderemos integralmente a fatalidade da terceira tentativa, que poderá ser vitoriosa se os combatentes souberem aproveitar as lições das derrotas.

## II - A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

Se a isolarmos do cenário mundial, a revolta de 1924, em São Paulo, perderá uma de suas significações fundamentais. Nossa

escala, nosso padrão de análise é um padrão universal. Baseia-se no internacionalismo leninista.

A presente situação internacional é de franca efervescência. A vaga revolucionária que, em 1917-1919, ameaçara despedaçar a amurada do capitalismo e recuara em 1920-1923, começa a avançar novamente.

A burguesia recorreu aos processos mais astutos com Lloyd George, na Inglaterra, mais ilusionistas com Wilson, nos Estados Unidos, mais violentos com Harthy e Mussolini, na Itália, a fim de amansar o proletariado recua em disfarçada bancarrota. O deputado Farinetti, “líder” do fascismo racista, isto é, ultraviolento, na sessão de 4 de agosto do Conselho Nacional Fascista, já reconhece a necessidade de renunciar à violência – estranha linguagem na boca de um fascista – só compreensível como prova da insanidade. O punhal fascista é importante contra a revolução mundial.

Atualmente, a burguesia muda de tática na frente internacional de batalha. Dispara os últimos cartuchos como Ebert-Marx, na Alemanha, os penúltimos, como MacDonald, na Inglaterra, os antepenúltimos, como Herriot. Em balde... Sua função social está condenada pelo desenrolar dos fatos. A tática fascista deu em nada. Sucederá o mesmo com a política “democrática” dos últimos abencerragens do reformismo.

Acentua-se a decadência do regime burguês. Provas? É só examinar os sintomas da gangrena mundial que corrói o corpo da burguesia.

Na França: os reacionários<sup>15</sup> Poincaré e Millerand enxotados pela campanha dos comunistas, conforme a própria declaração de François Marsal, presidente do Conselho. A ascensão da es-

<sup>14</sup> Na primeira edição: “impregnado de positivismo filosófico”, expressão cortada por Octávio Brandão.

<sup>15</sup> A correção feita por Octávio Brandão é ilegível; provavelmente, abreviatura de “os reacionários” (nota de Marisa Brandão, doravante MB).

querda burguesa. O desequilíbrio econômico. A inauguração da estátua de Zola. A glorificação de Jaures. A burguesia dividida. Os socialóides, tipo Leon Blum, cavando o túmulo de Herriot.

Na Alemanha: A vitória eleitoral dos comunistas, como na França. O Partido Comunista alemão crescendo em qualidade e quantidade. As massas desiludindo-se da social-democracia.

Na Itália: O martírio de Matteoti<sup>16</sup>. Os piores facínoras a ocupar os mais altos cargos. As lutas armadas entre fascistas e proletários. A desmoralização da política sindical de Mussolini. O acirramento da guerra de classes dentro dos próprios sindicatos fascistas, apesar de Mussolini negar a existência das classes.

Na Espanha: As crises interiores. A cisão no exército. O progresso do movimento proletário da Catalunha. As derrotas em Marrocos.

Nos Bálcãs: A fogueira da guerra de classes.

Na Turquia: A luta dos burgueses contra os feudais. A abolição do califado. O confisco dos bens do califa, o papa muçulmano – golpe anti-religioso.

Na Inglaterra: o trabalhista MacDonald a trair todas as suas promessas anteriores – impostos sobre a propriedade rural, nacionalização das minas e estradas de ferro, independência do Egito, autonomia da Índia. Thomas a declarar que o mundo financista britânico, após a subida de MacDonald, “prosseguiu em sua atividade como se nada tivesse havido”. Snowden a confirmar que “os membros do Partido Trabalhista, em importante proporção, são burgueses”.

Nos Estados Unidos: A crise da produção. A burguesia dividida na luta presidencial.

No Japão: A perda da supremacia do Pacífico.

<sup>16</sup> Refere-se ao deputado e secretário-geral do Partido Socialista Giacomo Matteoti, preso e assassinado pelos fascistas em 1924.

Na Rússia: O reforçamento do Partido Comunista. A reorganização econômica do país. A eletrificação em marcha. Duzentos milhões de arrobas de carvão do Donetz e outro tanto de trigo, para exportar.

No México, na América Central e do Sul: A exasperação da guerra de classes. O crescimento dos Partidos Comunistas. A rivalidade imperialista anglo-americana.

Na Ásia, África do Norte e do Sul, Austrália, Insulíndia<sup>17</sup>: O despertar das massas imensas.

Tal a situação internacional no momento em que rebentou a revolta de São Paulo. Trata-se, pois, de um episódio, uma escaramuça local de uma grande batalha internacional: a guerra internacional das classes.

No Brasil, a pequena burguesia luta contra o fazendeiro de café. Nos países “civilizados” o proletariado luta contra a burguesia. Eis a diferença, o que mostra o nosso atraso de pobres bugres da América do Sul.

No Brasil, os pequeno-burgueses lutam contra os agrários feudais como na Alemanha em 1848. No Egito de Zaglul Pacha, na Turquia de Mustapha Kemal, no Afeganistão de Amanullah, na Pérsia de Riza-khan, na Síria e na Mesopotâmia do Partido Nacional árabe, os burgueses em geral lutam contra os agrários feudais e lutam ao mesmo tempo pela independência nacional.

Episódio da luta de classes no setor brasileiro de uma batalha internacional: aí está a nossa interpretação da revolta de 5 de julho de 1924.

No entanto, qual é a interpretação legalista? “Um motim de oficiais reformados, inimigos da Pátria e da República”. E a interpretação dos revoltosos militares? Uma luta de patriotas con-

<sup>17</sup> Insulíndia: designação do conjunto das ilhas do sudeste da Ásia, que formam a Indonésia e as Filipinas.



tra as “satrápias”, contra o “nepotismo”, a “advocacia administrativa”. E a interpretação de muitos pequeno-burgueses, espectadores simpatizantes da revolta? Uma luta entre Isidoro<sup>18</sup> e Bernardes.

Nada disso! A realidade é outra. E só a compreenderão aqueles que, como nós, procuram ver, por trás dos bastidores, quem move o “arame” que faz dançar os bonecos no palco nacional e internacional.

### III - A SITUAÇÃO NACIONAL

A revolta de 1924, em São Paulo, não pode ser bem compreendida sem uma análise das condições complexas em que se encontra o país. É o que procuraremos fazer.

Lançando um golpe de vista geral sobre a situação brasileira, vemos apenas o tumulto. Babel. Mergulhando, porém, a olhar, encontramos, apesar do caos aparente ou real, uma situação mais ou menos definida.

#### (A) A situação fisiográfica

- Território amplo

Cinquenta e oito por cento da superfície estão cobertos de matas, quando essa proporção é reduzida em países industriais, como a Alemanha e os Estados Unidos, a 26% e a 25% respectivamente. Deduz-se daí que o homem ainda não conhece a terra, mal desbravada. Trata-se de um país ainda selvagem, onde a barbárie da mata é mais poderosa que o esforço civilizador do homem.

A terra ainda está em formação. Largos territórios como as baixadas: fluminense e amazonense ainda estão em elaboração, sujeitos a retificações contínuas.

<sup>18</sup> O general Isidoro Dias Lopes foi o comandante do levante tenentista de 1924, em São Paulo.

#### (B) A situação etnológica

O homem, como a terra, ainda está em formação. Não há o brasileiro – um tipo definido. Há uma mistura desordenada de raças e sub-raças.

O duplo caos da terra e do homem projeta-se sobre numerosos aspectos da vida nacional.

#### (C) A situação econômica

De um ponto de vista geral: a economia é instável, baseada num produto secundário, o café, sujeito a todas as flutuações do mercado, precisando do óleo canforado dos empréstimos e valorizações. Economia agrária, economia feudal, como a de Espanha, Pérsia, Síria, Mesopotâmia, Japão.

A indústria é incipiente, reduzida ao litoral e adjacências.

Há uma numerosa pequena-burguesia – rural, comercial, industrial, burocrática – procurando sempre conciliar: nos campos, o interesse dos colonos-servos com o dos fazendeiros; nas cidades, o interesse dos operários com o dos grandes burgueses industriais.

Existem 13 mil estabelecimentos industriais. Nos Estados Unidos seu número se eleva a mais de 290 mil. Há 275 mil trabalhadores fabris, isto é, reduzido número de elementos de progresso real. Já nos Estados Unidos só a International General Electric Company Inc. tem mais de 80 mil, a United States Steel Corporation tem 215 mil e, em todo o país, há 13 milhões. A Alemanha possui 15 milhões. Existem 14 mil metalúrgicos – número revelador da pobreza da metalurgia, a verdadeira base industrial de um país. Na América do Norte só as duas usinas de The Baldwin Locomotive Works possuem mais de 21 mil.

Há uns nove milhões de trabalhadores rurais, isto é, a dispersão, a descentralização, o analfabetismo, a inconsciência de clas-

se, a servidão medieval. Já nos Estados Unidos só existem 10 milhões e 900 mil numa população de 105 milhões.

Surgem as grandes distâncias e a relativa pobreza das vias de comunicação.

Milhares de estrangeiros não pretendem instalar-se aqui, e sim amealhar capitais e, depois, partir. Existem muitos novos ricos formados na guerra de 1914-1918. Milhares de brasileiros cujo ideal é a burocracia. Uma quantidade enorme de intermediários: econômicos como os quitandeiros e lojistas e políticos como os reformistas ou “socialistas”, religiosos, como os espíritas e teósofos, indivíduos que, geralmente, não possuem as qualidades dos extremos, tendo os defeitos de ambos. Um colonialismo econômico disfarçado, sob a tutela da Grã-Bretanha. A luta mortal anglo-americana pela posse do mercado. Eis o quadro geral da situação.

De um ponto de vista mais estatístico: o Brasil possuía, em 1920, 13 mil estabelecimentos industriais, para 648 mil estabelecimentos rurais. Os primeiros valiam um milhão e 815 mil contos; e os segundos, 10 milhões e 568 mil contos. Os trabalhadores fabris montavam a 275 mil. Os trabalhadores rurais, a cerca de nove milhões. Portanto, economicamente, o Brasil é um país agrário, país dominado pelo agrarismo e não pelo industrialismo, como a Alemanha.

A pequena propriedade rural não alcança sequer a décima parte do território: 9%. Portanto, o agrarismo nacional é o da grande propriedade, do latifúndio.

Há quatro séculos que domina a grande propriedade. Há um século apenas que se forma lentamente a pequena propriedade. Portanto, a grande propriedade tem raízes profundas na história do Brasil.

Existem 461 estabelecimentos rurais com uma média de 59 mil hectares, e 1207 com uma média de 15 mil. Portanto, a gran-

de propriedade é formada por 1668 estabelecimentos. Portanto, em 648 mil estabelecimentos, os que pesam são apenas 1668 – a minoria a dominar a grande maioria.

O número de estabelecimentos rurais com uma média de 19 hectares é de 317 mil e com uma média de 66 hectares é de 146 mil. Portanto, a pequena propriedade é formada por 463 mil estabelecimentos – dominados economicamente pelos 1668 acima, cujos donos são os senhores da nação.

Acompanhando mais longe a centralização rural, econômica, vemos que esses 1668 ainda podem ser reduzidos, ficando assim a nação subjugada pelos 73 grandes estabelecimentos rurais de São Paulo e pelos 133 de Minas. Quer dizer, são 32 milhões a trabalhar, estéril ou produtivamente, são 10 milhões de proletários e camponeses a morrer de fome, para que esses 206 proprietários tenham indigestões. E não há questão social no Brasil, diz Epirácio Pessoa. E a questão social é uma simples questão policial, diz Washington Luiz...

Também, o diretor-proprietário de uma fábrica de Moscou disse a Jules Huret, em 1892: “não há questão social aqui”. E 25 anos depois rebentava a revolução proletária!

#### (D) A situação política

De um ponto de vista geral:

A política é fatalmente agrária, política de fazendeiros de café, instalados no Palácio do Catete<sup>19</sup>. Existe uma oposição burguesa desorganizada, caótica. Dois únicos partidos organizados – o Comunista, ainda fraco, pobre, fundado há pouco mais de dois anos, e o Partido Republicano, dos grandes fazendeiros de café, partido forte, rico, partido do governo – quer dizer, os dois extremos, a

<sup>19</sup> O Palácio do Catete foi, até a mudança da capital federal para Brasília (em 1961), a residência do presidente da República e sede do governo.

extrema-esquerda e a extrema-direita.<sup>20</sup> Uma burguesia industrial e comercial politicamente nula, desorganizada...

O atraso político é tamanho que a burguesia industrial ainda não formou o seu partido, enquanto o proletariado já conseguiu forjar o seu partido desde 1922.

Toda a política nacional gira em torno da valorização do café. Para guardá-lo, o Estado constrói armazéns gerais. Para valorizá-lo contrai empréstimos vultosos e emite 910 mil contos, como ultimamente.

Dominado por esse agrarismo econômico, bem centralizado, o Brasil tinha de ser dominado pelo agrarismo político, consequência direta daquele. O agrarismo político é a dominação política do grande proprietário. O grande no Brasil é o fazendeiro de café, de São Paulo e Minas. O fazendeiro de café, no Sul, como o senhor de engenho, no Norte, é o senhor feudal. O senhor feudal implica a existência do servo. O servo é o colono sulista das fazendas de café, é o trabalhador de enxada dos engenhos nortistas. A organização social proveniente daí é o feudalismo na cumieira e a servidão nos alicerces. Idade Média. A consequência religiosa é o catolicismo. A religião que predominou na Idade Média, “tão justamente chamada a idade cristã”, segundo o clerical Mathieu, no seu curso de história universal, abençoado pelo papa Pio IX. E a consequência psicológica: no alto, a mentalidade<sup>21</sup> aristocrática, feudal; em baixo, a humildade.

<sup>20</sup> Este livro foi escrito, em grande parte, em agosto de 1924. Posteriormente, em maio de 1925, fundou-se o Partido Socialista, partido da pequena-burguesia liberal, expressão política da revolta militar de Isidoro. E apareceram outros agrupamentos com tendências partidárias: a Legião Cruzeiro do Sul e o Partido da Mocidade – fascistas declarados ou disfarçados (nota de Octávio Brandão à primeira edição).

<sup>21</sup> Há uma correção ilegível feita por Octávio Brandão nesse ponto. Na primeira edição o texto dizia: “no alto, o orgulho, a mentalidade aristocrática, feudal...” Octávio Brandão substituiu a palavra “orgulho” por outra que, infelizmente, não conseguimos decifrar.

Como tudo isso se combina! A economia é a base, a camada sobre a qual se superpõem a política, a sociologia, a moral, a religião, a arte, a filosofia, a história, a antropologia. A economia é em sociologia o que o granito é em geologia.

Os estados politicamente mais importantes são: São Paulo e Minas, terras do fazendeiro do café. Estes estados ocupam respectivamente o primeiro e o terceiro lugares sob o ponto de vista do valor dos estabelecimentos rurais, o terceiro e o segundo lugares no número dos estabelecimentos rurais. Depois, vem a Bahia, terra do fazendeiro de cacau e do plantador de fumo. Estado do Rio, onde o produto principal da receita foi ultimamente o café. Pernambuco, escravizado pelos usineiros. Rio Grande do Sul, o primeiro estado em número de estabelecimentos rurais, o segundo no valor dos mesmos, o terceiro na área. Estados agrários, estados feudais, ou semif feudais.

São Paulo e Minas são os senhores da nação. Mas São Paulo é o senhor de Minas. Por quê? Porque enquanto os estabelecimentos rurais de Minas valem um milhão e 961 mil contos, os de São Paulo valem dois milhões e 887 mil contos. A economia esclarece a política.

Em 1921, o Brasil exportou produtos no valor de um milhão e 709 mil contos. Pois, nesse total, somente o café rende um milhão e 19 mil contos. Em 1922, numa exportação de dois milhões e 332 mil contos, coube ao café a importância de um milhão e 504 mil contos. Em 1923, numa exportação de três milhões e 297 mil contos, tocou o café a importância de dois milhões e 124 mil contos. Por conseguinte: a economia nacional é dominada pelo café. Corolariamente: a política, a psicologia e a hierarquia social reinantes são cafeeiras. Quem manda na política nacional são os fazendeiros de café. A política tem de girar fatalmente em torno dos dois estados mais produtores de café – São Paulo e Minas. A miséria econômica e política da nação

provem, em primeiro lugar, dos fazendeiros de café de São Paulo e Minas. Tudo é para eles. As leis são aprovadas ou repelidas conforme seu desejo. Os impostos caem implacavelmente sobre a burguesia industrial e comercial, mas não sobre eles. Vede, por exemplo, o imposto sobre a renda. A lavoura e a propriedade imobiliária estão isentas dele.

Todo o país está envenenado pelo agrarismo católico, feudal e reacionário. Aurelino Leal, advogado, ex-chefe de polícia, representante do ministério público, professor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, pulgão constitucionalista, membro da comissão de estatutos do Instituto Histórico, interventor bernardista ilegal no Estado do Rio, era um vulgar perseguidor de operários e um vulgaríssimo fazendeiro de cacau no Espírito Santo. Representava o Sindicato dos Agricultores de Cacau da Bahia na Federação das Associações Comerciais do Brasil.

Ataliba Leonel, senador estadual, organizador de “batalhões patrióticos”, membro do diretório do Partido Republicano Paulista, coronel, é um rico fazendeiro de Piraju.

Fidelis Reis, deputado mineiro, apologista de Bernardes, publicou um livro cujo título já revela tudo: “A política da gleba”.

Firmiano Pinto, prefeito de São Paulo, legalista, era proprietário, em 1914, dos 260 mil cafeeiros da fazenda Serra, em São Carlos.

Camboim, deputado, é um grande proprietário rural feudal em Alagoas.

Sampaio Vidal, ministro, era proprietário, em 1914, dos 130 mil cafeeiros da fazenda São João.

Suassuna, presidente da Paraíba, e filho de uma família agroaristocrática, “amigo dos campos”, como ele próprio se intitula, é dono da fazenda Malhada da Onça.

Maciel, presidente de Minas, mora na fazenda Barreiros, perto de Belo Horizonte.

Alfredo Ellis, senador, era, em 1914, dono dos 11 mil cafeeiros da fazenda Embargo, dos 260 mil de Sant’Anna e do milhão de cafeeiros da fazenda Santa Eudóxia, todas em São Carlos.

O senador Góes foi proprietário do engenho Vila Flor.

Afrânio Peixoto, futuro deputado, professor substituto da Faculdade de Direito, membro da comissão de arqueologia e etnografia do Instituto Histórico, professor de higiene na Faculdade de Medicina, membro do conselho da Universidade, presidente da Academia de Letras, membro da Academia Nacional de Medicina, membro do Conselho Nacional do Trabalho, é um vulgaríssimo fazendeiro de cacau da região do rio Doce.

Dentre os velhos e novos politiqueiros de Alagoas verificamos: Sinimbu era proprietário em São Miguel, Jacinto de Mendonça, senhor dos engenhos Jussara e Oriente. O barão de Traipu, proprietário da fazenda Sobrado, Ulysses Luna e Luiz Torres são fazendeiros em Água Branca. Os Malta, proprietários rurais (feudais) em Cajueiro e Paulo Afonso. Rocha Cavalcanti, senhor de engenho em União, Batista Accioly, dono de coqueirais em Maragogi, Fernandes Lima, senhor de engenho em Camaragibe.

O perseguidor dos rebeldes palmarinos, Bernardo Vieira de Mello, era proprietário da fazenda Pindoba. Em 1638, os Rego Barros, os Cavalcanti, os Paes Barreto, os Vaz Pinto já eram proprietários rurais e escravistas<sup>22</sup> em Pernambuco. Em 1612 faleceu em Olinda um Pessoa, senhor de engenho em Serinhaém, casado com uma das filhas do primeiro senhor de engenho que houve em Pernambuco. Este último era um Albuquerque.

Hoje, os descendentes de todos esses escravistas barões feudais são os senhores da nação. Ide ao Congresso, revolvei as repartições públicas, e só encontrareis isto: agrários ou descendentes de

<sup>22</sup> Na primeira edição constava “feudais”, que Octávio Brandão substituiu por “escravistas”.

agrários. São eles os legisladores e executores; são eles os sanguesugas; são eles os juizes e os carrascos. Sobretudo, os carrascos...

Um Vieira de Mello (Alfredo Pinto) celebrizou-se pelas deportações de trabalhadores. Os Rego Barros, os Paes Barreto são esteio do Estado. Um Cavalcanti de Albuquerque é ministro do Supremo. Um Albuquerque Cavalcanti é príncipe da Igreja. Um Pires é Albuquerque e procurador da República. Um Sá e Albuquerque é juiz da 1ª Vara. Um Albuquerque Coimbra (Estácio<sup>23</sup>) vice-presidente da República. Um Vaz Pinto é juiz substituto. Um Pessoa é comandante da polícia militar. Outro é ministro togado do Supremo Tribunal Militar. E um terceiro, Epitácio, é o pior reacionário do Brasil depois de Bernardes e (esplêndida ironia) membro da Corte Permanente de Justiça Internacional, o que prova tal corte não valer um caracol.

São eles os bispos, abades, priores, deões, reverendos, desembargadores, corregedores, ouvidores, alcaides, meirinhos, súditos d'El Rei Nosso Senhor o Agrarismo e do Senhor Cardeal Inquisidor-mór que Deus guarde. Sobretudo, agrários e inquisidores. Tais as camarilhas governantes.

Essa oligarquia agrária vive entrançada com a oligarquia financeira. Provas:

De um ponto de vista geral:

Além de 45 agentes, o Banco do Brasil, órgão financeiro do fazendeiro de café, possui 1.404 correspondentes derramados pelo país. Quer dizer, são 1.449 agentes da política financeira do Banco do Brasil, agentes do fazendeiro de café, instalados no Catete. Pois no montante desses 1.404, o primeiro lugar cabe a Minas Gerais, o segundo à Bahia e o terceiro ao Rio Grande do Sul, berço de Araújo Porto Alegre, construtor do Banco do Brasil.

De um ponto de vista particular:

<sup>23</sup> Trata-se de Estácio Coimbra, vice-presidente de Artur Bernardes (1922-1926).

Vital Soares, presidente do Banco Econômico da Bahia, apóia o agrário Góes Calmon.

Rui Barbosa, ligado à política do fazendeiro de café, foi ministro da fazenda no governo provisório. Conforme testamento, a maior parte da sua fortuna estava depositada em bancos. Seu neto, Raul Airoso, é funcionário do Banco do Comércio e Indústria de Minas. Rui Barbosa, baiano, isto é, agrário, adorava a Inglaterra, isto é, o país da burguesia financeira. Seu sucessor político é o agrário Miguel Calmon.

Geraldo Rocha, aliado de Bernardes e financista, é fazendeiro de gado, dono de mais de 3.000 cabeças em Vassouras.

Antonio Carlos, líder da maioria, expoente político do fazendeiro de café, é presidente da comissão de finanças da Câmara e já foi secretário da fazenda, em Minas, e ministro da fazenda.

José Maria Whitaker, exportador de café em Santos, fundou o Banco Comercial de São Paulo e já foi presidente do Banco do Brasil.

Felix Pacheco, ministro de um governo agrário, é devedor do Banco do Brasil, que facilitou os capitais para a compra do *Jornal do Comércio*.

Sampaio Vidal, ministro da fazenda, fazendeiro de café e criador de gado, fundou os primeiros armazéns gerais (*warrants*<sup>24</sup>), onde se combinam a finança e o café. Organizou em Santos a Bolsa do Café, foi o autor do projeto do Banco de Emissão e do Instituto de Defesa Permanente do Café.

Francisco Sá, nascido numa fazenda, já foi secretário da agricultura, em Minas, e membro da comissão de finanças da Câmara.

Plácido de Mello, panegirista do agrário Calmon, panegirista do agrário Bernardes, no comício legalista de 24 de julho, filisteu,

<sup>24</sup> Título de crédito negociável expedido pelos armazéns gerais com o caráter de recibo de mercadorias ali depositadas. Em inglês no original.

conformista, ex-presidente do Banco Popular, de um lado ganha, no Rio, no Ministério da Agricultura, os vencimentos de ajudante de inspetor agrícola em Mato Grosso e, do outro lado, funda caixas rurais com as diárias pagas pelo mesmo ministério e torna-as satélites do Banco do Distrito Federal, de que é presidente.

A Sociedade Mineira de Agricultura e o Banco Hipotecário e Agrícola de Minas aliam-se numa só pessoa para manifestar seu pesar junto ao túmulo do agrário Raul Soares, presidente do agrário Estado de Minas.

O conselheiro Antonio Prado, fazendeiro, monarquista e católico, irmão do fazendeiro, monarquista e católico Eduardo Prado, é presidente do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo.

O atual vice-presidente da República já foi ministro da agricultura e presidente da comissão de finanças da Câmara.

Andrade Bezerra, ex-deputado *rerum novarum*, e representante do Banco Nacional Agrícola de Lisboa é presidente do conselho consultivo do Banco Católico do Brasil.

O Estado agrário de Minas, o governo agrário de Minas, intervem no Banco de Crédito Real e Hipotecário e no Banco Hipotecário e Agrícola, com o fim de emprestar dinheiro aos agrários de Minas.

Entre os componentes da Missão Inglesa<sup>25</sup>, quatro são financistas e um, Lord Lovat, é grande proprietário rural. Ofereceu 20 mil contos por uma fazenda com 4 milhões de cafeeiros em Araraquara.

Fora do Brasil, o torpe chanceler austríaco Metternich<sup>26</sup> baseou sua política feudal e clerical nos agrários e financistas. Mauricio de

<sup>25</sup> Refere-se à missão econômica inglesa (1923-1924) enviada sob patrocínio dos banqueiros ingleses Rothschild e dirigida por Lord Montagu, para avaliar as condições financeiras do Brasil e as garantias ao capital estrangeiro, para a concretização de um empréstimo de rolagem da dívida externa brasileira.

<sup>26</sup> Conde, depois Príncipe, de Metternich-Winneburg, chanceler austríaco, um dos principais artífices do congresso de Viena (1814-1815), e encarnação inimiga dos nacionalistas, liberais e revolucionários na Europa de seu tempo.

Rothschild<sup>27</sup>, financista, ocupa-se de agricultura na Câmara francesa. Como o agrário se dá com o financista e vice-versa!

As companhias de seguros, irmãs dos bancos, fornecem aliados preciosos ao agrário político. Assim é que Whitaker, agrário e financista, fundou a Companhia Americana de Seguros e a Companhia Nacional de Seguros de Vida.

Afonso Celso, bernardista, foi diretor da companhia de seguros A Equitativa.

Antonio Carlos, deputado, é diretor da Sul América.

Henrique Lage, bernardista, é presidente de duas grandes companhias de seguros, a Lloyd Sul Americano e a Lloyd Industrial Sul Americano.

Góes Calmon, agrário político, inaugurador de caixas Raiffeisen. Plácido de Mello, baiano, isto é, agrário, governador agrário do Estado da Bahia, e acionista da Companhia Aliança que, em 1923, duplicou o capital, deu um dividendo de 20% e um lucro líquido de 4.551 contos.

Afrânio de Mello Franco, politiquero agrário, é presidente do conselho jurídico da companhia de seguros Previsora Rio-Grandense.

Nos Estados Unidos o bisavô do atual banqueiro Morgan enriqueceu com empresas agrícolas e especulações sobre seguros.

O agrarismo político manifesta-se na luta política das classes pela reação. Reação agrária, feudal.

Para compreender os laços que existem entre o agrário, a política e a reação, e só olhar para algumas figuras influentes na política, na religião etc. Artur Bernardes, presidente da Repúbli-

<sup>27</sup> Banqueiro do ramo francês dos Rothschild, família de banqueiros de origem alemã, que se estabeleceu desde o século XVIII nas principais capitais européias. Foram credores externos do Brasil desde o primeiro empréstimo externo, em 1825, e mantiveram sua hegemonia sobre as finanças externas do Brasil até o final da República Velha.

ca, presidente de estados de sítio, o chefe do Estado... de sítio<sup>28</sup>, Metternich provinciano, apoiando-se, como este, na finança e nos proprietários rurais feudais, é mineiro.

O ministro da "Justiça", João Luiz Alves, nascido numa fazenda, neto de um senador e ministro do Império-escravista, filho espiritual do barão de Santa Helena, ex-secretário das finanças em Minas, filhote do caudilho gaúcho Pinheiro Machado<sup>29</sup>: mineiro. Tendo ido à Academia de Letras substituir o mineiro Pedro Lessa, foi saudado pelo mineiro Augusto de Lima.

O deputado bernardista Efigênio Salles, organizador de um "batalhão patriótico" em Minas: mineiro.

O deputado bernardista Joaquim Salles: mineiro.

O deputado bernardista Afonso Pena Junior, filho de um monarquista, estudante do clerical Colégio do Caraça, bacharel por Minas, deputado por Minas: mineiro.

O ministro da Viação, Francisco Sá: mineiro.

O líder da maioria, Antonio Carlos, descendente do retrógrado burguês comercial português, adversário financeiro de Bernardes e colaborador político do mesmo, portanto, ventoinha política como o outro Antonio Carlos, que foi revoltoso em 1817<sup>30</sup> e reacionário em 1832: mineiro.

O chefe da delegação brasileira junto à Liga das Nações, Afrânio de Mello Franco: mineiro, ex-secretário da fazenda em Minas, ex-líder da bancada mineira.

O presidente de Minas, Raul Soares: mineiro.

O deputado que faz parte da Legião Marechal Fontoura, Augusto de Lima, pai do auditor encarregado do inquérito sobre

<sup>28</sup> Neste ponto, Octávio Brandão acrescentou uma palavra ilegível, que pode ser "jurista" ou "jesuíta" (MB).

<sup>29</sup> José Gomes Pinheiro Machado, político gaúcho, abolicionista e republicano, foi senador muito influente na República Velha.

<sup>30</sup> Trata-se da Revolução Pernambucana de 1817.

a revolta de 1924: mineiro. Augusto de Lima Junior, que vai em caminho de ser um Cruz e Silva – inquisidor dos Inconfidentes: mineiro.

O reacionário católico-monarquista, Afonso Celso, o filho do mais anti-republicano dos ministros do segundo Império escravista, o homem que teve a coragem inaudita de traduzir em verso a Imitação de Cristo: mineiro, ex-deputado por Minas em quatro legislaturas da monarquia.

O militante clerical João Gualberto: mineiro. O diretor da E. F. São Paulo-Rio Grande, funcionário ultralegalista: mineiro.

Ora, quem diz político mineiro, diz agrário, católico-feudal, super reacionário. Tal a camarilha.

O ministro das relações exteriores, Félix Pacheco, ex-funcionário da polícia, clerical, "bispo do exterior", como o chamou a mediocridade lantejoulada do agro-banqueiro Plácido de Mello, é filho do Piauí. Em 1920 o Piauí tinha somente 55 estabelecimentos industriais ao lado de 9.511 estabelecimentos rurais, o que revela seu atraso profundo.

O ministro da Agricultura, Calmon: baiano, clerical, fazendeiro de cacau, ex-presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, agrário retinto, amigo de Rui, o agrofinancista.

O governador da Bahia, Góes Calmon: baiano, agrofinancista, esmagador político da revolta de Sergipe.

O ministro da fazenda, Sampaio Vidal, homem de altos negócios: paulista, fazendeiro de café.

O presidente da Câmara, Arnolfo: paulista, fazendeiro de café, chefe político do interior, autor de um projeto de lei celerada.

Um dos membros principais da comissão de "justiça" do Senado, Adolfo Gordo: paulista, autor de duas leis celeradas.

O ministro da Marinha, Alexandrino: gaúcho.

O ministro da Guerra, Setembrino, militar profissional, filhote do Tesouro há meio século: gaúcho.

O vice-presidente da República: usineiro, agrário de Pernambuco.

E o cardeal Arcoverde, pernambucano.

Examinemos este último com atenção. Seu antepassado há mais de seis séculos e meio era gibelino<sup>31</sup>, isto é, partidário do imperador da Alemanha. Casou-se com a filha de um chefe gibelino. Por conseguinte: Arcoverde, como cardeal, é guelfo, partidário do papa. E, como Cavalcanti, é duplamente gibelino, partidário do Imperador. Alia, portanto, o papado ao imperialismo da época. Por outras palavras, alia o imperialismo romano-papal ao imperialismo germânico. Ainda mais: seu antepassado no século XV, Giovanni Cavalcanti, foi amigo e embaixador dos banqueiros Medici – sempre a finança. Um outro, Bartolomeu, foi secretário de um cardeal. E um outro, Felippo, que chegou a Pernambuco em 1558, possuiu vários engenhos, quer dizer, foi grande proprietário rural escravista. O cardeal brasileiro pertence, pois, a uma família imperialista há mais de seis séculos e meio, e agrário-aristocrática feudal há mais de três séculos e meio.

Por essas e outras, não há que se estranhar as leis excepcionais, as prisões, os chibateamentos e as deportações, contra nós, trabalhadores. As prisões, o fechamento de jornais e as intervenções anticonstitucionais, contra os pequeno-burgueses revoltosos.

O burguês industrial não é tão reacionário. Enquanto Bernardes era contra a anistia aos revoltosos de 1923, Carlos de Campos era favorável. No mesmo dia em que *O País* (7 de setembro) defende, em artigo de fundo, a necessidade de “leis excepcionais e julgadores inexoráveis”, publica um telegrama sobre o indulto de Carlos de Campos aos soldados revoltosos, considerados desertores.

<sup>31</sup> Em Florença, no século XIII, os partidários do papa eram conhecidos como guelfos e seus adversários, partidários do imperador, como gibelinos.

São dois mundos que se chocam: o feudalismo e o industrialismo. O industrialismo despedaçará o feudalismo. E o socialismo<sup>32</sup> despedaçará o industrialismo burguês.

### (E) A situação psicológica

Observamos, nacional como internacionalmente:

No pequeno-burguês, o romantismo, o sentimentalismo, o patriotismo, o empenho em reconciliar as classes, o desejo de prosperar, de enriquecer rapidamente, pelo jogo de bicho ou pela loteria.

No grande burguês industrial, a iniciativa, o espírito progressista, a preocupação do método, a sede de renovação técnica, o desdém pelo operário, o desprezo pelo pequeno-burguês, o liberalismo, a compreensão da irreconciliação das classes, o internacionalismo burguês.

No proletariado industrial, o espírito de classe, a revolta, o internacionalismo revolucionário.

No fazendeiro de café, a mentalidade reacionária do<sup>33</sup> barão feudal, a falta de escrúpulos, a rotina, a arrogância do junker e do boiardo, o mesmo apego a sua propriedade. No funcionário<sup>34</sup>, o servilismo.

No trabalhador de enxada, a humildade, a paciência, a resignação. No vaqueiro, a audácia.

No cangaceiro do Norte e no caudilho do Sul, a crueldade.

Vê-se, aí, como a economia modifica a psicologia.

### (F) A situação social

Na sociedade brasileira predominam quatro elementos: O

<sup>32</sup> Na primeira edição, em lugar de “socialismo” dizia “comunismo”.

<sup>33</sup> Octávio Brandão acrescentou uma palavra aqui, infelizmente ilegível.

<sup>34</sup> Mantive a palavra “funcionário”, da primeira edição, e que Octávio Brandão substituiu por outra, infelizmente ilegível.



“coronel” – fazendeiro, senhor de engenho, grande proprietário. O seu primeiro filho, o padre – vigário, bispo, arcebispo. O segundo filho, o oficial do exército – futuro marechal. O terceiro, o bacharel – católico, financista ou agrário<sup>35</sup>. Paulista, como Sampaio Vidal. Mineiro, como Bernardes, Baiano, como Rui. Homem dos textos. Charlatão da panacéia-lei, verbalista, discursador, como Rui. Super reacionário como Bernardes. Cruel como Geminiano França, politiquero, falsamente liberal, como Rui. Filho da Faculdade de Direito de São Paulo, como Rui, Afonso Celso, Antonio Carlos, Whitaker, Afrânio de Mello Franco, Regis de Oliveira, João Luiz Alves, Augusto de Lima, Assis Brasil<sup>36</sup>, Bernardes, Raul Soares...

O coronel, novo barão feudal, manda educar seus filhos. O primeiro vai ser o esteio do clero feudal, o esteio religioso do regime feudal. O segundo vai ser cavaleiro, o esteio militar do regime. O terceiro começa a ser o esteio político do regime desde que penetra na Faculdade de Direito, essa mistura medieval da universidade jurídica de Bolonha com a universidade teológica de Paris. Os outros ficam no eito ou no terreiro de secar café.

O “coronel” e seus filhos: tal é a sociedade brasileira, atacada de medievalite crônica – social, econômica, política, psicológica.

### (G) A situação medieval

Para acentuarmos ainda mais a Medievalite Nacional, vamos citar outras manifestações. Ficarão assim fora de dúvida que o Brasil ainda é, no conjunto, um país medieval, atrasado, sob este ponto de vista, cinco séculos no mínimo.

<sup>35</sup> Octávio Brandão fez um acréscimo neste ponto, infelizmente ilegível.

<sup>36</sup> Joaquim Francisco de Assis Brasil, político gaúcho, líder do Partido Liberal, foi dirigente da Revolução de 1923 contra o governo de Antônio Augusto Borges de Medeiros, no Rio Grande do Sul.

Manifestações econômicas: A miséria do povo. A igreja católica livre de impostos.

Manifestações políticas: O autoritarismo paterno sobre a família. Os padres, livres do serviço militar. Os bispos como intermediários nas lutas políticas – ver as atitudes do cardeal Sebastião Leme na presidência Epirácio e do arcebispo de São Paulo durante a revolta. A tendência, em Afonso Celso, para a monarquia aliada à Igreja. A tendência, em Jackson de Figueiredo, filho espiritual dos absolutistas como José de Maistre, na França, e Pobiedonostsev, na Rússia, para a autoridade de direito divino e para a teocracia.

Manifestações psicológicas: A moralina. A veia poética para o amor e o misticismo – ver os *minnsingers*, cantores místicos do amor. A vida contemplativa, sedentária, de milhares de brasileiros. A tendência para a rotina. O gosto pelas cores berrantes, predileção característica de povo bárbaro.

Manifestações religiosas: O terror diante das forças naturais. O terror de Deus. O terror de Satã. A escolástica nos Seminários e nas Faculdades de Direito. O tradicionalismo. A superstição. A espada de Damocles do além-túmulo. O culto da Virgem. A ilusão religiosa como consolação para os sofrimentos de origem econômica. A conciliação entre o paganismo (milagres produzidos pelas nascentes) e o cristianismo (dedicação dessas nascentes a algum santo). A conciliação entre o fetichismo e o catolicismo – ver o xangô, a macumba etc. A conquista religiosa dos maridos por intermédio das mulheres. A festa de São João, antiga festa pagã do sol. As ordens religiosas. A organização clerical, copiada literalmente da Idade Média (paróquias, dioceses e metrópoles). Os mosteiros. As relíquias. As peregrinações. Os heréticos, como Antonio Conselheiro e o padre Cícero. A ogiva gótica e a flecha românica, em numerosas igrejas, 1.516 contos para meter o boneco de Cristo no Corcovado.

Manifestações sociais: O artesão, o tamanqueiro. O caudilho, forma moderna do barão de presa ou rapina. O cangaceiro, revoltado, ao mesmo tempo, degenerescência do cavaleiro mercenário. O trabalhador rural negro, proveniente do escravo, exatamente como o vilão-servo da Idade Média. O rendeiro ou arrendatário, novo vilão-franco. A mulher a fiar na roca. A caça e a pesca – daí, a vida errante. A cabana do caboclo, isolada (daí o individualismo), sem chaminé, feita de palha de palmeira (de colmo, na Idade Média), construída à beira de rios ou riachos, o chão batido, a cumieira dividida em quatro lanços. A porta de palha trançada (de ramos trançados, entre os germanos). A bebida feita com água e mel ou aguardente e mel, o cachimbo, recordação do hidromel. O fausto bizantino entre os ricos das grandes cidades. A tortura nas prisões.

Esses rebotalhos da Idade Média estão condenados pela história. O industrialismo, que nos invade a largas passadas, destruirá parte deles. A revolução proletária completará a obra do industrialismo.

### (H) O confusionismo

Depois desses elementos, mais ou menos definidos, vejamos algumas amostras da embrulhada incrível, da tremenda confusão de classes e ideologias. Isto é natural porque a sociedade brasileira atravessa ainda a primeira fase da luta entre o industrialismo e o feudalismo e, por isso, repontam os primeiros prenúncios do futuro ainda envoltos nos cueiros do passado.

O *Correio da Manhã*, jornal onde pontifica a ideologia pequeno-burguesa, é sustentado pelos anúncios da grande burguesia comercial e industrial, o que, além de provar a confusão, mostra, todavia, a aliança entre essas duas categorias sociais<sup>37</sup>.

<sup>37</sup> Octávio Brandão fez uma correção ilegível neste ponto, suprimindo a expressão “duas categorias”. Por isso, preferi seguir a primeira edição, para manter o sentido da frase.

*O País*, órgão de todos os governos, mantém uma seção onde saem artigos de Lênin.

O *Jornal do Brasil*, grande empresa de publicidade, industrial, possui uma organização interior tão severa que nos faz lembrar o sertão de Pernambuco, onde se combinam o feudalismo e o catolicismo – ver Pereira Carneiro, pernambucano, católico, industrial (filho da fortuna).

O presidente Carlos de Campos, representante da burguesia industrial, presidente da Cia. Indústrias Têxteis de São Paulo sobem ao poder amparado pelos fazendeiros de café.

O escritor Bento de Faria engrandece ao mesmo tempo a obra de Lênin e a de Mussolini e congratula-se a 28 de julho pela vitória dos legalistas.

Mário Rodrigues, no livro *Babel* (nome típico), glorifica a revolução russa, o rei Alberto e o clerical Sidônio Paes. O presidente Epitácio, membro de uma família retintamente agrária, acionista do Banco do Brasil, inimigo do proletariado, monarquista e clerical, faz no governo uma política econômica industrialista, aliando-se à América do Norte.

O general Isidoro Dias Lopes, militar positivista de mentalidade pequeno-burguesa, que deveria apoiar-se nos industriais, chefia uma revolta que depõe o presidente paulista, chefe de burgueses industriais. Este, que deveria auxiliá-la, porque o seu objetivo principal visava ao fazendeiro de café, a esmaga, recorrendo a este agrário, instalado no Catete.

Numerosos pequeno-burgueses querem conciliar o paganismo com o cristianismo, o comunismo e o materialismo com o espiritualismo.

### (I) Síntese

Eis aí o que é o Brasil. País estapafúrdio, onde os extremos se chocam diariamente, onde as coisas mais incríveis são reali-

záveis, país semicolônial, semifeudal<sup>38</sup> e semiburguês industrial, país do absurdo e do confucionismo, tudo isso pesando sobre os nossos ombros e procurando desorientar os nossos cérebros. Mas, felizmente, tudo isso caminhando para a separação dos elementos díspares, para a clarificação das classes e ideologias.

Encarando as nossas lutas parciais, observamos: Os choques entre a burguesia industrial norte-americana e a burguesia financeira inglesa. O choque entre o fazendeiro de café, de um lado, e, do outro lado, o grande burguês manufatureiro, o grande burguês comercial, o usineiro, o pequeno-burguês rural, comercial e industrial, o operário, o camponês. Os choques entre o grande burguês industrial e o burguês financeiro. Os choques entre o grande burguês industrial e comercial e o fazendeiro de café. Os choques entre o pequeno-burguês rural e o grande proprietário (fazendeiro, senhor de engenho). Os embates entre o senhor de engenho e o usineiro. Os choques entre o pequeno-burguês comercial e o atacadista, isto é, o grande burguês comercial. Os choques entre o pequeno-burguês comercial e o senhorio. Os choques entre o artesão e o grande industrial. Os choques entre o operário<sup>39</sup> industrial e o trabalhador rural contra os grupos dirigentes<sup>40</sup> de hoje.

Tudo isso é dinamite. A qualquer momento pode explodir em crises, greves, guerras, revoltas, revoluções. O inferno católico e uma concepção de criança diante do horror desse quadro fatal, situação que, para nós, é necessária porque esse embate gigantesco é uma condição de progresso e porque desses horro-

<sup>38</sup> Na primeira edição dizia apenas "feudal".

<sup>39</sup> Na primeira edição dizia apenas "operário".

<sup>40</sup> Octávio Brandão fez uma correção de difícil leitura; usei "grupos dirigentes de hoje", embora MB acredite que também possa ser "grupos dominantes de hoje".

res é que brotará o socialismo<sup>41</sup>. Por isso, não trocamos esses horrores por todos os idílios da vida patriarcal.

#### IV - A PRIMEIRA REVOLTA

Para nós, o erro fundamental da primeira tentativa de destruição dos elementos feudais do país, a 5 de julho de 1922, e também da segunda, a 5 de julho de 1924, foi a inexperiência política, o desconhecimento dos segredos da arte séria que é a insurreição armada. A insurreição tem suas leis já conhecidas desde Marx e Engels: rapidez de ação, ofensiva brutal, violentíssima; atacar de frente; decidir-se a afrontar todas as conseqüências; atacar de imprevisto; alcançar cada dia novos sucessos; não dar tempo ao inimigo de reunir as tropas dispersas; manter o ascendente moral produzido pela primeira vitória.

Em 1922 os chefes eram uns incapazes: Nilo Peçanha<sup>42</sup>, parlapatão. Irineu (...) <sup>43</sup>, leviano. Borges de Medeiros, covardão que renegou. Hermes da Fonseca, figura antipática, antigo chefe de polícia, presidente da triste memória, herói de opereta, a esperar que os subordinados conquistassem a vitória na Vila Militar para depois ele assumir o comando.

O forte de Copacabana não bombardeou o Catete. Não foram presos o presidente da República e seus sucessores imediatos. Alguns cabeças do movimento da Vila Militar, que deviam estar aí há muitos dias, foram presos na Central, ao tomar o trem. O almirante Silvado, às vésperas da batalha, dormiu no Rio, sem prever a impossibilidade de transportar-se no dia seguinte a Niterói, imprevidência inadmissível num chefe. Os dezoito de

<sup>41</sup> Na primeira edição dizia: "comunismo".

<sup>42</sup> Nilo Peçanha, político carioca, presidente da República (1909-1910), cargo que assumiu com a morte de Afonso Pena, de quem era vice.

<sup>43</sup> Octávio Brandão acrescentou o sobrenome, mas é ilegível; provavelmente trata-se de Irineu Marinho.

Copacabana<sup>44</sup> foram heróicos, mas ingênuos. O general Clodoaldo da Fonseca, ingênuo também, pois vai acreditar na palavra de inimigos que aliam a brutalidade à velhacaria. O escravista Graça Aranha, romântico, metafísico, simbolista, idealista (no sentido filosófico), quer dizer, homem negativo numa revolta.

Nenhum manifesto que explicasse os fins do movimento. Nenhuma agitação nas ruas. Nenhum apelo ao proletariado.

Ideologicamente, essa revolta apresentava elementos liberais como Irineu, maçons como Nilo Peçanha e Joaquim Inácio, positivistas como Silvado, Borges de Medeiros<sup>45</sup>, Clodoaldo. A maioria tinha mentalidade pequeno-burguesa.

A derrota, em vez de endurecê-los, abateu-os. Nilo, Hermes, Joaquim Inácio pagaram seus erros com a vida. A maioria, dois anos depois, ainda purga suas ilusões pequeno-burguesas no fundo das masmorras.

Ah, o fazendeiro de café, "cristão", não tem piedade!

## V - A SEGUNDA REVOLTA

O movimento de 1924 ultrapassou de muito o de 1922. Basta ver que o fazendeiro de café mobilizou contra Sergipe 1.591 homens e, contra a cidade de São Paulo, 18 mil. Mas as ilusões pequeno-burguesas de seus dirigentes perturbaram-lhes a marcha.

A visão do especialista é sempre estreita. Se, além de especialista, tem uma mentalidade pequeno-burguesa, a visão é duplamente estreita. E, se além de especialista e pequeno-burguês é positivista, a visão é triplamente estreita. Ele só vê a sua especialidade. Traça um círculo ao redor de si e o olhar não vai além. Lembra o peru a rodar dentro de um círculo de carvão. Julga que

<sup>44</sup> Referência ao levante tenentista de 5 de julho de 1922, no Rio de Janeiro, conhecido como Dezoito de Copacabana.

<sup>45</sup> Antonio Augusto Borges de Medeiros, político gaúcho, positivista, governador do Rio Grande do Sul de 1898 a 1908 e de 1913 a 1928.

a sua especialidade resume o universo. O técnico só vê a técnica. Por isso, o bom artilheiro é geralmente um péssimo político. Não sabe combinar as forças para uma luta ampla. Não sabe dividir as forças do inimigo. Entende que a voz do canhão é o único elemento sério. O pior é que o técnico, não tendo a visão dilatada do político, não vê o principal. Quase sempre concentra as forças sobre elementos secundários.

Os chefes da segunda revolta demonstraram ser bons técnicos e maus políticos. Daí, uma das razões da derrota em São Paulo.

O Rio era um elemento principal. Rio e São Paulo, cérebro e pulmão. O pulmão foi ferido, mas o cérebro ficou intacto para dar ordens. Daí, outra das razões do fracasso.

A técnica de vistas curtas do especialista, a economia acanhada do pequeno-burguês e a filosofia estreita do positivista amalgamaram-se contra a vitória de São Paulo.

## VI - EM SÃO PAULO

O momento foi mal escolhido: o presidente paulista subira há pouco ao poder. Ainda ninguém se desiludira dele. Mas os revoltosos, como pequeno-burgueses subjetivistas, quiseram forçar a História, realizando a segunda revolta no mesmo dia da primeira.

A obra a fazer seria mais ou menos a seguinte: prender, pela madrugada, o presidente paulista e o comandante da região, os auxiliares e sucessores daquele, os congressistas, os oficiais legalistas. Dissolver imediatamente o executivo, o legislativo e o judiciário. Formar uma junta revolucionária composta de homens duros, ativos, realistas, de larga visão política. Concentrar todo poder nas mãos dela. Apossar-se dos telégrafos e telefones. Suspender todos os jornais, imprimindo um só, o oficial. Lançar pelos telégrafos, por aviões etc, um manifesto à nação, prometendo, para cumprir, melhorias econômicas e políticas. O mais breve possível, embarcar revoltosos para o Rio de Janeiro. A chegada

dessa tropa, engrossada pelo caminho, combinando-se com umas boas granadas enviadas por alguma fortaleza sobre o Catete, e a distribuição de milhares de manifestos explicando os fins da revolta, poderiam promover adesões e deserções, isto é, as preliminares da vitória. Ninguém ignora a importância da rapidez das operações. Muitas das vitórias de Napoleão provieram desse fator. Seria preciso aterrorizar o governo federal.

No entanto, que se viu?

Os revoltosos não concentraram forças contra o palácio dos Campos Eliseos<sup>46</sup>, tão mal guardado na madrugada de 5 de julho. Ainda no dia 8, o presidente paulista encontrava-se na capital. Quatro dias preciosos. Depois, pôde transportar-se livremente para Guaiabana. Os revoltosos concentraram forças sobre os quartéis. Não se lembraram de que, acima da autoridade militar, existe a autoridade política – o presidente do Estado. Os outros erros decorreram sensivelmente deste.

Os revoltosos permitiram ao comandante da região um pequeno discurso e a escolha do local da prisão. Passam-se horas, dias preciosos. A ofensiva oscila para a defensiva. Ora, a defensiva é a morte da insurreição armada. Ou a insurreição se alastra ou está perdida.

Os revoltosos não souberam explorar a rivalidade econômica e política anglo-americana.

Não se apossaram de Santos, ponto estratégico importante, para bombardear os navios legalistas e receber munições da América do Norte ou da Argentina.

Não souberam defender a Serra de Cubatão.

Não procuraram tomar como base a burguesia comercial e, especialmente, industrial, jogando-a contra o fazendeiro de café.

Não procuraram conquistar os usineiros de Campos e

<sup>46</sup> Na época, era a sede do governo do Estado de São Paulo.

Pernambuco, desgostosos, no momento, da política açucareira do fazendeiro de café.

Descuraram o auxílio do proletariado: greve geral e armamento.

Não prometeram melhorias econômicas ao povo. A diminuição de impostos para a grande indústria e o grande comércio. O direito de não pagar aluguéis, durante alguns meses, a fim de conquistar simpatias maiores no seio do proletariado, dos imigrantes e da pequena-burguesia. A melhoria de salários, horas de trabalho para os operários e camponeses.

Nenhuma organização constituíram na Central do Brasil para impedir o transporte das tropas legalistas.

Não fecharam os jornais de São Paulo nem calcularam a importância dos jornais do Rio, como também a dos discursos transmitidos pela radiotelegrafia, que mergulhavam no interior, lançando o desânimo e a confusão.

Não prenderam os elementos reconhecidamente reacionários.

Arvoraram-se em defensores da “maioria católica”.

Não empurraram certos elementos hesitantes para o campo adverso, a fim de levarem aí sua indecisão.

Admitiram que a diretoria da Associação Comercial espalhasse no dia 7 um boletim francamente derrotista.

Conservaram o prefeito (Firmiano Pinto, fazendeiro de café, “legalista declarado”, como o chamou o presidente da Câmara Municipal de São Paulo – ver *O Estado de S. Paulo*, de 19 de agosto).

Não dissolveram o Partido Republicano Paulista, nem, antes, souberam explorar a cisão havida nele com o rompimento de Altino Arantes<sup>47</sup>.

Foram apelar para um fazendeiro decrépito – um fazendeiro! – Antonio Prado, monarquista, que deu uma resposta desastrosa, comprometendo seriamente a revolta.

<sup>47</sup> Político paulista, governador (na época, presidente) do Estado de 1916 a 1920.

No final, evacuaram a cidade, alegando dois motivos inadmissíveis: evitar o bombardeio e as demonstrações das potências. Ao primeiro chamaram de “demonstração desalmada, grosseira e infame” – puro verbalismo de pequeno-burgueses sentimentais. O fazendeiro de café, instalado no Catete, mandou às favas todo o seu cristianismo e respondeu tratando-os de sentimentais. “Nada de sentimentalismos falsos” declara *A Notícia*, de 6 de agosto. Bela lição! Pois nunca se viu um revolucionário ser sentimental. Os revoltosos quiseram passar por “boas almas” aos olhos das hienas agrárias. Estão recebendo o pagamento.

Sobre a demonstração armada, alegaram querer “poupar a nossa querida e gloriosa pátria a um vexame tremendo”. Pobres pequeno-burgueses! Pois, olhem, o fazendeiro de café, para salvar seu predomínio, seria capaz não só de aliar-se a qualquer burguês estrangeiro, mas até de enforcar a própria mãe e incendiar cinquenta Brasis. Não compreenderam que o bombardeio levantaria, contra o bombardeador, um ódio cada vez maior, entre os habitantes da cidade, e que a demonstração armada acabaria de desmoralizar a política dos governantes agrários. Tais foram alguns dos erros que impossibilitaram a vitória dos revoltosos na primeira e definitiva etapa da segunda batalha.

A Associação Comercial nos primeiros dias apoiou o presidente paulista. Viu, depois, que poderia lucrar mais com os revoltosos pequeno-burgueses do que com o fazendeiro de café instalado no Catete. Assim, propôs um acordo. É que a grande burguesia comercial e industrial, apesar de todo seu atraso, começara a compreender que a revolta iria aplinar o caminho para a sua ascensão política.

A Força Pública de São Paulo sempre foi um elemento reacionário. Havia quem a chamasse os cossacos de São Paulo. O fato de revoltar-se demonstra que incêndios lavram nas profundezas dos subterrâneos sociais.

Logo nos primeiros dias, os legalistas de São Paulo decretaram lei marcial. No entanto, o Congresso Jurídico do Centenário aprovou a tese de Esmeraldino Bandeira<sup>48</sup>, segundo a qual a lei marcial só pode ser aplicada nos “casos de guerra externa ou internacional”, de acordo com a interpretação exata do artigo 72, parágrafo 21 da Constituição Federal. Esses bacharéis levam a vida toda a estudar as leis. Entretanto, ignoram-nas. Curiosos “legalistas”!

Em sua linguagem de “esteta”, o presidente paulista alegou que preferiria ver a cidade bombardeada, destruída, arruinada, a ter de sacrificar a legalidade, isto é, a sua dominação. Para ele, pois, vale mais o cargo de presidente do que uma cidade de 600 mil pessoas, cheia de riquezas sociais. Por outro lado, a palavra legalidade é uma pura abstração. E, no altar dessa abstração, ele e seus comparsas pretendiam sacrificar milhares de vidas preciosas. Por último, a legalidade atual é também uma ilegalidade. Proveio de uma revolta contra a legalidade monarquista, em 1889.

## VII - NO RESTO DO PAÍS

Até os últimos dias o país ignorou os fins da revolta.

Nenhuma organização de propaganda foi criada no Rio, em ligação com São Paulo. Nem agentes, nem tipografias, nem estoques de papel, nem mimeógrafos, nem máquinas de escrever. Nada.

O *Correio da Manhã*, jornal de ideologia pequeno-burguesa, premido pelo sítio e pela censura, limitou-se a uma resistência passiva. Isto enquanto *O País*, *a Gazeta de Notícias* e outros desencadearam uma ofensiva implacável.

O *Correio da Manhã* seguiu a tática inócua de Gandhi. Seus diretores tinham prazer em ser presos. Por último, foi suspenso,

<sup>48</sup> Político pernambucano, ex-deputado federal e ministro da Justiça e Negócios Interiores de 1909 a 1911.

sem que o fazendeiro de café desse a menor satisfação. Isto demonstra que, para os “legalistas”, os direitos constitucionais não valem um real. O *Correio da Manhã* está pagando, com o sofrimento de seus diretores e as dificuldades econômicas de seus empregados, o grave erro político de ter apoiado a reação que Epitácio desencadeou contra nós, trabalhadores.

A *Noite*, oposicionista furta-cor, foi indecente. No primeiro dia apareceu dizendo: rebentou um “pequeno” movimento. Já o líder da maioria, no discurso de 19 de julho, chama-o “um dos mais graves, se não o mais grave movimento que os brasileiros puderam testemunhar”.

Não se admira esse derrotismo d’A *Noite*. Que poderá sair de um jornal que caiu nas boas graças dos mineiros clericais? Que sairá da cabeça de Irineu Marinho que anda a mendigar a benção do Vaticano para sua família até a milionésima geração?

Esse mesmo jornal noticiou com sarcasmo, a 23 de agosto, a expulsão de vários proletários, ideologicamente menos comprometidos na revolta do que ele. Apoiou, portanto, a polícia. A *Noite* esquece-se de uma coisa: as cadeias que a pequena-burguesia auxilia a polícia a forjar, hoje, contra o proletariado, amanhã serão empregadas contra ela própria. A mesma lei (nº 4.269) que fechou a União dos Operários em Construção Civil, fechou o Clube Militar, composto dos que bateram palmas a essa lei. Como Aubriot, os militares construíram a Bastilha e, depois, foram encarcerados nela. Não sabem os pequeno-burgueses que o primeiro enforcado em Montfaucon foi precisamente o criador desse cadafalso?

Pense também A *Noite* no seguinte: em 1917 o proletariado industrial vivia numa grande efervescência, devido a uma razão econômica principal – a insuficiência dos salários – e a uma razão política principal – a vitória da revolução russa. Nessa época, embora lutando já com grandes dificuldades, a pequena-burgue-

sia ainda acalentava a esperança de melhorar economicamente. Por isso, auxiliou o fazendeiro de café, em 1919-20, a despedaçar o movimento revolucionário do proletariado.

Foi, então, o período doloroso das prisões e deportações, aplaudidas pelos órgãos da pequena-burguesia, a começar pela A *Noite* e pelo *Correio da Manhã*. O fazendeiro de café, tendo esmagado o movimento proletário, ficou com o campo livre. Começam, então, as grandes bandalheiras de 1920-22. Neste último ano, a pequena-burguesia, cada vez mais proletarizada, desperta da ilusão. Entra em luta contra o fazendeiro. O fazendeiro esmaga-a facilmente. Em 1924, nova tentativa. E nova derrota, embora parcial. Então, a vanguarda da pequena-burguesia compreende o erro. Mas quase já era tarde: o movimento proletário, que lhe seria um coadjuvante precioso, estava abatido e só com grande esforço é que começava a reerguer-se. A pequena-burguesia pagou e pagará com sangue seu erro de 1919-1920. O fazendeiro de café só será derrubado pela frente única momentânea do proletariado com a pequena-burguesia e a grande burguesia industrial. Portanto, todas as vezes que a pequena-burguesia auxilia a reação contra o proletariado, está forjando cadeias contra ela própria.

A 12 de julho, a revolta rebentou em Sergipe. Vinte dias de vitória, perdida por causa das tropas da Bahia, onde domina um clerical, auxiliadas pelas de Alagoas, onde é governador um ex-diletante do anarquismo e filho de um militante do abolicionismo. E nada de certo se sabia no Rio. Os revoltosos fogem ao primeiro encontro – uma escaramuça de 15 minutos em Água Bonita, onde não houve mortos nem feridos. E abandonam Itaporanga e Aracaju sem combate, o que é inadmissível.

Ficou vencedora a reação sergipana. Religiosa, com Jackson de Figueiredo. Gramatical, com Laudelino Freire. Politiqueira, com Gilberto Amado, Porfirio de Brito, Ciro de Faria e Graco Cardoso. Gilberto Amado, glorificador de Mussolini, e um filho-

te político de Pinheiro Machado, o politiqueiro rural. Porfirio é um “coronel” da região agrária do São Francisco, grande proprietário rural feudal.

Ciro é o único reacionário de uma família liberal. Como compreender isso? Giro, chefe de polícia em comissão, já foi oficial de gabinete do agrário Simões Lopes no ministério agrário e é 2º oficial da diretoria de estatística desse ministério. Graco Cardoso é um agrário retinto: ex-professor de legislação rural, ex-secretário do agrário José Bezerra, panegirista do agrário Simões Lopes, ex-superintendente dos patronatos agrícolas, paraninfo de agrônomos, organizador dos estatutos da Caixa Rural de Aracaju. Agrários...

A 26 de julho, estourou a revolta no Pará. Suas origens econômicas: a crise financeira. A crise da borracha. Os credores pequeno-burgueses do Estado, em atraso. Aí, o erro principal de São Paulo (o não aprisionamento do governador) foi repetido, complicando-se com a liberdade do comandante da região, com o esquema empregado pelos legalistas católico-maquievélicos, e com a morte, em combate, do chefe revoltoso. E quando se veio a saber desse movimento já estava sufocado. Os episódios de Sergipe e do Pará mostram a importância da audácia na insurreição. É preciso agir, tocar para frente, não pensar mesmo na retirada. Mostram também a fraqueza dos governos estaduais.

No Amazonas, os revoltosos baixaram um decreto (nº 1.484) organizando a guarda cívica para atender à “defesa da propriedade”. Foragidos agora estão recebendo o pagamento desse respeito místico à propriedade feudal e burguesa<sup>49</sup>. Todavia, o Amazonas foi o lugar onde os revoltosos tiveram alguma visão política.

Além de São Paulo, os revoltosos contavam com cinco estados: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas e Mato Grosso. Nenhum se levantou. Contaram com o Sul. Não contaram com o

Norte. Mas o Norte revelou uma audácia que não tiveram os cinco estados do Sul. Além disso, a rebelião do Norte prova: economicamente, uma situação má; psicologicamente, a sede de revolta, o espírito de sacrifício da pequena-burguesia nortista. O Sul está cheio de estranhas aves de arribação, enquanto o Norte apresenta uma certa unidade histórica, étnica e moral<sup>50</sup>.

Os deputados pequeno burgueses Bergamini<sup>51</sup> e Azevedo Lima<sup>52</sup> levantaram alguns protestos contra o coaxar do Congresso em vão. Seus discursos não foram publicados nos jornais. Alguns nem mesmo publicados no *Diário Oficial*. E outros publicados com atraso. No Amazonas, os legalistas depuseram o governador legal, por ter sido simpatizante à política de Nilo Peçanha. Provam estes dois fatos que os “legalistas” muito pouco se preocupam com a legalidade.

O pequeno-burguês Azevedo Lima andou com umas coceiras comunistas. Mas sua oposição ao bernardismo foi tipicamente pequeno-burguesa.

Desconhecidos enviam uma bomba ao general Potiguara<sup>53</sup>. E quem paga é o proletariado: prisões, deportações.

A Cruz Vermelha brasileira que, apesar de solicitada, nada fizera pelos flagelados russos de 1921, assinou cinco contos numa lista para auxiliar os soldados da reação. Miserável humanitarismo burguês!

<sup>50</sup> Na primeira edição dizia: “unidade étnica e moral”.

<sup>51</sup> Adolfo Bergamini, deputado federal em 1924, 1927 e 1930; participou da Revolução Liberal de 1930.

<sup>52</sup> João Batista de Azevedo Lima, político carioca, democrata, em 1927 aderiu ao Bloco Operário, liderado pelo Partido Comunista do Brasil. Em 1928, foi eleito deputado federal pelo BOC (Bloco Operário Camponês), do qual foi presidente até 1930.

<sup>53</sup> General Tertuliano Potiguara, reprimiu os movimentos revolucionários de 1922 e 1924.

<sup>49</sup> Na primeira edição dizia: “propriedade burguesa”.



A Legião Republicana Marechal Fontoura, esta caricatura dos Cem Negros do czar, jura que “não mais há de ser permitida no seio do país a propaganda de idéias revolucionárias”. O *Jornal do Comércio*, órgão do Banco do Brasil, órgão do financista aliado ao agrário, em seu número de 28 de agosto, noticia três vezes esse juramento. Também o gabinete japonês Kiura, composto de agrários de direita como Bernardes, inscreveu no seu programa: “guerra de idéias subversivas”. Em vão.

Os Cem Negros juraram contra a revolta exatamente no local onde, em revolta, foi proclamada a República. Ironia esplêndida? Comédia ainda melhor acentuada com o comparecimento de três clubes carnavalescos!

O orador oficial da polícia na manifestação policial dos Cem Negros fez uma apoteose ao Estado de Minas. É natural. Minas tem sido uma Baviera brasileira: católica, feudal, agrária, legalista.

Nicolau Romanov foi o patrão dos Cem Negros. Luiz Napoleão, o patrono da Sociedade Dois de Dezembro. Bernardes é o patrono da Legião Fontoura. De pleno acordo.

Chefiaram a reação em Mato Grosso: os “coronéis” Gomes, Valêncio, Nogueira e Gonçalves, todos eles fazendeiros e criadores. Gomes foi comandante da polícia, deputado estadual e é chefe político, como também o são Valêncio e Gonçalves. Nogueira comanda um “batalhão patriótico”. Como o político e o agrário formam uma só pessoa no Brasil?

Itapetininga foi um dos esteios da reação no Estado de São Paulo. Ora, Itapetininga é a terra do agrarismo algodoeiro.

Desempenharam um papel reacionário: Minas, Bahia e Rio. Igualmente: Alagoas, Espírito Santo e Estado do Rio. Ninguém deve estranhar.

Minas, dentro de cujos limites caberiam os territórios reunidos de Alemanha, Bélgica, Holanda, Suíça e Dinamarca, que ocupa o primeiro lugar na aliança com o Banco do Brasil, o primeiro

lugar na área dos estabelecimentos rurais, o segundo lugar no número destes, o terceiro lugar no valor dos mesmos. Minas, Estado agrário, ocupa o quinto em força-motriz e produção industrial e o sexto em capital empregado na indústria.

Num país pouco industrial como já é o Brasil, num país de pequena indústria, num país que só tem 31 fábricas com mais de 1.000 operários, num país de 32 milhões de habitantes, mas onde só existem 14 mil metalúrgicos afogados em oito e meio milhões de quilômetros quadrados – imaginai o que será o sexto estado sob o ponto de vista industrial, principalmente tendo-se em vista que, apesar de todo o seu tamanho, é o quinto estado em extensão territorial! Que poderão fazer os 18 mil operários, ainda atrasados, de Minas, submergidos na onda de um milhão e tanto de trabalhadores rurais dominados pelos vigários e fazendeiros!

Acrescentemos mais: Minas era governada no momento por um mineiro que fez os estudos propedêuticos num seminário e morreu ungido por um cônego-senador e benzido pelo papa. Ainda mais: Minas é a terra de reacionários retintos como o secretário do ministro da guerra (Cipriano Lopes) e o interventor no Amazonas (Alfredo Sá) que, escolhido pelos mineiros Bernardes e João Luiz, foi, por sua vez, à capital de Minas, escolher sua corte: um inspetor das rendas mineiras, um delegado de polícia mineira, um professor da Faculdade de Direito celestial de Belo Horizonte e um auxiliar de gabinete do novo presidente de Minas, o fazendeiro Olegário Maciel.

Ah, Minas!, terra dos cruéis cavalarianos do conde de Assumar, assassino e maquiavélico. Terra de frades, como Durão<sup>54</sup>, discípulo dos jesuítas, professor de teologia em Coimbra, a teológica. Terra onde o primeiro livro impresso já trazia uma dedicatória palaciana. Terra de gramáticos e latinistas, de rábulas e sofistas

<sup>54</sup> Santa Rita Durão, frade e poeta colonial brasileiro, autor de *Caramuru*.

do direito. Terra dos piores ministros da monarquia. Terra do retrógrado visconde de Ouro Preto. Terra dos piores estadistas da República, terra onde se asilaram os reacionários de 1893 e 1894, como Laet e Bilac. Terra onde os presidentes como João Pinheiro são ex-professores de latim do seminário de Mariana e são enterrados no adro das igrejas. Terra onde os politiquieiros dessa pobre República semi-feudal e semi-burguesa<sup>55</sup> guardam os dogmas católicos, como é declarado descaradamente no mausoléu de Bias Fortes. Terra de monarquistas e santarrões como Afonso Pena. Terra onde se fez Alfredo Pinto, inquisidor de proletários. Terra que não pode passar sem monumentos a Cristo Redentor. Terra de múmia como Silvério Pimenta, de palavristas como Júlio Maria, de bacharéis clericais como Nazareth Menezes, de ventoinhas ideológicas como Felício dos Santos, de doidos místicos como Alphonsus de Guimarães. Terra onde o governismo é tão grande, que nunca precisou de estados de sítio. Terra do agrarismo... Ah, Minas! Tão bela e tão rica, mas tão atrasada!

Bahia ocupa o segundo lugar na aliança com o Banco do Brasil, o quarto lugar no número e no valor dos estabelecimentos rurais. Bahia, Estado agrário, ocupa o sétimo no número de estabelecimentos industriais, no capital empregado e no número de operários. Ocupa o oitavo no valor da produção industrial e o décimo na força-motriz. Que significam esses números? O agrarismo na economia e na política. O clericalismo na sociedade. O tradicionalismo reacionário da psicologia. Exatamente! Por isso não se admira que a Bahia tenha produzido uma raça de sermonistas como Eusébio de Matos e de retóricos como Rocha Pitta, o agricultor, e como Rui, o financeiro. Não se admira que seja o berço do catequista Vicente do Salvador, do poeta claustral Junqueira Freire, do agrário catita e “catetista” Afrânio Peixoto,

<sup>55</sup> Na primeira edição dizia: “República burguesa”.

do policial e agrarista Aurelino Leal, proprietário de 100.000 cacaueiros na região do rio Doce. Não se admira que tenha gerado o ultramontano Antonio de Macedo Costa e o absolutista Baltazar Lisboa, e tenha fuzilado Miguelinho, Abreu Lima e Domingos José Martins, líderes da revolta pernambucana de 1817.

O Rio de Janeiro é o primeiro centro industrial do país. Seu capital empregado na indústria monta a 441 mil contos quando o de todo o Estado de São Paulo monta a 537 mil contos. O Rio, cidade industrial, desempenhou, contra seu desejo, um papel objetivamente reacionário. Sua vontade revolucionária ficou paralisada porque teve contra si<sup>56</sup> falta de preparação dos revoltosos; o funcionalismo, peso morto<sup>57</sup> donde só tem saído céticos como Machado de Assis e reacionários como Carlos de Laet. A massa de burgueses comerciais portugueses, republicanos de fachada, monarquistas na medula – a casta que bateu palmas ao martírio de Tiradentes no campo da Lampadosa. A venalidade dos jornalistas. O servilismo dos literatos. O guelismo dos pequeno-burgueses e a compreensão do mineiro clerical (duas palavras que se subentendem), o agrário do Catete, que a insulta, como por ocasião das eleições de 17 de fevereiro, a odeia e pensa em tirar-lhe o direito secular de capital do país. Não se admira esse ódio. O chanceler Bismarck, proprietário rural, autor de leis celeradas, também odiava as cidades industriais.

Alagoas é a terra do agrário retrógrado, o senhor de engenho, e do agrário ainda mais retrógrado, o senhor de engenhoca. É a terra das adesões e da politiquice, da traficância e da beatice. Berço de reacionários religiosos como Perillo Gomes, imperialistas como Elísio de Carvalho, políticos como Eusébio Matos. Ber-

<sup>56</sup> Neste ponto há um acréscimo ilegível feito por Octávio Brandão.

<sup>57</sup> Neste ponto, há uma anotação ilegível, feita por Octávio Brandão; por isso mantive o texto original: “o funcionalismo, peso morto...” (MB).

ço de “socialistas” como Pontes de Miranda que sublimam o agrário do Catete, vão a Santiago cumprir as ordens dele, recebem um prêmio pelo panegírico que teceram e levam ao mesmo agrário uma inteira solidariedade durante a revolta de 1924. Terra onde os revoltosos de 1817 foram batidos pelos pardos de Penedo e pelos índios de Atalaia...

O Espírito Santo está empestado de agrarismo. Sua economia, portanto, sua política, é dominada pelo café.

O Estado do Rio, depois que a oposição se desagregou pela sua incapacidade e covardia, ficou entregue ao agrário do Catete.

\*\*\*

Num discurso na Faculdade de Medicina, o diretor Aloísio de Castro diz que “execra a violência”. Mas de julho de 1924 em diante, mal se formava no horizonte político uma nuvem revoltosa, logo esse tolstoiano capenga voava ao Catete, a levar sua solidariedade à violência de Bernardes. Que poderá sair de faculdade semelhante? Apenas isto: discípulos de São Lucas, entronizadores do coração de Jesus.

Ah, os estudantes das universidades! Aqui, como em toda parte, estão a serviço da besta reacionária. A junta militar tinha, entre seus membros, dois professores de universidades. O imperialista Curzon<sup>58</sup>, explorador dos hindus, já foi chanceler da universidade de Oxford. E, em 1908, a Universidade de Yale conferiu o grau de doutor ao brutal financista Morgan.

O *Correio da Manhã*, fechado contra a legalidade burguesa, recorre ao Supremo Tribunal Federal... do capitalismo. Mas o

<sup>58</sup> George Nathanael, 1º marquês de Curzon of Kedleston, deputado conservador inglês e vice-rei da Índia (1898-1905), foi secretário britânico dos Negócios Estrangeiros (1919-1924).

Supremo, composto de antigos policiais, nega-lhe o *habeas corpus*. Só assim é que a pequena-burguesia perderá suas ilusões.

Segundo o *Jornal do Comércio*, de 29 de janeiro de 1925, o procurador da República, Pires e Albuquerque, na discussão desse *habeas corpus*, reconhece que o direito e a vontade do povo expressa na Constituição são “ficções”. Confessa, pois, uma velharia que estamos cansados de repetir. Mas, em nome dessas ficções, vivem eles e seus amigos a fazer a defesa do agrarismo e do despotismo, parasitas do suor dos trabalhadores.

Os pequeno-burgueses revoltosos querem ainda passar como sendo respeitadores da propriedade. O jornal ilegal *O 5 de julho* chegou até a defendê-los a esse respeito. Mas perguntamos: e os 5.200 contos da Noroeste do Brasil?<sup>59</sup> E os 1.000 automóveis? E as locomotivas da Cia. Paulista<sup>60</sup>? E os 30 mil contos da Delegacia Fiscal? E as cabeças de gado saqueadas? Pode-se chamar isto respeito à propriedade?

Em 1918-1920 os pequeno-burgueses diziam horrores de nós porque – internacionalistas coerentes – nos aliávamos aos trabalhadores estrangeiros contra a burguesia nacional e internacional. Pior: aplaudiram as 150 deportações epítacias. Pois hoje a pequena-burguesia nacional se junta a estrangeiros contra os grandes agrários nacionais<sup>61</sup>. E então, senhores pequeno-burgueses? Onde está o vosso “patriotismo” de 1919? Onde metestes a vossa teoria sobre os “indesejáveis”? Com que cara vos unis, hoje, aos companheiros dos martirizados de 1919-1920? Por que não vos aliais, hoje como ontem, aos Geminianos e Epítácios? Não há como o tempo para desmascarar a pequena-burguesia troca-tintas!

<sup>59</sup> Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

<sup>60</sup> Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

<sup>61</sup> Na primeira edição dizia: “contra a grande burguesia agrária nacional”.

Bernardes procura obter um empréstimo em Londres. Mas o *Dally News* acha que o Brasil não pode merecer créditos enquanto não cumprir o Relatório Montagu<sup>62</sup>. Por outras palavras: Rothschild só emprestará dinheiro aos agrários nacionais depois que eles transformarem o Brasil numa espécie de Índia.

Ainda a 4 de fevereiro de 1925, numa circular, o arcebispo de São Paulo não sabe ao certo por que e para que se batem legalistas e revoltosos. Não sabe?! Consulte o Espírito Santo!... Na mesma circular diz que essas revoltas constituem “pecado e gravíssimo pecado mortal”. Repete duas vezes as palavras reacionárias de Paulo de Tarso a favor de todos os governos. E manda que os vigários rezem missas e ladainhas, e acendam círios pela terminação dessas revoltas... Estão bem arrançados os agrários: já não têm mais fé na lealdade de seus soldados e precisam recorrer ao outro mundo. Quando uma classe recorre ao outro mundo é porque já nada mais espera deste mundo, isto é, do nosso mundo!

Cincinato Braga... O presidente do Banco do Brasil, tão silencioso, tão santinho no seu poleiro da rua da Alfândega, com seus arcos angélicos, no entanto, representou um papel tão reacionário como Fontoura<sup>63</sup> na rua da “(Delação)”<sup>64</sup>. Cincinato na política financista, João Luiz Alves na política da esperteza, Fontoura na política da brutalidade, foram equivalentes. Eis a lição do marxismo leninista. Tão perigoso foi o primeiro como os outros dois. Pior: em dados momentos, a obra de Cincinato foi mais terrível-

<sup>62</sup> Referência ao relatório da missão econômica inglesa (1923-1924) enviada sob patrocínio dos Rothschild e dirigida por Lord Montagu, para avaliar as condições financeiras do Brasil e as garantias ao capital estrangeiro, para a concretização de um empréstimo de rolagem da dívida externa brasileira.

<sup>63</sup> General Manoel Lopes Carneiro da Fontoura, chefe de polícia no Rio de Janeiro na década de 1920.

<sup>64</sup> O nome da rua “(Delação)” consta, entre parênteses, da primeira edição e foi mantido assim por Octávio Brandão, em sua revisão.

mente bernardista que a obra de Fontoura e João Luiz. Mais profunda que a política é a economia.

Com efeito: Fontoura e João Luiz muitas vezes atuam sobre os efeitos. Exercem uma terapêutica repressiva, que esmaga o adversário, hoje, para vê-lo renascer amanhã – mais forte. Ao passo que Cincinato, durante a revolta, realizou na presidência do Banco do Brasil uma política profilática, atacando certas causas, removendo todo material explosivo.

Foi publicada n’*O Jornal*, de 3 de janeiro de 1925 a carta que Cincinato escreveu a Bernardes. Por ela se vê que, em julho de 1924, com a alfândega de Santos, a delegacia fiscal de São Paulo e 212 coletorias, fechadas, o Tesouro se debatia numa situação difícil. Por outro lado, as despesas aumentavam extraordinariamente. Era o pagamento dos dividendos de apólices e dos cupons da dívida externa. Era o sustento de 15 mil soldados combatendo em São Paulo. Era o transporte de tropas dos confins do país. Era a receita reduzida a zero com a despesa multiplicada por mil.

Os estabelecimentos comerciais, bancários, industriais do Estado de São Paulo estavam paralisados. Seus credores nos outros estados achavam-se em vésperas de falir, por não terem sido pagos e assim não poderem fazer frente aos compromissos. Os grandes bancos do Rio, retraídos. As fábricas cariocas, por falta de crédito, iriam parar. A massa enorme de operários rebeldes invadiria as ruas, desocupados, prontos para a atear a revolta. Os bancos de depósitos, esvaziando-se. Em São Paulo, depois da retirada dos revoltosos, a maioria dos bancos iria falir por falta de numerário suficiente.

Quem evitou tudo isso? Quem salvou o domínio econômico e financeiro dos agrários<sup>65</sup> em situação tão difícil? O Banco do Brasil com suas emissões, Cincinato Braga com sua esperteza!

<sup>65</sup> Na primeira edição dizia: “burguesia agrária”.

Mesmo que Cincinato tenha exagerado seus serviços na carta em questão, mesmo assim seu papel foi ultra-reacionário.

Imaginai o quadro: os bancos e o Tesouro, sem dinheiro. As fábricas, paradas. Os operários, pelas ruas. Os funcionários, com os vencimentos atrasados. O governo, sem poder sequer pagar o transporte das tropas. Os soldados, descontentes. A multidão protestando nas praças públicas ou assaltando os armazéns de comestíveis. A burguesia anglo-americana reclamando contra o atraso nos pagamentos. Milhares de casas falidas. Bondes e trens parados. Greve geral revolucionária. Crise econômica, política, psicológica. Falência total do regime feudal do Brasil...

Imaginai o quadro e concluireis fatalmente: o regime feudal do Brasil teria sido despedaçado... Nada o teria salvo. Pois isto foi evitado no momento pela velhacaria de Cincinato Braga. Cincinato salvou o bernardismo em julho de 1924. A vitória militar tem de ser uma vitória econômica. Mas, por esses tão grandes serviços, Cincinato já recebeu o pagamento: Bernardes meteu-lhe um pontapé na traseira e mandou-o recolher-se à privada.

Assim acabarão todos os cães de fila da burguesia. Assim acabarão todos os lacaios de Joaquim Silvério, todos os traidores da nação.

### VIII - O RIO GRANDE DO SUL

A contra-revolta de 1893 arruinou muitos estancieiros. Obrigou-os a retalhar seus campos para dar lugar ao pequeno proprietário.

Em 1920, no número de estabelecimentos rurais, o Rio Grande do Sul ocupava o primeiro lugar no Brasil. Tinha, em números redondos, 124 mil. Portanto, tratava-se de um Estado agrário. Desses 124 mil, 77 mil tinham uma área média de 21 hectares, e 27 mil uma área média de 62 hectares. Quer dizer: no Rio Grande, existia a pequena propriedade. Ainda mais: o Rio Grande, no número de pequenos estabelecimentos rurais, de 19 hectares, ocupava o primeiro lugar no Brasil. No número de grandes esta-

belecimentos rurais ocupava o décimo lugar. Finalmente: o Rio Grande tinha apenas sete grandes estabelecimentos rurais e 77 mil pequenos. Portanto, tratava-se de um Estado onde era um fato a pequena propriedade rural. Seu presidente (Borges de Medeiros), positivista, era um representante da pequena-burguesia agrária.

Preparava-se o movimento pequeno-burguês, positivista, de 5 de julho de 1922. Era natural que Borges entrasse na conspiração. Como viu os planos gorados, Borges, autêntico pequeno-burguês, tremeu, hesitou e recuou para o grande burguês agrário do Catete (Bernardes), catolicão. Este, porém, é não só adversário religioso daquele, como, o que é mais sério, é adversário no campo econômico, portanto, político também. Que fez então? Favoreceu, em 1923, contra Borges, o movimento dos grandes agrários chefiados por Assis Brasil.

Os grandes agrários, chefiados por Assis, não conseguiram vencer os pequenos agrários, chefiados por Borges, porque este soube manobrar com o grande agrário do Catete.

Diante da revolta de São Paulo, Borges, temendo um novo levante dos partidários de Assis, aliou-se ao grande agrário do Catete. E, de mãos dadas, borgistas, bernardistas ou legalistas e federalistas ou assististas combateram os pequeno-burgueses de São Paulo.

Tão reacionário foi o bernardista, como o borgista e o federalista. A oposição e o governo gaúcho desmascararam-se. Canalhas!

### IX - A LITERATURA REVOLTOSA

Quem ler os manifestos espalhados pelos revoltosos compreenderá facilmente a sua fraqueza ideológica, resultante da intoxicação pequeno-burguesa. Examinemos o manifesto de 10 de julho, do coronel Paulo de Oliveira.

Alega: “os chefes do movimento revolucionário ansiavam por encontrar-se com os representantes da imprensa”. Deveria ser o contrário: a imprensa é que deveria ansiar por encontrá-los.

“É um movimento de caráter patriótico”. O patriotismo é a menina dos olhos do pequeno-burguês.

A não-simultaneidade do movimento “não prejudicará a segurança das convicções e a eficácia da ação”. Pois, prejudicou, e muito.

“O Exército não quer postos. Age abnegadamente, por altruísmo”. Os revoltosos não quiseram os postos, mas o fazendeiro de café os quis”. Altruísmo? Lá vem a água choca do positivismo a estragar a fervura.

“Tolerância”. Idem.

“O Exército quer a pátria como a deixou o império”. Os revoltosos, em vez de olharem para o futuro, miram-se no passado escravista.

“Soberania popular? “Democracia”. Palavrões, cacarecos!

“Deixemos de tomar algumas posições na Luz pela presença de famílias ou de estabelecimentos religiosos na vizinhança”. Que péssimos políticos e militares!

“A imprensa, qualquer que seja o seu credo, terá de nossa parte uma garantia completa de manifestações do pensamento”. Estão bem arranjados com as dentadas desses cães hidrófobos.

“Se as nossas idéias concretizam o sentir do povo”. Que condicional!

“Com a nossa derrota”. Preocupar-se com a derrota já é meia derrota.

“Os prefeitos serão mantidos”. Que políticos desastrados!

\*\*\*

No manifesto de 27 de julho, o general Isidoro Dias Lopes prega “um regime político do povo, pelo povo e para o povo”.

Palavrismo sintomático de uma mentalidade pequeno-burguesa. Quer “republicanizar a República”. Conforme os liberalóides do jornal *A Nação* que, ideologicamente, desejavam fazer a história recuar ao idílio “Democrático” de 1889.

No manifesto publicado no Rio Grande e transcrito no suplemento do jornal ilegal *O 5 de julho* (título caracteristicamente pequeno-burguês), a Suíça é o “modelo das democracias”. Apesar da sua milícia prussificada, como diz Lênin, e do emprego desta contra as greves.

#### X - A LITERATICE LEGALISTA

“A revolução é de si mesmo um mal”, diz um escriba na *Gazeta* de 6 de agosto de 1924. Perfeitamente. É um mal... para o fazendeiro de café e seus lacaios.

“A revolução é uma traição à Autoridade”, diz outro escriba, no mesmo jornal a 2 de agosto. Perfeitamente. Mas se não fosse a traição a Pedro II, não serias o que és, valete do fazendeiro de café, pequenino aproveitador da “traição” de 1889.

O general Cândido Rondon, positivista, declarou: “condeno em absoluto todas as revoltas ou revoluções partidas do Exército ou da Marinha, por entender que elas constituem uma traição aos poderes constituídos da nação e uma desonra ao soldado, que jura lealdade e fidelidade ao governo constitucional” (*Gazeta*, de 16 de agosto).

Rondon fez-se à sombra da República<sup>66</sup> burguesa. Esta sempre o tratou como um filho dileto. Se ele condena todas as revoltas partidas do exército, deve condenar a República, que nasceu de uma delas. Portanto, deve condenar toda sua atividade em prol da República. Deve demitir-se dos cargos que ocupa. Deve renunciar à sua obra.

<sup>66</sup> Há uma correção, ilegível, depois da palavra “República”, feita por Octávio Brandão.

Rondon venera os fundadores da República que, de acordo com a sua atual opinião palaciana, traíram em 1889 os poderes constituídos da Nação e se desonraram, eles que juraram lealdade e fidelidade ao governo constitucional do imperador. Lance, portanto, seu anátema sobre os fundadores da República. Destrua a estátua positivista de Floriano Peixoto. E a de Benjamin Constant também – diante do Ministério da Guerra!

Rondon adiantou mais: “O Brasil já atingiu a idade orgânica. Repele por isso todo movimento subversivo e condena todos os revolucionários”.

Não é verdadeira a primeira tese. Se a terra brasileira ainda está em formação, que diremos do homem? Onde está o nosso tipo étnico definido? O simples fato da irrupção dessas explosões sociais prova que o país não atingiu a idade orgânica. Rondon falsifica a sociologia para servir a clericalha.

A segunda afirmação de Rondon está mal explicada. Sua tradução do positivismo palaciano para o nosso idioma é a seguinte: O fazendeiro de café repele hoje todo movimento subversivo porque é o dominador do momento. Já o proletariado, a grande burguesia industrial e a pequena-burguesia rural, comercial e industrial, especialmente o primeiro, não o repelem. O fazendeiro de café condena os movimentos de hoje. Mas não condena os do passado – de Bernardo Vieira de Mello em 1710; de Felipe dos Santos em 1720; de Tiradentes em 1789; do alfaiate Nascimento em 1798; de Domingos José Martins em 1817; da Confederação do Equador em 1824; de Antonio Netto em 1836; de Canabarro em 1839; de Nunes Machado em 1848; e mais os de 1888 e 1889. Por quê? Porque esses movimentos o ajudaram a galgar o poder!

Rondon, diretor de uma das seções do Ministério da Agricultura, grande proprietário rural no ultra-agrário Estado de Mato Grosso, tinha de mostrar o que sempre foi. Económica-

mente, um agrário. Ideologicamente, uma contradição viva. Militar, isto é, adepto da violência, no entanto, toda sua obra entre os índios, segundo ele diz, está impregnada de tolstoísmo, de não-violência. Além de ilógico, é um reacionário, um servidor da política retrógrada, clerical, ultramontana, do fazendeiro de café.

Miserável positivismo palaciano que nem presta para capacho na igreja da Candelária!

### XI - A DUPLICIDADE LEGALISTA

O governo Bernardes lançou um decreto sobre as requisições. Os jornais legalistas aplaudiram. Os revoltosos baixaram uma ordem legalizando as requisições. A *Gazeta*, de 2 de agosto de 1924, alega a respeito: “Não há a menor dúvida de que os autores da masorca de São Paulo subverteram a ordem legal com o intuito único de se encherem”.

A censura amordaçou, no Rio, os jornais não governistas. E a *Gazeta*, do mesmo dia 2, clamou contra os rigores da censura dos revoltosos à imprensa paulista.

As tropas do governo bombardearam e incendiaram a fábrica Crespi, para daí desalojar 15 revoltosos. A *Gazeta* publicou a fotografia como se a obra tivesse sido feita pelos revoltosos.

Nos primeiros dias, os jornais legalistas protestaram violentamente contra a ação da artilharia revoltosa sobre alguns edifícios dos bairros centrais. Posteriormente, aplaudiram a atitude do fazendeiro de café, que resolvera arrasar toda a cidade de São Paulo. Na França, o político burguês Thiers<sup>67</sup>, nosso inimigo mortal, também protestou contra o bombardeio de Palermo. Dezoito

<sup>67</sup> Adolphe Thiers, político francês, líder do Partido da Ordem desde 1848; chefe do governo desde fevereiro de 1871, comandou o massacre da Comuna de Paris, em maio de 1871.

meses depois, defendeu o bombardeamento de Roma pelo exército francês. E, em 1871, bombardeou Paris.

Os jornais legalistas escandalizaram-se com a intromissão de estrangeiros ao lado da revolta. Mas aceitaram e aplaudiram a intromissão de estrangeiros como João Lage, Gomes Ribeiro e Frei Thomaz Jansen, ao lado da reação.

Os legalistas disseram horrores da ditadura que os revoltosos pretendiam implantar. Mas, por favor, senhores legalistas, mirai-vos num espelho: a ditadura já está aí. Que quer dizer a dominação indiscutida do fazendeiro de café? A letra dos 4 milhões? A anulação do resultado das eleições no Rio? Um Congresso unânime no capachismo? Os jornais da oposição impossibilitados de qualquer comentário? O *Correio da Manhã* suspenso? O Partido Comunista, legal, fora da lei burguesa? As associações operárias proibidas de funcionar?

## XII - A RELIGIÃO LEGALISTA

Numa ordem do dia, de 21 de julho de 1924, publicada pela *Gazeta* de 1º de agosto, o<sup>68</sup> general Potiguara clama por vingança. Na de 28 de julho, idem. E, logo abaixo, esse jornal, referindo-se ao “sentimento religioso” de Potiguara, diz que, “ao entrar em São Paulo, orou numa igreja do Brás”. Estranha religião!

A 16 de agosto, a bordo do “Minas”, o ministro da Marinha, de joelhos, com toda guarnição, invocou Deus. Todos eles manchados com o sangue dos rebeldes. Esqueceram o “Não matarás!” do fundador de sua seita.

A *Gazeta* de 12 de setembro chama Potiguara: “um herói cristão”. Herói cristão – esse indivíduo cruel? Pode ser. Cristo disse: “não vim trazer paz, mas espada”. Não são heróis “cristãos” os sanguinários Clóvis e Constantino?! E os inquisidores?

<sup>68</sup> Há uma correção, ilegível, feita por Octávio Brandão.

## XIII - NO CORAÇÃO DO IMPERIALISMO

A época atual caracteriza-se pelo imperialismo. O imperialismo é a dominação mundial do capitalismo, a substituição da livre concorrência pelo monopólio, a formação de uma oligarquia financeira. É a exportação do capital. É a dominação de uma santíssima trindade constituída pela indústria pesada, pelos bancos e pelas estradas de ferro. É a união dos políticos com os financistas. É a união dos políticos com os industriais. É a internacionalização das relações sociais. É a divisão do mundo em zonas de influência. É a luta pelas fontes de matérias primas. É a luta pelas esferas de aplicação do capital. É a luta pelos mercados de escoamento.

O imperialismo é a rapina; é o despovoamento das colônias; é o envenenamento pelo álcool e pelo ópio; é o desespero das multidões famintas e sangrentas; é o desperdício; é o sacrifício estéril; é o acirramento dos antagonismos econômicos, políticos e psicológicos; são as guerras de extermínio; é o aperfeiçoamento de todos os meios de destruição. E é também o desenvolvimento das forças proletárias, o despertar dos povos coloniais, o avolumar de todos os fatores anticapitalistas.

Em resumo, o imperialismo é a última etapa do capitalismo. O capitalismo atingiu o topo da montanha e vai rolar pelo outro lado. Rolar para a morte. Tal é a palavra da Internacional Comunista. Tal é a palavra de seus soldados no mundo inteiro.

Desdobremos essas teses.

O capitalismo penetra nas regiões mais atrasadas. O Dalai Lama instala o telégrafo em Llassa. Aeroplanos percorrem o Saara. Automóveis atravessam os desertos da Mongólia ou as terras dos nossos índios pareci. Fábricas e escritórios mergulham nas regiões mais bárbaras.

À medida que se desenvolve, o capitalismo nega seu ponto de partida – a concorrência – rolando para o monopólio. Dá-se a concentração capitalista. Desaparecem as pequenas empresas,



esmagadas na concorrência. Desaparecem todos os rebotalhos da economia primitiva e da economia medieval: a propriedade comum primitiva, a escravidão, a servidão, o mascateamento, o artesanato, o pequeno cultivo, a produção para o próprio consumo, as lojinhas e quitandinhas. Ficam apenas nos campos da batalha mundial, os trustes, os cartéis, os consórcios-leviatãs emitindo tentáculos como polvos colossais.

A Royal Dutch Shell controla 103 companhias. Schneider, 180. A Armour fundiu-se com a Swift no Beef Trust, que une mais três grandes empresas e controla 500 companhias. O Lloyds Bank Ltd. tem 1.600 filiais na Grã-Bretanha. A Cia. Geral do Telégrafo Sem Fio, de que faz parte a Marconi, controla o mundo. O Comitê des Forges era formado, em 1914, por sete mil firmas de metalurgia e das indústrias mineira e elétrica. Em 1913, 600 cartéis eram os senhores da Alemanha. A American Export Co., a United States Steel Products Co., The Baldwin Locomotive Works e mil outras têm filiais nas cinco partes do mundo. A AEG (Sociedade Geral de Eletricidade) absorve dezenas de empresas: bancos, iluminação, fábricas de porcelana, construção de linhas de bondes e usinas para a produção de energia, lâmpadas elétricas, locomotivas, automóveis, alumínio eletrolítico. Gary preside o truste do aço na América do Norte. Rockfeller manobra o mercado mundial de petróleo. O Zivnostenska Banka da Tchecoslováquia controla numerosas empresas industriais e financistas, no país e no estrangeiro.

No Brasil, os grandes monopolistas – Schneider, a Shell, a Standard, Stinnes, a AEG, o Lloyds Bank Ltd., a United States Steel Products Co., The Baldwin Locomotive Works, a Cia. Geral do Telégrafo Sem Fio – têm suas filiais. Pelo centenário, o Banco do Brasil tinha 1.449 agentes e correspondentes. A Light monopoliza a luz, o gás, a energia, a creolina, os transportes e os telefones. E incham, terríveis, as jibóias e sucuris do industrialismo: Lage, Pereira Carneiro, Matarazzo.

Torna-se cada vez mais poderosa a oligarquia financeira. O Banco Nacional Ultramarino, cujos tentáculos se espalham pela Europa, Índia, Brasil, África e Oceania, lucra mais de 46 mil contos em 1921. Os Estados Unidos só entraram na guerra ao lado dos aliados, porque, entre outras razões econômicas e políticas, o presidente Wilson era um agente de Morgan, e Morgan era credor dos aliados. Os bancos, após grandes batalhas econômicas, absorvem a indústria, principalmente a indústria leve. Rothschild assenhoreia-se da Shell. O Zivnostenska Banka, de Praga, controla usinas de petróleo, fábricas de tecidos, fósforo, máquinas agrícolas etc. Morgan está à frente da United Steel Corporation, isto é, do truste do aço. Morgan é senhor de 90 mil quilômetros de estradas de ferro. Morgan chegou a agrupar 2.500 bancos norte-americanos. Morgan é senhor da Bolsa de Paris.

A oligarquia torna-se mais poderosa com a união ou a dominação dos bancos sobre a indústria pesada: carvão, metalurgia. Morgan, norte-americano, é aliado de Grenfell, banqueiro inglês. Grenfell é aliado de Sassoon e dos Goschen. Morgan é aliado de Harjes. Harjes, de Giros. Giros, de Loucheur, um dos donos da França. Loucheur, do presidente Poincaré, da Guerra. Morgan é aliado de Schroeder. Schroeder, de Speyer. Morgan e Harjes são aliados de Schneider. Schneider de Jadot. Jadot, com Sassoon e Goschen, de Grenfell. Schneider é aliado de François Marsal, do Zivnostenska Banka e dos de Wendel. Os de Wendel são membros, como Schneider, do Comitê des Forges. O Comitê des Forges é o dono da França. Terrível entrançado! Horrível teia de aranhas monstruosas!

No Brasil, durante o segundo semestre de 1924, os lucros do Banco Comercial de São Paulo atingem mais de sete mil contos. Todo o país torna-se satélite da rua da Alfândega, a Wall Street nacional, cujas esquinas se povoam de novos bancos. Só o Banco do Brasil, depois de apossar-se de jornais, fazendas etc, lucra 100

mil contos em 1924. E indo instalar-se no edifício da antiga Associação Comercial, bem em frente à rua da Alfândega, parecerá um Mascagni a dirigir, com a batuta das emissões, a orquestra wagnerianamente dissonantes de todos os bancos nacionais e estrangeiros.

Aumenta a exportação do capital. Em números redondos, a Inglaterra, de 1919 a 1923, exportou, sucessivamente: 49, 59, 115, 135 e 146 milhões de libras. Havia, em 1914, nos Estados Unidos, 400 mil portadores de títulos. Em 1923, existiam 25 milhões. Desde o armistício até fevereiro de 1924, esse mesmo país tinha exportado um bilhão e 143 milhões de dólares. E, durante a guerra, ele emprestou aos aliados mais de 100 bilhões. Sob esse ponto de vista, o Brasil é pobre demais para pensar em tal coisa. O Brasil é importador do capital e vítima do imperialismo anglo-franco-americano.

A indústria pesada – carvão, alta metalurgia – prepondera na França e na Alemanha. Nossa época é a idade do aço e do banco. Hoje, quem possui ferro, carvão para reduzi-lo, bancos para crédito e estradas de ferro para o transporte, possui o mundo. Os grandes tubarões estão tecendo um entrançado desses quatro elementos. E o mundo capitalista, no apogeu da concentração, está girando em torno desse entrançado.

A supremacia dos Morgan e dos Stinnes se explica porque eles possuem o ferro, o carvão, o banco e o transporte. O Comitê des Forges, que se encontra em iguais condições, domina a França. Desencadeou a guerra e obrigou o presidente Poincaré a invadir o Ruhr, a fim de obter o carvão necessário para reduzir o ferro. Por vezes, até os bancos são filiados à indústria em vez de ser o inverso: em 1896, a AEG fundou o Electrobank. Mas isto sucede quando se trata da indústria pesada. No Brasil, porém, a indústria pesada é fraca demais para adquirir essa supremacia. E, por isso, ela própria é satélite da finança, mostra a imensa com-

plexidade dos fenômenos sociais. Acentua a falência, em sociologia, das teses baseadas na lógica formal e no absoluto. A sociedade não evolui logicamente, mas sim dialeticamente, através de contradições.

Unem-se políticos e financistas. Bethmann-Hollweg era de uma família de banqueiros de Frankfurt, a terra dos Rothschild. Painlevé, presidente da Câmara francesa, é acionista do Banco de Paris e dos Países Baixos. O ministro tchecoslovaco Becka preside o conselho de administração do Zivnostenska Banka. Grenfell, sócio de Morgan, representa a City no parlamento. O banqueiro e industrial Godfrey, da Marconi, é irmão do vice-rei da Índia, lord Reading. François Marsal, primeiro-ministro, faz parte do Banco da União Parisiense (Schneider). O embaixador da Inglaterra na Alemanha, em agosto de 1914, era um Goschen, isto é, membro de uma família que mantém estreitas relações com Pierpont Morgan. Entre nós, Epitácio Pessoa é grande acionista do Banco do Brasil. James Darry, ex-líder da Câmara, preside o mesmo banco. O senador Antonio Azevedo é sócio da casa bancária Amaro da Silveira & Cia.

Unem-se políticos e industriais. Rathenau, ministro dos negócios estrangeiros da Alemanha, era chefe da AEG. Cuno, chanceler alemão, era diretor da Linha Hamburgo-América. Deterding, diretor da Shell, foi agraciado com o título de baronete por Sua Santidade Britânica. O presidente<sup>69</sup> paulista Carlos de Campos preside a Cia. Indústrias Têxteis de São Paulo, e casa uma filha com o filho de um industrial e gerente da Cia. Indústria Papéis e Cartonagem. O ex-prefeito Carlos Sampaio é, ou foi, diretor da Madeira Mamoré, da Brazil Railway Co., da Sorocabana e da São Paulo-Rio Grande.

<sup>69</sup> Como eram chamados, na época, os governadores de Estado.

Internacionalizam-se as relações sociais, pacíficas ou armadas. Coolies hindus constroem a estrada de ferro de Zanzibar. Indochineses combatem, na Sibéria, a revolução proletária. Gregos, idem, na Ucrânia. Ingleses e franceses, idem, na Rússia do norte e do sul<sup>70</sup>. Nas instalações da Light, na ilha dos Pombos, as turbinas são da Suíça, as comportas da Inglaterra e os geradores elétricos da América do Norte. E, nas casas ricas, ao lado das estantes de imbuia nacional, aparecem jarrões Satzuma,

Os imperialistas repartem o mundo em zonas de influência. O Brasil, o Chile, a Argentina tornam-se colônias do capital anglo-americano. Desagrega-se o império colonial alemão... A França capitalista saqueia as ilhas da Oceania, as Antilhas e uma das Guianas na América, sul da Ásia, norte, oriente e ocidente da África. A Bélgica devora o Congo. A Holanda devasta a Malásia e uma das Guianas. Os Estados Unidos, as ilhas Filipinas. Fica a Inglaterra com a parte do leão. E rondam outros mastins – cães do imperialismo – a esperar o primeiro osso: Portugal, Espanha, Itália...

Lutam as potências pelas fontes de matérias primas. Os Estados Unidos ambicionam o petróleo do México e da Anatólia. A Inglaterra ambiciona o algodão do Sudão, o petróleo da Romênia, da Palestina, da Turquia, do Cáucaso e da Pérsia. Para ficar com os poços de petróleo, a Inglaterra desencadeia na Rússia a contra-revolução czarista dos Koltchak<sup>71</sup> e Denikin<sup>72</sup>. O burguês norte-americano Vanderlip sustenta haver petróleo na Sibéria; é o bastante para que seu país envie tropas aí. O Japão ambiciona o

<sup>70</sup> Há uma correção, ilegível, feita por Octávio Brandão.

<sup>71</sup> Em 1918 o almirante russo Alexander V. Koltchak foi um dos dirigentes da guerra civil, apoiado potências estrangeiras, contra o governo bolchevique nascido na revolução russa de 1917.

<sup>72</sup> O general russo Anton I. Denikin formou, em 1917, um exército “branco”, com apoio da Inglaterra e outras potências estrangeiras, para combater o governo bolchevique que, em 1917, assumiu o poder na Rússia.

petróleo da Sakalina. A França, o carvão do Ruhr. A Espanha, as minas de Marrocos. A Inglaterra, o ferro de Minas Gerais. E os Estados Unidos, a borracha do Amazonas.

Combatem-se os burgueses pelas esferas de aplicação do capital. No Canadá os dois bilhões e 700 milhões de dólares dos capitais ingleses lutam contra os dois bilhões e 500 milhões dos capitais norte-americanos. E no Brasil, na Argentina, na Austrália, idem, idem.

Guerreiam-se os capitalistas pelos mercados de escoamento. Uma das causas da guerra de 1914 foi a luta comercial e industrial entre a Inglaterra e a Alemanha, pela posse dos mercados. A Inglaterra e a América do Norte disputam a supremacia no mercado brasileiro.

Cresce a rapina. A Itália quer Fiume, Corfu, a Tripolitania e um oásis egípcio. A Inglaterra quer Mossul. O contribuinte francês paga anualmente um bilhão e 409 milhões de francos para a França burguesa “civilizar” as colônias. Civilizar, como? Fale o comunista indochinês Ai-Quac: Expropriando os indígenas. Impondo o carreto, os trabalhos forçados, as taxas, os impostos esmagadores, os recrutamentos civis e militares. Tomando reféns. Incendiando as aldeias dos fans. Destruindo as três mil bananeiras, as únicas reservas alimentícias dos negros bekamis. E, no Brasil, o governo emite 900 mil contos para valorizar o café, enquanto o proletariado paga o açúcar a 1\$900, o arroz a 2\$000, o feijão a 2\$500, o café a 6\$000, a banha a 7\$500 e a manteiga, fabricada a dois passos do Rio, a 10\$000 e até 14\$000.

Despovoam-se as colônias<sup>73</sup>. Cook, em 1778, calculou em 400 mil habitantes a população das ilhas Hawaii; cem anos depois, elas tinham apenas 44 mil. O órgão do imperialismo francês, *Les Temps*, reconhece em seu número de 24 de setembro de 1924,

<sup>73</sup> Há uma correção, ilegível, feita por Octávio Brandão.

que a população da África Equatorial francesa está em caminho de desaparecer. O Congo belga tinha 20 milhões de habitantes em 1908, e oito milhões e 500 mil em 1911. Os 20 mil hotentotes ficaram reduzidos, em sete anos, a 9.700. E, no Brasil, os índios, não só no passado, mas também no presente, vão desaparecendo devido às perseguições, à caça e aos trabalhos forçados, nas fazendas das missões católicas.

O álcool e o ópio triunfam. A África Equatorial francesa importa mais álcool que produtos alimentícios, e duas vezes mais álcool que ferramentas. Os ingleses na China e os franceses na Indochina enriquecem com o tráfico de ópio. E, no Brasil, só o Estado de São Paulo produziu, na safra de 1918-1919, mais de um milhão e 100 mil litros de aguardente. Esplêndida “civilização” burguesa!

Sangra o corpo do proletariado. Morrem dezenas de trabalhadores na tragédia do York Hotel, no Rio de Janeiro. Morrem 130 no desastre da mina de Kew, na Alemanha, em fevereiro de 1925. Ficam soterrados 142 na explosão da mina de Sullivan nos Estados Unidos, também em fevereiro. E, no Brasil, estronda a ilha do Caju, igualmente em fevereiro. Desabam as casas proletárias da Ponta da Areia. E o “Ano Santo” rompe trazendo inúmeras desgraças às multidões trabalhadoras. Perecem 1.100 operários na catástrofe de Courrières, em 1906. Nas minas da Pensilvânia, anualmente, há 20 mil trabalhadores vitimados. Nos últimos 40 anos morreram tuberculosas 100 milhões de pessoas, proletários na maioria; ora, a tuberculose é uma doença capitalista. E as crises? E os fuzilamentos de rebeldes? E as guerras imperialistas?

Sangram os povos coloniais. Os alemães massacram 25 mil herreros, os italianos quatro mil indígenas em Mechiya, os portugueses e os espanhóis, milhares e milhares. Ah, os “heróis” do imperialismo – os Rose, Campbell e Havelock, que esmagam os rebeldes hindus, os Mousinho de Albuquerque que chacinam os

rebeldes africanos, os Joffre, os rebeldes anamitas, e os Pershing<sup>74</sup> que aniquilam os rebeldes filipinos!

O desperdício triunfa. As potências constroem centenas de navios de guerra. Um dia, metem a pique um ou dois. São milhares de contos que se perdem, para alimentar nas massas pequeno-burguesas a ilusão da possibilidade do desarmamento em regime capitalista. A Rússia do Volga, devastada pela seca e pela contra-revolução, estorce-se faminta. E, na mesma ocasião, segundo o diplomata Hélio Lobo, em Kansas e Iowa, nos Estados Unidos, queima-se, como combustível, o milho em excesso. Só na Noroeste, na Sorocabana e na Araraquara, diz o jornalista burguês Assis Chateaubriand, perderam-se dezenas de milhares de toneladas de cereais que apodreceram nos campos e nos armazéns das estradas de ferro, à mingua de transporte. E o proletariado a passar fome! Eis o regime da “ordem”. Ordem, isto? Desordem amordaçada!

Aumenta a soma de sacrifícios estéreis. Para que o banqueiro Rothschild delicie os olhos com a sua coleção de orquídeas, venezuelanos morrem de febre nas florestas.

Acirram-se os antagonismos. Embatem-se os mundos. As contradições atingem o paroxismo. As forças de produção desenvolvem-se, modificam-se. As relações sociais de produção permanecem as mesmas. Trava-se o conflito, cada vez maior. De um lado, mutabilidade. Do outro, imutabilidade. Cada dia cresce a contradição entre o desenvolvimento do pinto e o estacionamento da casca. Os capitalistas não querem renunciar a uma coisa nem a outra; não querem compreender que uma destrói a outra. E, o que é mais sério, não podem fugir a uma nem a outra.

<sup>74</sup> Refere-se ao general norte-americano John Joseph Pershing, que comandou tropas contra o México em 1916 e a repressão aos patriotas que lutavam pela independência das Filipinas contra a ocupação norte-americana iniciada em 1898.

Há inúmeras contradições<sup>75</sup>. A Rússia czarista ambicionava Constantinopla. E, já em 1853, o governo inglês declarava que não consentiria nunca tal coisa. A Inglaterra, após lutas, perde a hegemonia metalúrgica para cedê-la à América do Norte. A França e a Alemanha desejam, ao mesmo tempo, a posse exclusiva do ferro da Lorena e do carvão do Ruhr. Siemens und Halske fazem concorrência à AEG. Stinnes absorve aquele estabelecimento. Dentro da Alemanha, Stinnes combate a AEG. Fora da Alemanha, Stinnes combate Schneider. A metalurgia francesa odeia a metalurgia alemã. A metalurgia inglesa vê com maus olhos a metalurgia francesa. A metalurgia norte-americana procura e consegue derrubar a metalurgia inglesa. Luta a indústria contra os bancos! A indústria pesada termina vencendo e absorvendo os bancos (Stinnes), ou aliando-se aos mesmos (Schneider) ou até subordinando-se (Morgan). Já a indústria leve acaba sempre vencida. A borracha, o açúcar e o algodão nacionais têm de batalhar no mercado mundial contra a borracha das Índias, o açúcar de Cuba e o algodão do Egito. Com o café, sucede o mesmo. Esses conflitos econômicos criam terríveis antagonismos políticos e psicológicos.

Rebentam as guerras. Atravessando rapidamente a história, citemos por alto as guerras ocorridas desde a vitória da burguesia francesa sobre o feudalismo. As campanhas de Napoleão<sup>76</sup>. A guerra contra Rosas, em 1851. A guerra da Criméia, em 1853. A guerra austro-franco-piemontesa, em 1859. A guerra mexicana, em 1862. A guerra do Paraguai, em 1865. A guerra austro-prussiana, em 1866. A guerra franco-prussiana, em 1870. A turco-russa, em 1877. A ocupação militar do Egito, em 1881. A guerra sino-japonesa, em 1894. A turco-helênica, em 1897. A hispano-americana, em

<sup>75</sup> Na primeira edição dizia: "antagonismos".

<sup>76</sup> Há uma correção, ilegível, feita por Octávio Brandão.

1898. A conquista do Transvaal<sup>77</sup> e a intervenção imperialista na China, em 1900. A guerra russo-japonesa, em 1904. A da Itália contra a Turquia, em 1911. A turco-balcânica, em 1912. A conflagração em 1914. Além de centenas de revoltas, revoluções e contra-revoluções, isto é, guerras civis.

Eis o legado do capitalismo: guerras, guerras. Aliás, mil anos que durasse o capitalismo, durante mil anos haveria guerras causadas pelas jazidas de petróleo, pela posse dos Dardanelos, pelo carvão do Ruhr, pelo ferro da Lorena, pelo petróleo de Baku, pela base naval de Cingapura, pela posse dos canais de Suez e do Panamá.

Desenvolve-se o proletariado. A consciência proletária avança em qualidade e quantidade. Formam-se partidos comunistas até na Islândia, até na Mongólia. As massas são concentradas pelo próprio desenvolvimento capitalista. Campeia a guerra de classes. Os métodos de luta procuram internacionalizar-se cada vez mais, abarcando milhões de trabalhadores num bloco único, num monólito de aço.

Despertam os povos coloniais. Em Marrocos, Abd el-Krim guerreia o ronceiro imperialismo espanhol. Sun Yat Sen<sup>78</sup>, com apoio da Internacional Comunista, combate o imperialismo anglo-americano. Quarenta mil tecelões fazem greve em Xangai. Fraternalizam em Moscou: franceses com tunisianos e indochineses; filhos da Holanda com filhos de Java; ingleses com hindus, irlandeses, canadenses, australianos, egípcios, africanos do sul...

O capitalismo caminha, pois, para a morte.

As necessidades do mercado aumentam, por exemplo, na escala de um para dois, de dois para três. Já a produção, devido ao

<sup>77</sup> Transvaal, província do norte da África do Sul.

<sup>78</sup> Sun Yat Sen, político e revolucionário democrático chinês, criou e dirigiu o movimento nacionalista Kuomintang que, em 1911, proclamou a república na China.

desenvolvimento da maquinaria, aumenta, por exemplo, na escala de um para cinco. Daí, a contradição entre a enorme produção de mercadorias e a relativa pequena necessidade dessas mercadorias. Daí, a contradição entre a excessividade desses produtos e a pequena possibilidade de comprá-los. E daí novas contradições – as crises, a falta de trabalho, o proletariado faminto, as greves para aumento de salário, os armazéns abarrotados e as mercadorias jogadas ao mar.

O imperialismo cria uma aristocracia operária, base do oportunismo e da traição. Corrói os partidos “socialistas”, transformando-os em ala “esquerda” da burguesia.

O imperialismo aniquila a pequena-burguesia, fá-la passar por todos os tormentos.

Destrói o “romantismo”: lanchas-automóvel substituem as gôndolas de Veneza. Chiam locomotivas por entre as mesquitas de Benares. No local do antigo convento da Ajuda, no Rio de Janeiro, elevam-se edifícios de 10 andares. E a fumaça das chaminés fabris mancha as velhas igrejas de Olinda.

Eis o quadro fiel, objetivista, do imperialismo. O Brasil não pode fugir à sua ação. Não o poderia. Desencadeiam-se grandes colisões, como a de julho de 1924. Preparam-se, aqui, choques imperialistas formidáveis. O ferro da Lorena será um elemento de discórdia permanente enquanto durar o capitalismo. Foi uma das causas da luta mortal entre a França e a Alemanha burguesas. Pois bem: que choques não produzirão as jazidas brasileiras de ferro superiores às da Lorena?!

O imperialismo é a rivalidade. É a guerra em estado latente. A sociedade a dormir sobre um vulcão. É a caldeira sob alta pressão permanente, prestes a explodir.

Para aniquilar o imperialismo é preciso destruir a guerra. Para destruir a guerra é preciso destruir a rivalidade. Para destruir a rivalidade é preciso destruir os antagonismos de interesses. Para

destruir esses antagonismos é preciso destruir a exploração do homem pelo homem. Para destruir essa exploração, é preciso estabelecer a cooperação. Para estabelecer a cooperação é preciso estabelecer o comunismo. Para estabelecer o comunismo é preciso preparar seu caminho por meio do governo proletário. Para estabelecer o governo proletário é preciso preparar-se desde hoje, organizando e agitando os trabalhadores e criando um Partido Comunista forte, leninizado.

Portanto, se quereis combater o imperialismo, não tendes outro caminho a não ser o da organização dos trabalhadores e da criação de um Estado-Maior revolucionário. Tudo o mais é literatice e ilusionismo de pequeno-burguês.

O borrachudo, mosquito rajado do Amazonas, desenvolve-se através de uma contradição, a que não pode fugir. Para viver é preciso que chupe sangue humano. Suga profundamente. Um dia o sangue coagula e o mata.

O imperialismo, varejeira universal, rola através de uma contradição, a que não pode fugir. Para viver é preciso que sangue o proletariado, criando forças destruidoras levadas ao paroxismo. Sangra e suga. Incha como uma jibóia sem poder digerir a presa, sem poder fundir as contradições. Um dia o sangue bebido terá de matá-lo. E o imperialismo, borrachudo social, numa apoplexia fulminante, morrerá destruído por si próprio, asfixiado pelo crime, congestionado pelo sangue.

#### XIV - A RIVALIDADE IMPERIALISTA ANGLO-AMERICANA

Sem o exame, que fizemos, do imperialismo em geral e sem o estudo, que vamos fazer, do imperialismo em particular, a revolta de 1924 e a guerra de classes no Brasil perderão uma de suas significações profundas. Abandonemos a estreiteza do pequeno-burguês, que só vê Isidoro e Bernardes, e encaremos o problema em toda sua amplitude. Estas páginas não constituem uma crôni-

ca da revolta de 1924 e sim um esboço da situação brasileira num dado momento histórico, um quadro geral do fenômeno histórico brasileiro em ligação com o fenômeno histórico internacional e como dependência deste. A história brasileira é um elo da cadeia histórica universal.

#### (A) No campo econômico geral:

Até 1822, o Brasil foi colônia de uma colônia inglesa (Portugal) e uma subcolônia da Inglaterra. Nessa data, conseguida a independência de fachada com o auxílio da espada inglesa, mercenária, de lord Cochrane, nos venderam, logo depois, por um milhão, às quatro firmas inglesas que cobriram o empréstimo de 1824 e, por dois milhões de libras esterlinas, a Nathan Rothschild, em 1825. O Brasil começou a girar em torno da economia e, portanto, da política inglesa. Não pode haver independência política onde não há independência econômica.

Os burgueses Clark, ingleses, aqui se estabeleceram no ano da "independência". O primeiro empréstimo, já secular, mas ainda não pago, foi contraído na Inglaterra. Há 100 anos, trabalhamos para engordar Rothschild. O Brasil, em 1825, comprometeu-se em pagar dois milhões de libras esterlinas para extinguir vagas reclamações de Portugal e liquidar o empréstimo que Portugal contraíra em Londres com o fim de combater a nossa própria independência. Em 1845, o estadista inglês Aberdeen, "horrorizado", tratou como piratas a equipagem e os navios negreiros do Brasil, sem se lembrar (ó santa hipocrisia anglicana-puritana!), que um dos primeiros mercadores de negros foi o seu compatriota John Hawkins e sem imaginar que, ainda hoje, existem na Índia 15 mil proprietários de escravos. Em 1863, o ministro inglês Christie tratou o Brasil com soberano desprezo. Em 1895, a bandeira inglesa foi hasteada na ilha da Trindade. A maior estrada de ferro, a Leopoldina, com 17.666 mil libras, é inglesa. O café

paulista chega a Santos pelos trilhos da São Paulo Railway, inglesa. A rádio telegrafia está nas mãos do inglês, a Marconi Wireless Telegraph Cy Ltd.

Depois de 1822, o Brasil poderia intitular-se: colônia de Sua Graciosa Majestade. Subiu, portanto, de categoria. E assim foi até 1914. Os empréstimos eram ingleses. As concessões, as grandes companhias, também.

Com a guerra, de 1914, a Grã-Bretanha teve de concentrar suas energias na luta pela vitória. Descurou-se do campo econômico da América do Sul. Então, os Estados Unidos, aproveitando o momento, iniciaram a conquista econômica, portanto política também, desse território. A conquista política diplomática foi preparada em parte no Brasil pelo ministério Rio Branco de parceria com o diplomata Elihu Root. Subiram a exportação e a importação. Multiplicaram-se os bancos norte-americanos. Choveram os empréstimos em dólares.

Terminado o conflito, a Inglaterra começou a pensar na reconquista da supremacia perdida. Em reuniões de financeiros e parlamentares ingleses, foi encarado o assunto. Sucede, então, que sobe ao poder um presidente agrário (Bernardes), cérebro estreito, que se presta aos manejos da Inglaterra. Manda buscar uma missão financeira inglesa. Permite o exame de todas as contas. E a missão elabora um relatório, onde mostra as falhas da economia nacional e o modo de remediá-las a favor dos interesses britânicos.

É claro que a América do Norte, vendo a sua supremacia ameaçada pela rival, não poderia olhar com bons olhos o presidente Bernardes. Assim, oculta ou declaradamente, ela auxiliará as revoltas que se desenharem contra Bernardes. A revista nº 39 da Internacional Sindical Vermelha, à página 271, acentua: "A América do Norte trata de subtrair a América do Sul a toda influência européia, ao passo que a Inglaterra se opõe de todo modo à execução do plano norte-americano".

Desenha-se, pois, uma luta mortal, com fluxos e refluxos, entre os dois grandes imperialismos: 1822-1914 supremacia da Inglaterra, 1914-1922 supremacia dos Estados Unidos, 1923-1924 rivalidade imperialista anglo-americana, pendendo a balança para o lado da Inglaterra.

Podemos provar isto com algarismos. Em 1910-1914, a Inglaterra vendeu ao Brasil, em números redondos, 67 milhões de libras; os Estados Unidos 39. Em 1915-1919, o primeiro país vendeu-nos 46 milhões, o segundo 102. Em 1920-1921, o primeiro vendeu-nos 391, o segundo 71. Já em 1923, a Inglaterra vendeu-nos 600 mil contos, e os Estados Unidos 505 mil contos.

### (B) No campo político particular

Rui Barbosa, financeiro, traço de união entre a Igreja e o Estado, entre a politiquice e a advocacia, sempre idolatrou a Inglaterra. Em sua conferência de Buenos Aires, em 1916, chamou-a: "a mãe de todas as liberdades modernas" – liberdade de traficar, de fuzilar os irlandeses, de chacinar os hindus, de bombardear os transvalianos, dizemos nós. Morou na Inglaterra monarquista – exilado como defensor dos reacionários monarquistas de 1893. Foi advogado de companhias inglesas. Sua conferência acima, e a outra, de Petrópolis, em 1917, sobre a guerra, foram imediatamente editadas em Londres.

Vê-se, pois, que se trata de um agente da política inglesa no Brasil. Rui combateu duramente Wenceslau Brás e Epiácio Pessoa, quer dizer, dois agentes da política norte-americana. Depois de 1910, o primeiro governo que ele apoiou, embora composto dos mesmos elementos do tempo de Epiácio, e formado pelos mesmos processos, condenados aliás por ele, foi o de Bernardes, isto é, de um agente da política inglesa.

Nilo Peçanha, fazendeiro em Campos, favoreceu a Leopoldina, companhia inglesa. Rothschild, tubarão imperialista inglês, elogiou

seu governo como uma das mais sábias administrações financeiras do Brasil. Nilo combateu Epiácio, agente do imperialismo norte-americano. Nilo aliou-se a Rui, agente da Inglaterra, na campanha presidencial de 1919, contra Epiácio, agente da América do Norte.

E o seu combate contra Bernardes? – perguntarão. Nilo, cabotino, hesitou até a última hora entre Bernardes, agente, como ele, da Inglaterra, e a corrente popular pequeno-burguesa que o convidava a chefiar a Reação Republicana<sup>79</sup>, esse aborto de confucionismo, gerado para combater o fazendeiro de café. O cabotinismo venceu, nele, os interesses sagrados de John Bull, os quais, não obstante eram servidos na luta contra Epiácio.

Wenceslau Brás, industrial em Itajubá, tornou feriado, quando presidente, o dia da independência norte-americana. Seu prestígio, em Minas, tem sido minado por Bernardes, apesar de ambos pertencerem ao Partido Republicano Mineiro, amante do gigolô Partido Republicano Paulista. Seu nome foi lembrado pelos revoltosos pequeno-burgueses como um candidato de conciliação (conciliação... a palavra predileta do pequeno-burguês!) para o governo provisório que substituiria o de Bernardes. Wenceslau combateu a candidatura bernardista Mello Vianna.

Alfredo Ellis, fazendeiro de café em São Carlos, representante dos fazendeiros de café, alia-se a Bernardes, agente da Inglaterra, depois de ter atacado Epiácio, agente norte-americano, em discurso no Senado. Aliara-se a Rui, agente da Inglaterra, na campanha de 1910, como seu companheiro de chapa, com apoio dos fazendeiros de café (Minas e São Paulo).

Artur Bernardes, aliado momentâneo de Epiácio, desmoralizou a política norte-americana deste. Publicou contratos norte-

<sup>79</sup> Reação Republicana foi o nome da aliança oposicionista que, na campanha eleitoral de 1921, apoiou a candidatura presidencial de Nilo Peçanha contra o candidato oficial, Artur Bernardes.



americanos, como o do empréstimo da eletrificação da Central e desmascarou concessões norte-americanas como a das obras contra as secas.

Epitácio Pessoa, depois de eleito, visitou os Estados Unidos. Aqui aportou no dorso do "Idaho", o maior navio de guerra norte-americano. À proporção que se metia em "iniciativas arrojadas" (arrasamento do morro do Castelo, obras contra as secas, construção de portos, siderurgia, Exposição do Centenário<sup>80</sup> – política do capitalismo industrial norte-americano), combatia a política paulista "do ópio e da morfina", provocando oposição entre os fazendeiros de café, que o vaiaram em São Paulo, por ocasião da visita do rei Alberto.

Em resumo: Nilo e Rui foram agentes da política imperialista inglesa, como Bernardes e Alfredo Ellis o são. Já Wenceslau e Epitácio foram, no governo, agentes da política imperialista norte-americana. Como ficam reduzidos à sua insignificância colonial, esses ídolos! Como bem negociaram a "pátria" com o estrangeiro! Como são internacionalistas esses "patriotas", "nacionalistas"!

\*\*\*

O pequeno-burguês não quer admitir a divisão da sociedade em classes. Mas o fato é que todos esses politiquinhos estão servindo a uma determinada classe e, portanto, estão trabalhando pela separação das classes, envolvidos na luta mortal das classes, consciente ou inconscientemente. O pequeno-burguês ri da realidade. Mas a realidade rirá melhor.

Quando, porém, não pode negar a existência das classes, o pequeno-burguês julga estar acima das classes. O pequeno-bur-

guês Proudhon assim se julgava. No entanto, estava abaixo das classes, como Karl Marx mostrou.

Paul Deschanel também não estava com o socialismo científico, nem com a economia política clássica, isto é, burguesa. Acha-va que ambos eram impotentes para resolver a questão social. E acabou maluco e presidente da terceira República burguesa imperialista da França.

Entre nós, o pequeno-burguês Sarandy Raposo, da Confederação Sindicalista Cooperativista, filho de Minas e confusionista, burocrata e embrulhão-mór, também se julga acima das classes. Todavia, está abaixo das classes. Por quê? Porque não tem as qualidades do operário nem as do burguês industrial. Na prática, serve de agente da pior política nacional – a política mineira, e da pior política internacional – a reformista, a política do imperialismo.

É a função de todos os hesitantes e indefinidos, de todos os reformistas, de todos os liberalóides, de todos os harmonizadores e conciliadores, sinceros ou não, servir um dos extremos, sempre ou quase a reação, o imperialismo. Hume<sup>81</sup>, em filosofia, não quis servir o materialismo nem o espiritualismo. Mas, em política, pres- tou-se aos manejos dos conservadores e monarquistas. O trabalhista MacDonald, metido no seio de um dos mais cínicos imperialismos, desejava, não obstante, conciliar o trabalho com o capital por meio do tal socialismo biológico. E acabou servindo de laçao da finança, pactuando com todos os crimes do imperialismo inglês no Egito; no Sudão, na Índia e na China.

Entre nós<sup>82</sup>, Evaristo de Moraes preconiza panacéias jurídicas como solução ao problema social. Mas, na prática, depois de ter sido encarcerado pelo mineiro João Luiz Alves faz barretadas ao mesmo, isto é, ao feudalismo, agente do imperialismo. Hercu-

<sup>80</sup> Exposição realizada no Rio de Janeiro, em 1922, para comemorar o primeiro centenário da Independência do Brasil.

<sup>81</sup> David Hume, filósofo inglês do século XVIII.

<sup>82</sup> Há uma correção, ilegível, feita por Octávio Brandão.

lano de Freitas disse em 1909: “é preciso evolver para não revolucionar”. Eis aí uma opinião de liberalóide. Vejamo-lo na prática: é um dos bacharéis mais reacionários da Faculdade de Direito canônico-feudal de São Paulo.

Viveiros de Castro quer harmonizar os interesses da burguesia com os do proletariado. E vai para o Conselho Nacional do Trabalho, servir diretamente os interesses do patronato, do feudalismo nacional e do imperialismo internacional. O mesmo Viveiros, nos meios burgueses, passa por ser “quase revolucionário”, só porque no Congresso Jurídico, em 1922, disse algumas vulgaridades sobre a vida do proletariado. É um “socialista”, dizem dele, revirando os olhos, as donzelas de Botafogo. No entanto, mal rompe a revolta, Viveiros vai ao Catete levar sua solidariedade ao feudalismo nacional, agente do imperialismo inglês.

Quando, porém, os indecisos não auxiliam diretamente a reação, é, contudo, tão pouco firme o seu papel revolucionário, que eles sempre acabam por servir o imperialismo. Graça Aranha, por exemplo, “anarquista teórico”, segundo suas próprias declarações, inimigo do Estado desde os últimos anos do século XIX, não obstante serviu toda a vida os interesses do Estado num dos ministérios mais reacionários: o do Exterior, o dos valetes do imperialismo. Acrescentemos mais: em Canaã, preconiza a absorção nacional pelo imperialismo germânico. Ainda mais: pactuou com a guerra imperialista de 1914. Ele mesmo, em Estética da vida, não escolhe o materialismo nem o espiritualismo. Sua indecisão filosófica, ainda a perdurar depois dos 50 anos, projetar-se-ia fatalmente no campo da sociologia prática. E, assim, vemo-lo falir completamente. O revolucionário pode cometer outros erros, menos o de ser indeciso. E, para isso, é necessário que tenha uma posição definida em política, em sociologia, em filosofia.

Como acabamos de ver, a rivalidade entre os imperialismos, o abismo entre os dois mundos, saltam aos olhos. Pois, nem mes-

mo assim, o pequeno-burguês se decide a optar por um dos campos. Daí, sua falência inevitável. A guerra de classes não admite a neutralidade. O imperialismo não admite a indecisão.

### (C) No campo econômico particular

O Banco de Nova Iorque, aqui instalado, norte-americano, é rival dos bancos ingleses: Royal Bank of Canadá; The British Bank of South América, filiado ao Lloyd's Bank Ltd., é nascido da fusão de The London & River Plate Bank com o London & Brazilian Bank Ltd. Isto prova uma das teses do marxismo: a livre concorrência engendra o monopólio.

Na navegação, a Pan American Line, norte-americana, rivaliza com a Prince Line, inglesa.

Na telegrafia, a All América Cables Inc. faz concorrência à The Western Telegraph Cy. Ltd.

O mercado brasileiro de querosene, gasolina e seus derivados está nas mãos da Standard Oil Company, isto é, da Rockefeller, patrão dos presidentes norte-americanos Wilson, Harding e Coolidge. A Anglo Mexican Petroleum disputa essa supremacia. É mais um tição para a fogueira da rivalidade imperialista anglo-americana. Esta rivalidade fará de toda a América do Sul um campo de batalhas sanguinolentas. Por quê? Porque esta última companhia é controlada pela Mexican Eagle Co. Ltd. Esta, por sua vez, é controlada pela Bataafsche Petroleum Maat, filial holandesa do célebre grupo inglês Royal Dutch Shell, que controla 103 sociedades em 29 países e colônias, manda sobre Sua Majestade Britânica e é mandado pelos Rothschild.

Temos assim: de um lado, a Standard, Rockefeller, Wall Street, os presidentes Wilson, Harding, Coolidge, Obregon, os presidentes Wenceslau e Epitácio no Brasil. Do outro lado, temos a Anglo Mexican, a Royal Dutch Shell, Rothschild, a City, Jorge V,

MacDonalds<sup>83</sup>, a 2ª Internacional, Huerta no México, Nilo, Rui, Bernardes, Alfredo Ellis, no Brasil. Como eles se entendem!

Essa rivalidade entre a Standard e a Shell é tão perigosa que já lançou o México em sangrenta guerra civil. Combinada com a rivalidade anglo-americana noutros domínios, ela ameaça lançar o mundo numa guerra tão terrível que a de 1914-1918 parecerá um brinquedo de criança. Esta devorou 18 milhões de seres. A nova guerra devorará de 60 a 80 milhões.

Os tanques, os raios da morte, os aviões sem piloto ou sem motor, os gases asfixiantes, os mil aparelhos novos, a mecânica, a eletricidade, a química, a serviço da ciência de matar, as culturas microbianas virulentíssimas lançadas nos rios e mananciais, os combates aéreos, terrestres, subterrâneos, navais, submarinos — tornarão formidavelmente trágica a luta que vem, a guerra que se aproxima de nós, a guerra que será fatal, se não surgir seu contraveneno, a medicação heróica da revolução proletária internacional.

De acordo com as perspectivas atuais, que poderão mudar a qualquer momento, os Estados Unidos combaterão, no Atlântico, a Inglaterra e, no Pacífico, o Japão. A França combaterá, em terra, a Alemanha, e a Inglaterra, no mar. A Bélgica, a Polônia, a Romênia, a Tchecoslováquia e a Iugoslávia serão arrastadas pela França. A Holanda e Portugal serão arrastados pela Inglaterra. A Itália combaterá a Iugoslávia. Constantinopla, o Egito, a Mauritània serão novos tições. A China e a Coréia combaterão o Japão. A Argélia e a Tunísia, francesas, atacam a Tripolitânia, italiana. O México, as Antilhas, a América Central serão arrastados pelos Estados Unidos. O Canadá e o Brasil, pela Inglaterra.

E a Rússia? E os comunistas? Lutarão por transformar a guerra imperialista mundial em guerra civil revolucionária mundial!

<sup>83</sup> Há uma correção, ilegível, feita por Octávio Brandão.

Não nos iludamos: o que nos espera em regime capitalista é uma série de guerras horríveis.

João de Pathmos<sup>84</sup> com grande esforço imaginou apenas a besta do Apocalipse. Dante imaginou apenas o horror do inferno medieval. Concepções infantis. A realidade atual é superior a tudo quanto foi imaginado até o presente. É mais formidável e muito mais terrível. É a imensidade do horror. O trágico infinito...

#### (D) Diante da revolta de 1924

Entremos no exame da revolta, sob o ponto de vista em questão.

A agência telegráfica United Press, norte-americana, foi suspensa. Só voltou a funcionar após reiterados empenhos do embaixador norte-americano. O consórcio jornalístico norte-americano Associated Press foi suspenso também, sob a alegação de que funcionava no Correio da Manhã. Isto vem mostrar a aliança dos norte-americanos com os revoltosos pequeno-burgueses. Os jornais norte-americanos, conforme transcrições feitas pelo O País de 3 de agosto de 1924 publicaram notícias exageradas sobre a revolta, minando o conceito internacional do governo Bernardes. O mesmo tem feito os jornais da Argentina, dominada em parte pela economia e, portanto, pela política norte-americana. Provam-no as encomendas de armas e navios de guerra à América, as conferências do embaixador Pueyrredon com a Junta de Comércio de Nova Iorque (ver *Gazeta* de 22 de agosto de 1924) e o fato de ser a Argentina o quarto país da América Latina em emprego de capitais norte-americanos. *The World* de Nova Iorque entreabre o véu de uma intervenção norte-americana no Amazonas, região cobiçada pela burguesia norte-americana por causa da borracha. Os revoltosos, no manifesto de 10 de julho de 1924, anatematizam a Missão Inglesa e o seu relatório.

<sup>84</sup> Trata-se de João, o Evangelista.

O outro lado, Plácido de Mello, agrofincancista, elogia a obra da Missão Inglesa no meeting legalista de 24 de julho. O ministro do exterior (ver *Diário da Manhã*, Vitória, 13 de julho), devedor do Banco do Brasil, depois de, com a sua política na conferência de Santiago, ter provocado desconfianças na Argentina, declara que os boatos alarmantes “têm todos a mesma origem que é o Rio da Prata”. Uma esquadra inglesa, às ordens do “radical” governo “trabalhista” de MacDonald, chega ao Rio em princípios de setembro. Deveria partir, depois, para o Sul, para garantir o fazendeiro de café, bernardista, o que, todavia, não foi necessário. Em seu número de 16 de agosto de 1924 a oficiosa *Gazeta de Notícias* alega que são justamente os jornais financeiros de Londres que mais põem em guarda a opinião inglesa contra possíveis falsificações de imprensa. Traduzamos: a burguesia financeira inglesa é quem mais se interessa pela vitória do fazendeiro de café, bernardista. Em Portugal, colônia inglesa, os jornais apóiam Bernardes. Os jornais chilenos elogiam o manifesto bernardista de 15 de novembro. Ora, é sabido que o golpe militar de setembro, contra o presidente Alessandri, se fez sob a proteção de Rothschild que, logo depois, emprestou sete e meio milhões de libras à junta militar chilena. O presidente do London Bank e o órgão monarca-fincancista The Times elogiam a obra de Bernardes. Rothschild, conforme telegrama publicado na primeira página de *Gazeta* de 10 de setembro de 1924, afirma: “continuará ser a tradicional política N. M. Rothschild and Sons a prestar todo auxílio ao governo de V. Exa. que está empreendendo uma política financeira sã e construtora”. Traduzamos: a política nitidamente agrária de Bernardes serve os interesses financeiros da Inglaterra, isto é, de Rothschild.

Exatamente por essa época, o secretário de Estado norte-americano, Hughes, atacava, num panfleto, a Liga das Nações, esse apêndice da política inglesa. E a United Press, norte-americana, publicava dois telegramas: Num, Sun Yat Sen investia con-

tra o imperialismo inglês. No outro, essa agência estudava a luta nacional nas colônias inglesas e terminava assim: “o público pergunta-se quanto tempo durará o império britânico”.

Notemos não ser a primeira vez que, direta ou indiretamente, se travam relações entre os norte-americanos e os revoltosos brasileiros. São conhecidos os casos de Antonio Gonçalves da Cruz, enviado pela revolta de 1817 aos Estados Unidos, a fim de comprar armas e contratar oficiais, e de José Joaquim da Maia que, em 1786, conferenciou com o ministro norte-americano na França, sobre a conspiração mineira.

Por conseguinte:

A luta pela supremacia no mercado brasileiro lança as burguesias inglesa e norte-americana numa guerra mortal. A Inglaterra apóia o presidente Bernardes, isto é, o fazendeiro de café, o agrário retrógrado. A América do Norte, direta ou indiretamente, apóia os revoltosos, isto é, a pequena-burguesia, atrás da qual, mais cedo ou mais tarde, agirá a grande burguesa industrial.

De um lado, o fazendeiro de café alia-se, nacional (Banco do Brasil) e internacionalmente (Rothschild), ao financeiro. Do outro lado, o pequeno-burguês alia-se, nacional (José Carlos Macedo Soares) e internacionalmente (Estados Unidos), ao burguês industrial. Os extremos se tocam: a política primitiva do agrário (fazendeiro de café) combina-se com a política crepuscular do fazendeiro, última etapa da economia capitalista. E, entre os dois, o meio termo: a pequena-burguesia aliada ao industrialismo, penúltima etapa da economia capitalista.

Bernardes, agrário e financista, alia-se a Rothschild. O imperador Francisco I da Áustria, agrário e financista, chefe e parceiro de Metternich, também agrário e financista, agraciou o financista Rothschild com o título de barão.

O pequeno-burguês não gosta do seu explorador, o agrário poderoso. O industrial não gosta de seu explorador, o financista.

Em seu livro *Minha vida e meu trabalho* (título de individualista burguês), Ford, o industrial, revolta-se contra o financista.

Na Espanha, também o capitalismo agrário alia-se à finança estrangeira contra o industrialismo nacional.

Atualmente, o capitalismo inglês é mais financeiro que industrial, quer dizer, caminha para o seu crepúsculo, é abalado pela guerra de 1914-1918 e pelas lutas nacionais das colônias, não apresentando mais a marcha expansionista, ascendente, que tinha no século passado. Todo apadrinhado seu não terá tão grandes garantias.

Por outro lado, atualmente, o capitalismo norte-americano é ainda muito industrial. Não está tão abalado pela guerra. Não apresenta um caráter tão agudo a luta nacional nas suas colônias. Marcha ainda em ascendência, apesar de todas as suas crises e contradições. O apadrinhado seu terá maior esperança de vitória. Entre Santa Teresa (embaixada britânica) e a Avenida das Nações (embaixada norte-americana), esta apresenta maior probabilidade.

No México, Juarez, protegido da América do Norte, venceu Maximiliano, protegido da França e quase protegido da Inglaterra. Também no México, Obregon, agente da Standard, isto é, de Rockefeller, de Coolidge, do imperialismo norte-americano, esmagou pelas armas Huerta, agente do governo trabalhista, apadrinhado dos grandes bancos ingleses. E venceu, pela diplomacia, o representante inglês Cummins na questão da fazendeira (!) Miss Evans. Aqui, como no México, o governo "trabalhista", "democrático", auxilia o agrário, o feudal, o retrógrado, contra o pequeno-burguês, democrático. Curiosa ironia que vem provar o caráter reacionário da evoluína<sup>85</sup> de MacDonald. Este dá mão forte na

<sup>85</sup> Esta expressão, "evoluína", consta da primeira edição e foi mantida por Octávio Brandão.

Turquia à reação política (monarquia), econômico-política (feudalismo) e religiosa (califado). No Brasil, MacDonald auxilia, diretamente, a reação econômico-política (feudalismo) e, indiretamente, a reação religiosa (catolicismo).

Se os revoltosos pequeno-burgueses souberem explorar a rivalidade entre esses dois imperialismos – poderão vencer<sup>86</sup>.

Essa rivalidade, hoje, é uma coisa séria; amanhã, sê-lo-á ainda mais. A luta pela posse do ferro de Minas, do carvão do Sul e do petróleo do Norte desencadeará conflitos se o proletariado não tomar a palavra. Os bilhões de toneladas das jazidas brasileiras de ferro, superiores às da Lorena, custar-nos-ão sangue, se a revolução não evitar a catástrofe.

### (E) Guerra de morte ao imperialismo!

Como é que os dois imperialismos encaram o Brasil?

Na opinião da América do Norte, o Brasil é um bom presunto de onde espera, no mínimo, arrancar um pedaço (Amazonas). Um senador norte-americano, desde 1836, dizia: "a bandeira estrelada não tarda a flutuar nas torres do México e daí se estendera até o cabo Horn, cujas ondas agitadas formam o único limite que o ianque reconhece à sua justa ambição". E um secretário de Estado, norte-americano, já disse: "A América do Sul tem a forma de um presunto. Tio Sam é um bom garfo; deve devorar o presunto. Um dia a bandeira estrelada flutuará sozinha do pólo norte ao pólo sul".

Na opinião da Inglaterra, o Brasil é uma espécie de Índia. Assim, quando o Brasil precisa de financistas, a Inglaterra envia Montagu, ex-ministro da Índia no gabinete britânico, agente do imperialismo inglês e inimigo da Índia. Funda-se no Rio de Janeiro, sob os auspícios do fazendeiro de café, um templo católico

<sup>86</sup> Não souberam: foram derrotados. (Nota de Octávio Brandão à primeira edição).

inglês. E lá vem, especialmente para missionar, o jesuíta William Wallrath, capelão do exército imperialista inglês durante a guerra imperialista, velha raposa que, durante 33 anos, serviu na Índia o imperialismo britânico pregando a resignação aos trabalhadores. E tão convicta está a Inglaterra de que isto aqui é uma espécie de Índia que, até para visitar-nos escolhe navios de denominações hindu: "Deli" e "War Sudra", da esquadra do almirante Brand...

Quando o Brasil está aliado à Inglaterra, a reação é pior do que quando está aliado aos Estados Unidos. A monarquia escravocrata brasileira sempre se inspirou na monarquia financeira inglesa. Atualmente, Bernardes, cerca-se de financistas, clericais e monarquistas.

Eduardo Prado, bacharel como Bernardes, era irmão do agrário, financista, católico e monarquista, Antonio Prado, um dos responsáveis pela derrota dos revoltosos em São Paulo. Eduardo Prado, proprietário da fazenda de café Guatapará, era monarquista, católico, tradicionalista. Amava Portugal, colônia agrária da Inglaterra financeira. Odiava a burguesia industrial norte-americana. Seu libelo contra ela foi publicado exatamente durante a contra-revolta da esquadra em 1893. Este movimento reacionário, chefiado pelo monarquista Saldanha da Gama, foi apoiado: em Londres, pelo célebre órgão monarco-financista *The Times* e pelo conselheiro monarco-financista Rui Barbosa; e no Rio, pelos monarquistas, pelos clericais e pelos ingleses Crashley, Alexander e Wilson Sons & C. Ltd. Já os revoltosos republicanos de 1786 e de 1817, como os republicanos de 1891, se voltaram para a República norte-americana. Estes últimos, lá, foram buscar a Constituição brasileira, escrita, no entanto, pelo reacionário Rui, o que é uma das contradições deste ventoinha.

Os republicanos de 1891, positivistas, queriam o industrialismo: aliavam-se à América do Norte. Os republicanos hipócritas de 1924, católicos, envenenados pelo espírito monarquista, querem o agrarismo: aliam-se à Inglaterra.

A burguesia britânica sempre tem vivido de espertezas à nossa custa. Negociar com John Bull é o mesmo que negociar com os comerciantes pequeno-burgueses<sup>87</sup> sírios do Brasil. Lord Cochrane pagou-se por suas próprias mãos como um corsário vulgar. E era almirante!

Em 1825, a Inglaterra entrou como "mediadora" entre o Brasil e Portugal. Resultado: o Brasil teve um rombo de dois milhões de esterlinas. Grande parte desta soma ficou no bolso do burguês britânico para indenizá-lo do empréstimo contraído em Londres pela burguesia portuguesa para combater nossa independência. Com este movimento nacional, a Inglaterra lucrou: navegação e exportação em larga escala; vários empréstimos; vendas de armamentos imprestáveis; indenização de fantásticos prejuízos de guerra. O burguês britânico foi quem mais lucrou com a independência do Brasil. E, prevendo esses lucros, a favoreceu. Só por isto e nada mais...

De 1883 a 1914, em 14 empréstimos, na maioria ingleses, contraídos no valor nominal de 120 milhões de libras (em números redondos), o Brasil só recebeu 112. Quer dizer: 8 milhões de esterlinas – mais de 326 mil contos no câmbio atual de 5 7/8 – ficaram nas mãos dos intermediários...

Segundo *A Noite*, de 12 de janeiro de 1925, em 1889 a Inglaterra emprestou 5 mil contos à Prefeitura do Rio. Desta importância, só chegaram até aqui 3.950 contos. Quer dizer: mais de 1.000 contos ficaram no bolso dos intermediários. Ora, a Prefeitura já pagou mais de 20 mil contos e deve ainda 14 prestações...

Enganar-se-ia, porém, quem julgasse ser apenas de ontem a pirataria britânica no Brasil. Ela tem mais de três séculos. Os primeiros ingleses aqui aportados foram dois corsários – Cavendish e Lancaster – que, em 1591 e 1595, respectivamente, saquearam Santos e Recife, e incendiaram São Vicente.

<sup>87</sup> Há uma correção, ilegível, feita por Octávio Brandão.

Se, de um lado, não devemos iludir-nos com a burguesia norte-americana, de outro lado, não devemos acreditar em John Bull. É tão clara a situação atual que só a mesquinha visão pequeno-burguesa permite ilusões em torno do capitalismo e de seus lacaios.

\*\*\*

A Suíça é um paraíso, diz o pequeno burguês. Mas a burguesia suíça entrega ao czar o revolucionário Netchaiev, emigrado político. O imperialista Curzon manda, indiretamente, assassinar Vorovski<sup>88</sup> em seu território, sem que a Suíça proteste. Covarde e hesitante, a burguesia suíça é germanófila em 1914 e aliadófila em 1917. Esmaga pela violência a greve feral de 1918. Proíbe os livros de Lênin.

A Suíça “democrática”! Apresenta, em agosto de 1922 mais de 50 mil operários sem trabalho. Repele um projeto de imposto sobre a propriedade. Sua milícia tem uma organização prussiana. Suas dívidas montam a quatro bilhões. Seu governo (pasmai, pequeno-burgueses!) é de proprietários rurais (sempre o agrarismo!) e de capitalistas. Consiste sua política econômica em reduzir os salários e suprimir o auxílio aos sem trabalho, exatamente como em qualquer outra “democracia” burguesa. Até 1922, os impostos tinham aumentado de 300% e 800%. Os operários precisam defender pela greve o dia de oito horas e bater-se contra as leis celeradas como a lei Haerberlin. A ideologia pequeno-burguesa empesta o país. Os politiquieiros agrários como Laur, apoiados pela burguesia rural, pregam o abandono do industrialismo e a volta à agricultura – ao agrarismo, ao feudalismo – como solução ao problema social. Assim, a burguesia nega o seu papel histórico – a destruição do feudalismo.

<sup>88</sup> Há uma correção, ilegível, feita por Octávio Brandão.

O rei Alberto é um santo e um herói, dizem os pequeno-burgueses. Mas o tio e antecessor, Leopoldo II, só em nove anos suga mais de três milhões de libras esterlinas aos desgraçados trabalhadores do Congo. Em dois anos do reinado de Alberto I, a população da mesma colônia fica reduzida à metade, enquanto aumentam constantemente os lucros das minas de cobre do Katanga, de ouro de Kilo, de carvão da Luena e diamante do Kisai, sendo que algumas pertencem ao próprio governo belga.

É o rei Alberto um santo? Seu ministro Vandervelde<sup>89</sup>, homem de confiança da 2ª Internacional, assina o tratado negreiro de Versalhes. Seu ministro Theunis, em março de 1923, persegue 54 comunistas, sob a velha e desmoralizada alegação de “complô contra a segurança do Estado”. Durante a ocupação, suas tropas ferem ou matam 29 operários na Prússia Renana. Seus soldados, na greve do Borinage, em outubro de 1924, atiram contra os mineiros, matando um e ferindo vários.

É o rei Alberto um herói, um mártir, um democrata? Seus generais, como o barão Jacques, fazem parte das Uniões Cívicas, isto é, de organizações fascistas. Seu governo proíbe uma brochura de Lênin sobre as cooperativas. Apóia, durante anos, a política ferozmente reacionária do presidente Poincaré. Para neutralizar o aumento da dívida pública, cria novos impostos que ferem exclusivamente as massas trabalhadoras. Os metalúrgicos precisam defender pela greve o dia de 8 horas. Alberto I apóia a invasão imperialista do Ruhr. Seu valete, Vandervelde, faz cerca de 1.500 prisões – de flamengos que queriam a autonomia de seu país e de admiradores da revolução russa. O Estado belga vive em mancebia com a Igreja, como na Idade Média. Os politiquieiros clericais e administradores de sociedades carboníferas, como Cooreman, chegam a ser ministros.

<sup>89</sup> Emile Vandervelde, deputado socialista belga, presidente da II Internacional (1900) e várias vezes ministro durante a década de 1920.

Quanto à América do Norte, é o país mais podre do mundo.

Mas, neste momento, nosso combate principal não é contra a burguesia da Suíça ou da Bélgica, não é contra a burguesia do dólar, e sim contra a burguesia da esterlina, protetora da bestial burguesia<sup>90</sup> do café no Brasil. O leitor proletário vai saber o que vale a “robusta Europa do individualismo anglo-saxão”, robustez atestada pela pobreza da visão do “sociólogo” burguês Oliveira Vianna.

A história da Inglaterra é uma vergonha viva: traição e traficância, hipocrisia e bíbliamania. Sua religião oficial originou-se da sede de ouro e da sensualidade de Henrique VIII.

O inglês Hawkins foi um dos primeiros traficantes de escravos. Segundo o comunista indochinês Ai-Quac, só em 10 anos, a Cia. de Liverpool lucrou mais de um milhão de esterlinas com o comércio de negros. Sua Majestade Cristianíssima Britânica e as sociedades inglesas para a “propagação do cristianismo” amontoaram fortunas com a escravidão. Durante a revolução burguesa da França, essa Inglaterra já sob o governo da atual dinastia, foi o principal baluarte da reação. Os australianos e os maoris dizimados pelas carabinas, pelo álcool e pelos cães de caça, os milhares de cipaios da revolta de 1857, os três mil matabeles<sup>91</sup> massacrados em 1895, pagam com suas vidas seu desejo de independência. Ah, burguesia inglesa assassina!

Em 1830, o embaixador britânico pede ao governo chinês autorização para importar ópio. O pedido é rejeitado. Então a Inglaterra envia à China 20 mil e tantas caixas de ópio, em contrabando. A China destrói o ópio. John Bull declara guerra à Chi-

<sup>90</sup> Octávio Brandão fez uma correção, ilegível, para substituir a expressão “burguesia”. Por isso, foi mantido o texto da primeira edição.

<sup>91</sup> Matabeles: povo zulu do Zimbábue, na África.

na. Esta é vencida. E a Inglaterra toma-lhe Hong Kong, atualmente o maior porto do mundo, e obriga-a a pagar-lhe 21 milhões de dólares. Em 1856, nova guerra, para forçar a legalização da venda de ópio. Ah, a burguesia inglesa envenenadora!<sup>92</sup>

A Inglaterra provoca movimentos reacionários por toda parte. Para destruir a obra da revolução russa e apossar-se do petróleo do Azerbaijão, gasta cem milhões de esterlinas, auxiliando a reação czarista. No Iraque, seus aviões bombardeiam as populações rebeldes. Na Índia, ela encarcera os comunistas e os camponeses akalis e condena milhares de moplans a trabalhos forçados. Na China, a Inglaterra de MacDonald, através do órgão do seu Ministério do Exterior (o Daily Telegraph), insinua a volta à monarquia e apóia Tsao-Kung, a reação feudal, contra Sun Yat Sen, a revolta democrática. Apóia também U-Pei-Fu, fuzilador de cinco ferroviários em maio de 1924. Um agente do banco inglês de Hong Kong e Xangai, arma uma tropa de fascistas chineses que mantém relações com os feudais. Sun Yat Sen resolve desarmá-los. O cônsul inglês opõe-se. Pior, envia um ultimato a Sun Yat Sen. Ah, burguesia escravizadora!

No Afeganistão, a Inglaterra fornece armas às tribos reacionárias para combaterem o emir progressista. E tomando ares de imparcial, fornece aeroplanos a este último para esmagar as tribos. Mas os aeroplanos não voam. A Inglaterra provoca, para depois esmagar, o movimento nacional do Sudão e não admite que se fale na independência de tal região porque, segundo Lloyd George, aí “estão empregados grandes capitais ingleses” no plantio de algodão. A Inglaterra excita movimentos contra-revolucionários nas estepes turcomanas a fim de turvar as boas relações da

<sup>92</sup> Referência à Guerra do Ópio (1839-1842), entre a Inglaterra e a China. Em represália à proibição do tráfico de ópio pelo governo chinês, os ingleses ocuparam Xangai; no final da guerra, impuseram a cessão de Hong Kong e a abertura de portos chineses ao comércio europeu; houve outra guerra do ópio, entre 1856-1860.



Rússia com a Pérsia. Lança os wahabitas<sup>93</sup> contra o emir Abdallah. Depois, este contra aqueles, matando 800. E passa a rasteira em ambos os contendores, apossando-se da Transjordânia. Da noite para o dia faz Hussein, papa muçulmano; e, com a mesma sem cerimônia, o desfaz. Lança os caudilhos chineses uns contra os outros, desencadeia o caos e, como sempre, tira partido de tudo e de todos. Ah, burguesia desleal!

Em 1918, o capitão inglês Teeg-Johns massacra 26 comissários comunistas no Turquistão e fica impune até hoje. Em março de 1922, o general Smuts<sup>94</sup> destrói com torpedos aéreos a Bolsa do Trabalho de Benoni, prende e metralha milhares de trabalhadores do Transvaal e ainda é aplaudido. A Inglaterra fuzila os tecelões grevistas de Bombaim, prende e maltrata 13 comunistas na Palestina; em julho de 1924, prende em Xangai três membros do Partido Comunista chinês e faz decapitar em Wansiang<sup>95</sup> dois militantes do sindicato chinês dos marinheiros. Ah, burguesia bestial!

Fiquemos por aqui. Guardemos o resto da munição para outras batalhas. Iríamos longe se fossemos contar, mesmo por alto, todos os crimes da burguesia inglesa. Pois, se não abrirmos os olhos, maiores crimes a Inglaterra cometerá impunemente no Brasil. Sirvam essas linhas para mostrar o quanto é perigosa, para o futuro do país, a aliança de Rothschild com o governo de agrários, principalmente se a Central do Brasil e outras empresas caírem nas garras dos ingleses, como queria Montagu.

Lembremos que, em várias das misérias apontadas acima, MacDonald e a 2ª Internacional têm sua parte. É claro, porém, que

os trabalhadores revolucionários britânicos, vítimas e adversários de tal regime, não são responsáveis por esses crimes. Enviemo-lhes, pois, através do Oceano Atlântico, um aperto de mão fraterno na luta contra os Rothschild – seus e nossos carrascos!

## XV - O PROLETARIADO

### (A) Sua história

A história dos trabalhadores nacionais divide-se em três partes: 1ª, A história da escravidão dos índios e dos negros. 2ª, A história da servidão do trabalhador rural<sup>96</sup>. 3ª, a história do salariado (proletariado industrial).

Historiadores burgueses têm-se ocupado da primeira parte, embora atenuando as cores. Quanto à segunda e à terceira, ainda são desconhecidas. Cabe a nós, revolucionários, o dever de escrevê-las.

A história dos trabalhadores rurais<sup>97</sup> é um imenso martírio, uma exploração inominável: lutas obscuras, heroísmos anônimos contrastando com a profunda inconsciência das massas. Em 1918-1920 deram-se, nos campos de Pernambuco, fatos interessantes que ainda esperam por um historiador.

A história do proletariado industrial começa com as primeiras greves depois de 1889 e com os imigrantes do Mediterrâneo que aqui aportam, trazendo a semente anarquista. Formam-se grupos que vão crescendo pouco a pouco. Dentre esses, o que mais se destacou foi o do jornal Terra Livre, dirigido pelo anarquista Neno Vasco, um dos pioneiros das lutas libertárias do Brasil. Neno volta a Portugal. Mas seu esforço não se perdeu. Fica um bloco de companheiros que persistem na luta. E vem, com a Guerra Social, a

<sup>93</sup> Movimento religioso surgido na Arábia, que afirmava que o islamismo baseia-se na interpretação do Alcorão, ao pé da letra. É a religião dominante na Arábia Saudita.

<sup>94</sup> General Jan Christian Smuts, militar e político sul-africano, primeiro-ministro da África do Sul de 1919 a 1924 e de 1939 a 1948.

<sup>95</sup> Wangsiang, porto da China, às margens do rio Yang tse-kiang.

<sup>96</sup> Na primeira edição dizia: "proletário rural".

<sup>97</sup> Na primeira edição dizia: "proletariado rural".

nova geração. Esta, com maior experiência, coloca-se, durante a guerra, no terreno da luta de classes. Combate os anarquistas aliadófilos como Grave e Kropotkin. E, assim, passando por cima da cabeça dos patrioteiros e renegados, a vanguarda esquerdista do Brasil une-se à esquerda de Zimmervald, isto é, ao internacionalismo leninista. Em 1917, com a entrada do Brasil na guerra, a mesma atitude.

Rompem o movimento, a grande greve de São Paulo, em torno do jornal *A Plebe*. A burguesia, acovardada, inicia a legislação social. Eram os primeiros frutos da revolução burguesa de fevereiro na Rússia. Vem a revolução bolchevista. Uma extraordinária efervescência percorre o proletariado nacional<sup>98</sup>. Por ocasião da paz de Brest-Litowski, o jornalismo da burguesia mundial anuncia o fim do bolchevismo. Mas o proletariado do Brasil, pela pena de um de seus líderes, declara que não só o bolchevismo não morrera, mas terminará despedaçando a monarquia alemã. E a previsão se cumpre oito meses depois.

Apesar do sítio e da censura, aparece o jornalzinho *Crônica Subversiva*<sup>99</sup>. Os trabalhadores, calculando mal as forças inimigas, tentam apossar-se do poder a 18 de novembro de 1918<sup>100</sup>. Mancha-se de sangue o campo de São Cristóvão, no Rio. Os operários, vendo a impossibilidade da vitória, manobram em tempo e salvam-se antes de receber o choque dos primeiros batalhões. Para abafar o incêndio, a burguesia sanciona a lei de acidentes e encarcera a vanguarda proletária durante cinco longos meses.

<sup>98</sup> Na primeira edição dizia: "dirigido pelos anarquistas".

<sup>99</sup> A *Crônica subversiva* foi um jornal editado por Astrojildo Pereira no final da década de 1910.

<sup>100</sup> Levante operário ocorrido no Rio de Janeiro e em Magé; através de uma greve geral revolucionária a liderança anarco-sindicalista pretendia estabelecer uma república soviética no Brasil; foi massacrado pela repressão.

A 1º de maio de 1919, rolam, pela avenida, 60 mil trabalhadores vivendo Lênin e a Revolução russa. A burguesia, impotente, manobra. E os líderes, por falta de um Partido Comunista, forte, centralizado, disciplinado, por falta de um partido que dirigisse a batalha, perdem a ocasião. O 1º de maio de 1919 foi um tournant, uma curva no rio da luta de classes brasileira. Os líderes não souberam aproveitar a oportunidade. O barco, em vez de prosseguir, estacionou para depois recuar. Surge o jornal *Spartacus* como a expressão jornalística do ponto culminante. Mas, desde logo, começa a rolar pelo outro lado da montanha. A vaga bramira e se erguera sem despedaçar a amurada e agora teria de voltar ao seio do oceano. Só vagas novas, mais potentes, poderiam recomeçar a batalha.

A organização era frágil. O partido da época<sup>101</sup> – de comunista só tinha o nome. Era um saco de gatos, um aborto de confucionismo e uma casa de orates. A ideologia anarquista criava uma série imensa de ilusões. O estudo da situação objetiva, a correlação de forças, as manobras da política proletária, os avanços e recuos, a ofensiva e a defensiva, a luta legal e a luta ilegal, a luta no Parlamento e a luta extraparlamentar, a combinação desses elementos e de muitos outros – tudo isso era ignorado ou era feito desordenadamente.

Mal o presidente Epitácio Pessoa subiu ao poder iniciou a liquidação do movimento avançado<sup>102</sup>. Com o seu nacionalismo hipócrita – nacionalismo de um agente da política norte-americana – dividiu os trabalhadores em dois campos: o nacional, governista, e o estrangeiro, anarquista. E feriu o cérebro da luta em marcha<sup>103</sup> perseguindo o Estado-Maior. Deportou cerca de 150

<sup>101</sup> Refere-se ao Partido Comunista do Brasil que as lideranças anarco-sindicalistas tentaram fundar, no Rio de Janeiro, em 1919.

<sup>102</sup> Na primeira edição dizia: "revolucionário".

<sup>103</sup> Na primeira edição dizia: "revolução".

trabalhadores, desfazendo seus larés. Epitácio já recebeu o prêmio: a desmoralização de seu governo pelos bernardistas, filhos diletos dos epitacistas.

O *Correio da Manhã* apoiou Epitácio contra os atentados. Suas calúnias, como a do assalto ao Colégio Sion, produziram uma impressão terrível. O *Correio da Manhã* apoiou Epitácio. E hoje? Seu diretor Mário Rodrigues cumpre, na prisão, a pena imposta pelo padrinho de Epitácio: o Supremo Tribunal Policial. Paulo e Edmundo Bittencourt estão presos. Os redatores atravessam uma situação econômica difícil. E até os operários que, outrora, sacrificaram sua associação para servir Edmundo, lutam por encontrar trabalho. Recolhei os frutos da vossa obra! A justiça proletária vem, hoje, lembrar o vosso crime!

Mas voltemos ao passado.

O jornal *A Voz do Povo*, aparecido já na vazante, em 1920, bateu-se heroicamente. Pereceu lutando. Lenta e dolorosa agora.

Esmagada a primeira linha de atiradores, aterrorizadas a segunda e a terceira, a massa começou a recuar. Greves declaradas por qualquer motivo, ou mal dirigidas como a da Leopoldina aumentaram a desagregação. E a massa desertou das associações em 1920.

Mil novecentos e vinte e um foi o ano doloroso. Ficou, nos sindicatos, apenas uma minoria defendendo os ideais proletários. Essa minoria, meditando nas lições da derrota, compreendeu que grande parte da culpa cabia às idéias e aos métodos anarquistas de luta.

Eram necessários uma nova idéia e um novo método. Assim, a 7 de novembro de 1921, quarto aniversário da revolução russa, doze camaradas lançaram as bases do Partido Comunista do Brasil, fundado em março de 1922. De então para cá, a luta tem sido difícil. A polícia vê os fatos europeus e quer destruir a vanguarda revolucionária antes que ela tome pé. As massas, desiludidas do

anarquismo e atochadas de mentiras sobre a Rússia, não apóiam os lutadores da primeira linha. E estes, pagando ainda um tributo ao passado, não têm sabido conquistá-las.

Enfim, como retoque final, digamos que o movimento operário e popular<sup>104</sup> de 1918-1920 era bastante influenciado pela pequena-burguesia. Seus líderes, vindos em grande parte desta origem, ainda não estavam libertos da ideologia dela. Preponderava o anarquismo – a teoria característica da pequena-burguesia exasperada com a proletarização. Preponderavam o individualismo, a desorganização política e o terrorismo individual – terrorismo de pequeno-burgueses. Vários líderes, mesmo dos sindicatos, aburguesaram-se posteriormente, tornaram-se pequenos e médios proprietários. Renegaram a classe operária – a classe definida, heróica, dinâmica, verdadeiramente revolucionária, a classe do futuro. Renegaram a classe operária por um conglomerado amorfo, confuso, oscilante como um pêndulo: a pequena burguesia.

Para completar o quadro, lembramos que o próprio proletariado era constituído, em parte, de artesãos ou de antigos lavradores e pequeno-burgueses rurais empobrecidos, de Portugal, da Espanha e da Itália.

Os esteios desse movimento de 1918-1920 eram os sindicatos dos trabalhadores em calçado, em construção civil, em hotéis e restaurantes e em fábricas de tecidos. No primeiro sindicato dominavam os sapateiros do Luiz XV, trabalhadores a domicílio, portanto, artesãos, bem pagos, portanto, aristocratas econômicos. No segundo sindicato, dominavam os estucadores, aristocratas econômicos. No terceiro sindicato dominavam os cozinheiros, idem.

Os trabalhadores em fábricas de tecidos, operários da grande indústria, constituíam o melhor material para qualquer ação revolucionária. Mas os artesãos e os pequeno-burgueses anarquis-

<sup>104</sup> Na primeira edição dizia: “movimento proletário”.

tas não souberam organizar e conservar organizados esses trabalhadores. Compreende-se: anarquismo é sinônimo de artesanato e de agrarismo pequeno-burguês e antônimo de industrialismo.

Eis aí, a largas pinceladas, a história do proletariado industrial e de sua vanguarda até 1924.

\*\*\*

A 1º de maio de 1925, com a aurora do jornal *A Classe Operária*, a situação é outra. Os líderes aburguesados foram jogados à margem, como também os intelectuais água morna, “diletantes”. Os pequeno-burgueses de algum valor foram proletarizados e estão a serviço do proletariado, são proletários<sup>105</sup> econômica, política, social, moral e intelectualmente. A base da ação atual é o proletariado da grande indústria. Inicia-se a penetração real no seio dos trabalhadores dos campos. Funde-se num só, o movimento dos operários brasileiros e internacionais. A luta adquire amplidão teórica e estratégica...

Por conseguinte, a história do proletariado industrial do Brasil, de 1889 a 1925, pode ser dividida em etapas:

Primeira etapa<sup>106</sup> – preparação ou gestação: vai de novembro de 1889 a agosto de 1914.

Segunda etapa – eclosão ou desabrolhamento: vai da conflagração à revolução russa: agosto de 1914 a 7 de novembro de 1917.

Terceira etapa – culminância, apogeu: fins de 1917 a meados de 1919 (presidência Epitácio).

Quarta etapa – crepúsculo: fins de 1919 a fins de 1920, quando a *Voz do Povo* morreu.

<sup>105</sup> Na primeira edição dizia: “verdadeiros proletários”.

<sup>106</sup> Tudo indica que o trecho que começa em “Primeira etapa” e termina em “aurora d’*A Classe Operária*” foi cortado por Octávio Brandão. Na dúvida, mantive como está na primeira edição.

Quinta etapa – vazante completa: fins de 1920 a 6 de novembro de 1921.

Sexta etapa – reagrupamento das forças: 7 de novembro de 1921 (fundação do Grupo Comunista do Rio) a 24 de março de 1922.

Sétima etapa<sup>107</sup> – preparação das forças para as novas batalhas: 25 de março de 1922 (fundação do PCB) a 30 de abril de 1925<sup>108</sup>. Aurora d’*A Classe Operária*: 1º de maio de 1925, desabrochar do primeiro e único órgão da classe operária do Brasil, a primeira obra verdadeiramente proletária que se realiza no Brasil, obra onde palpitam as aspirações de uma classe, o heroísmo de uma vanguarda e a vontade inquebrantável de milhares de trabalhadores.

Examinando estas notas, vemos que a história do proletariado industrial do Brasil é, em parte, um reflexo da história do proletariado europeu. Isto mostra a importância que tem para nós o estudo da situação internacional. Isolado da luta do proletariado internacional, o proletariado do Brasil nada conseguirá. O proletariado só vencerá como classe – internacionalmente.

Aplicando a dialética marxista à história do proletariado industrial do Brasil, observamos:

A tese ou afirmação é a etapa que vai de 1889 à presidência Epitácio, em meados de 1919. É a etapa de ascensão – sob a influência do anarquismo.

A antítese ou negação é a etapa das perseguições epitacianas e conseqüente desorganização, até a fundação do Grupo Comunista do Rio de Janeiro, a 7 de novembro de 1921. Esta antítese negou a etapa anterior.

<sup>107</sup> Na primeira edição, Octávio Brandão referia-se a oito etapas, sendo a oitava iniciada com o surgimento de *A Classe Operária*; no exemplar anotado por ele, a oitava etapa foi fundida com a sétima (MB).

<sup>108</sup> Há uma correção, ilegível, feita por Octávio Brandão.

A síntese ou negação da negação inicia-se nesta última data para se afirmar com o 25 de março de 1922 (fundação do PCB), com o 1º de maio de 1924 (quando um orador falou em nome do Partido Comunista, no comício da praça Mauá), e especialmente com o 1º de maio de 1925, quando surgiu *A Classe Operária*.

A síntese nega a antítese. Quer dizer: a nova ação proletária nega a reação burguesa. A síntese é a negação da antítese epítaciana. É, portanto, a negação da negação.

A dialética é a ciência que mostra como a sociedade, o universo e o pensamento evoluem. Esta evolução se faz através das três etapas acima. Na primeira etapa, o processo ou o fenômeno se afirma. Na segunda etapa é negado, combatido. Na terceira etapa novamente se afirma. Tese, antítese e síntese. Afirmação, negação e negação da negação...

### (B) O martírio do proletariado...

É necessário encarar dois aspectos: o martírio econômico da massa e o martírio econômico, político e psicológico da vanguarda.

O martírio da massa é profundo. Percorrendo os campos, as fábricas, os trens matutinos da Central, as casas de pasto, os corredores dos hospitais, nem mesmo assim se calculará o martírio da massa, porque há coisas que só podem ser compreendidas quando experimentadas.

O martírio da vanguarda é imenso. É o martírio econômico. Mal vista pelos patrões, luta contra a falta de trabalho. Seus deveres na batalha obrigam-na a dedicar à causa horas que poderiam ser empregadas no ganha pão. Passa pelas mil pequeninas misérias. Mal dormida, mal nutrida, privada de tudo, acaba no mais profundo depauperamento.

Além do martírio econômico, a vanguarda sofre o martírio político, a vigilância política – horas e horas, seguida por agentes secretos; as provocações; os insultos; os encarceramentos

com a pior escória social; as torturas; as doenças apanhadas na prisão.

Por último, o martírio psicológico: as humilhações; as calúnias; as decepções com os indivíduos; a luta contra a família; a dor de não ser compreendida ou de não se fazer compreender pelas massas; o sentimento da realização distante do ideal; a dor cósmica porque abarca todos os mundos; a dor histórica porque abarca todos os tempos; a angústia lenta, diária; a tortura a fogo brando. O martírio mais espantoso de todos os séculos...

Certo, a vanguarda revolucionária do Brasil não apresenta, nem poderia apresentar, por exemplo, um Liebknecht, mas já tem seus mártires, seus heróis obscuros. É o tecelão Miguel Martins assassinado em conflito grevista. É o estivador Pedro Lessa que tombou, varado de balas, defendendo os direitos de sua corporação, em Pernambuco. É o cigareiro João Plácido, trabalhador do Pará que, no tempo do policial Geminiano da França, saiu da prisão para o hospital e, logo depois, para o túmulo. São os soldados Ribeiro e Lara que deram suas vidas na defesa do proletariado na greve da Cantareira. É o padeiro Manoel de Lima, morto por esgotamento. É o pintor e padeiro Valentim de Britto, vítima de privações. É o gráfico João Cancio de Souza, morto durante a greve dos marítimos. É Gregório Fabre, deportado do Brasil e assassinado na Espanha, deixando órfã, aqui, uma pobre menina. É José Romero, martirizado nas prisões de Afonso XIII. É Micelli que preferiu a deportação à apostasia. É Everardo Dias, chibateado em Santos. É o marítimo José Leandro, encarcerado no Rio. São os cento e tantos deportados. São os milhares de presos e as dezenas de torturados.

\*\*\*

O Partido Comunista do Brasil sofreu a primeira perseguição em julho de 1922: a invasão policial da sede, o fechamento da

mesma, insultos nos interrogatórios, mais de uma dezena de prisões, a confiscação de livros, revistas, papeletas de adesão etc.

Sofreu a segunda perseguição em maio e junho de 1923: uma dezena de prisões, algumas por três meses, buscas nos domicílios, interrogatórios, acareações, ameaças de deportação para o Acre, a tipografia invadida, a confiscação do carimbo e dos papéis da secretaria, a descoberta e a confiscação do arquivo, a confiscação da livraria – oito caixões e dois sacos cheios de livros e folhetos, com as coleções do Movimento Comunista, tudo confiscado pela polícia, pelos defensores da propriedade, pelos que condenam as futuras confiscações do governo proletário.

Sofreu a terceira perseguição em janeiro de 1924: a polícia proibiu a criação do Comitê Nacional do Socorro Operário Internacional; proibiu a comemoração da morte de Lênin; prendeu vários companheiros entre os quais o secretário político e outro membro da Comissão Central Executiva, que foram maltratados; fez novas ameaças, que seriam efetivadas, caso não desfizéssemos o Partido Comunista. (!)

A quarta começou a 5 de julho.

Não contente com essas perseguições, que mais parecem ataques histéricos, a polícia, por qualquer bagatela, prende comunistas. Há momentos em que nada sucede. Um dia, porém, sem a menor razão, a besta policial acorda. E desembesta, procurando destruir tudo num só momento. Depois, volta a dormir. Esquece-se de nós por algum tempo.

Outras vezes, como nada tem contra nós, a polícia procura meter em nosso meio agentes provocadores, e inventa, como em maio de 1923, revoltas fantásticas, de modo que, quando comparecemos aos interrogatórios, já encontramos o processo em andamento, com “testemunhas”, “provas” etc.

O ódio policial maior concentra-se sobre os livros revolucionários. Os auxiliares do Marechal Fontoura, como os de

Geminiano da França e Aurelino Leal carregam todos os livros que encontram. Deixam as estantes vazias. O fato de possuir um livro de Lênin já é uma condenação. Em abril ou maio de 1924, a Agência de Correios de Porto Alegre mandou queimar centenas de exemplares do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels – traduzido e editado pela primeira vez no Brasil<sup>109</sup>.

Em maio de 1924, foi preso um camarada do Recife só por ter recebido um caixote com 150 exemplares do livro *Rússia Proletária*. O camarada ficou preso cinco dias. Os 150 exemplares, no valor de 450\$, foram confiscados. Esse livro foi editado duas vezes. A arte da primeira edição foi queimada em junho de 1923, para não cair nas mãos da polícia que, logo depois, invadia a tipografia.

Há dois anos e meio que existe o Partido Comunista. Há dois anos e meio que é ilegal, apesar de seus estatutos legalizados. Nunca até hoje pôde anunciar aos jornais uma só reunião. O *Correio* boicota-nos. Em Porto Alegre, Santos, Cubatão, São Paulo, Ribeirão Preto, Juiz de Fora, Recife, nossos companheiros também têm sido perseguidos.

Tal é a “civilização” brasileira...

\*\*\*

Não querendo expor a maiores sofrimentos os mártires que, há longos meses, gemem nas masmorras policiais, silenciemos seus nomes. Podemos, todavia, contar suas angústias ao proletariado internacional. Todos foram metidos em prisões comuns, no meio de ladrões e assassinos. Só muito depois é que foram

<sup>109</sup> Trata-se da primeira edição brasileira do *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels, traduzido por Octávio Brandão em 1924, e que foi apreendida pela polícia.

transferidos para verdadeiros desertos como a ilha Rasa. Um deles está com o sistema nervoso alterado. Outro teve dois acessos de derrame cerebral. Um terceiro foi maltratado a bordo. Um quarto perdeu o emprego e um filho. Um quinto, também. Muitos companheiros andam foragidos, caçados como feras. Sete anarquistas foram deportados para Portugal. E outros, para o norte do país.

As associações operárias fechadas ou proibidas de reunir-se, os jornais operários suspensos, a Associação Gráfica de São Paulo saqueada como as Câmaras de Trabalho italianas durante o fascismo – todo esse quadro monstruoso confere a Bernardes, a Fontoura e a João Luiz Alves o título já conferido a Aurelino, a Epitácio, a Geminiano, a Alfredo Pinto: inimigos ferozes do proletariado.

Poderão alegar que grande parte dessa reação é causada pela ação revolucionária. Ora, esta ação tem sido pequena nestes últimos tempos. Há uma desproporção enorme entre a ação e a reação. E, depois, é impossível cruzarmos os braços e assistirmos passivamente à nossa própria destruição, à destruição da classe que representa o futuro do Brasil e do mundo.

Mas ninguém se engane: descrevemos essas misérias, não para comover as almas compassivas, não para que o burguês tenha piedade de nós, mas sim para desmoralizar o capitalismo “democrático” e mostrar às massas o que é a reação. Protestamos, não de um ponto de vista sentimental, mas em nome dos interesses do proletariado.

\*\*\*

As razões atuais desse reacionarismo são bem conhecidas: a dominação dos agrários católicos e feudais, a fraqueza do Partido Comunista, a desorganização operária, o atraso numérico do

proletariado industrial, o atraso político dos trabalhadores rurais<sup>110</sup>.

Além destas, existem as razões históricas, enraizadas no passado do Brasil. No estudo sobre a situação política nacional, expusemos algumas. Citaremos outras.

Não só no presente como no passado os políticos de São Paulo uniram-se por laços de negócios, mas também de família, aos políticos de Minas. Além disso, aqueles descendem de caçadores de índios como Antonio Raposo e de caçadores de negros como Domingos Jorge Velho. Em suas veias corre o sangue do feitor e do capitão do mato.

Ellis, Buenos, Prados, Almeida, Tibiriçás, unem-se hoje para apossar-se da nação e encobrir com sua prosápia as perseguições aos trabalhadores. E, já em 1637, o antepassado dos Ellis, Prados, Almeida e Tibiriçás – Henrique da Cunha Gago (o moço) – invadia os sertões numa bandeira sob o comando de um Bueno. Antes de 1681, um Almeida Prado escraviza índios e casa-se em 1687 com uma Camargo. Mais tarde, em 1828, outro Almeida Prado casa-se com outra Camargo. E assim se formou a oligarquia dos ex-caçadores de negros e de índios, atualmente martirizadores do proletariado.

Vejamos, agora, os políticos mineiros. Entre as suas características, podemos mencionar o atraso e a crueldade. Ora, Minas foi educada e ainda o é por “jesuítas” como os do Caraça. Em segundo lugar: muitos mineiros são descendentes diretos de padres e frades – das almas sombrias da Idade Média. Ninguém ignora que os vigários foram grandes povoadores de toda a terra brasileira. Em terceiro lugar: Minas foi desbravada por aventureiros paulistas, ambiciosos, homens cruéis, sem escrúpulos, caçadores de índios, de ouro e diamante. Vede, por exemplo, os

<sup>110</sup> Na primeira edição dizia: “proletariado rural”.

Paes Leme, os Leme do Prado, os Bueno de Siqueira, os Carvalho, os Rodrigues, os Raposo, os Camargo, os Freitas Azevedo, os Cardoso de Almeida e tantos outros gananciosos e exterminadores de indígenas.

Seus descendentes instalam-se hoje no Congresso, na indústria e na grande agricultura feudal, referindo-se com orgulho à fidalguia dos antepassados. Fidalguia de negreiros. Em quarto e último lugar: Minas, no século XVI, era povoada em grande parte por um dos grupos selvagens mais cruéis e mais atrasados do Brasil: o grupo dos botocudos, antropófagos, tapuia, Gê, de Martius. E exatamente Viçosa, a terra de Bernardes, era a aldeia dos ferozes índios "arrepiaados". Os políticos mineiros têm, pois, ainda hoje, o atraso e a ferocidade do tapuia.

Os Gê, os índios de Minas, eram tão atrasados que os índios tupi os denominavam tapuias, que quer dizer bárbaros. Se os tupi se julgavam com o direito de chamar bárbaros aos índios de Minas, que nome então aplicaremos nós, proletários, industrialistas, aos antepassados indígenas dos atuais políticos mineiros?...

A reação feudal<sup>111</sup> também se explica pelo seguinte: em Minas, a descendência do revoltoso brasileiro Tiradentes apagou-se sem brilho. Só ficou a semente maldita do Judas português Joaquim Silvério, a proliferar espantosamente, a fecundar beatas.

Pobre Minas!

### (C) Diante da revolta de 1924:

Em 1922, o proletariado não se manifestou. Nem dele se lembrou o governo. Em 1924, a situação foi outra. O jornal *Vanguarda* encarou-o no primeiro ou segundo dia da revolta como um fator. No Rio de Janeiro, o proletariado ficou em expectativa. Em São Paulo, a atitude foi mais além.

<sup>111</sup> Na primeira edição dizia: "reação da burguesia feudal".

O presidente da Associação Comercial de São Paulo, na carta de 27 de julho de 1924, declarou: "os operários agitam-se já e as aspirações bolchevistas manifestam-se abertamente". A *Gazeta*, de 2 de agosto, ocupou-se da "influência do bolchevismo na mazorca", embora confundisse bolchevismo com pilhagem. Falou de "estrangeiros" que, "quando atravessavam a cidade, em caminhões para a linha de fogo, iam sempre cantando A Internacional e assim defendiam mais o estômago do que as próprias idéias". Provavelmente, a *Gazeta* quis dizer o contrário. O presidente paulista, no manifesto publicado no *Jornal do Comércio* de 25 de julho de 1924 disse que os revoltosos prometeram "até mesmo a anarquia bolchevista".

Essas citações demonstram que o fazendeiro de café, nisto de pleno acordo com o burguês comercial e industrial já compreende a importância do proletariado e da sua vanguarda. E teme estes dois. Quer dizer: já começamos a ser alguma coisa no Brasil...

Atualmente, a segunda revolta toma um caráter de guerrilha que poderá prolongá-la por bastante tempo. Se, porém, for esmagada definitivamente pelo fazendeiro de café, virá a terceira. De qualquer forma, levantam-se as tarefas:

(a) Antes da vitória dos revoltosos

1) Organicamente:

Organizemos e reorganizemos os trabalhadores. Instituíamos Centros de Cultura Proletária nas localidades do interior. Criemos Células Comunistas em todos os locais de trabalho, principalmente entre os operários dos transportes e das grandes fábricas de tecidos. Criemos Núcleos Comunistas em todos os sindicatos. Vejamos, em cada lugar, qual a indústria principal e, sobre seus operários, concentremos as energias. Façamos um trabalho lento, sólido, metodizado. Compreendamos que o comunismo é, em primeiro lugar, uma teoria para os operários da grande indústria,



da alta indústria centralizada, e não para artesãos e pequeno-burgueses. Formemos a Frente única de todos os trabalhadores, pon-do de lado, nesta questão, os princípios filosóficos e sociais. Liquidemos os sindicatos esqueléticos em proveito das grandes associações. Unifiquemos e centralizemos as massas. Sigamos o conselho de Lênin: “menos frases pomposas e maior esforço diário, menos trepidação política e maior atenção aos fatos mais simples – os mais tangíveis da construção comunista”.

## 2) Ideologicamente:

Aprofundemo-nos nas obras de Marx, Engels e Lênin saturando-nos delas. Estabeleçamos cursos sobre o leninismo para que a unidade de pensamento seja a base da unidade de ação, proletária. Soldemos os operários com os intelectuais revolucionários. Lutemos por fundir, num todo indissolúvel, como queria Lênin, os líderes do Partido Comunista com a classe operária e com as massas oprimidas. Não façamos a mínima concessão à filosofia idealista, mesmo de um Hegel, em que a realidade é subordinada à idéia de cada um, à fantasia de cada um. Subordinemos as nossas idéias e os nossos desejos à realidade histórica. Não procuremos forçar a história. Aceitemos, como Engels, as noções de nosso cérebro de um modo exclusivamente materialista como as imagens das coisas reais, em lugar de concebermos as coisas reais como tal ou tal grau de Idéia Absoluta. Só admitamos, como Karl Marx, o elemento ideal como sendo o material transposto e traduzido no cérebro dos homens. Reduzamos, como Engels, a marcha dialética das nossas idéias a não ser mais do que o reflexo consciente do movimento dialético do mundo real. Não esqueçamos que a nossa dialética, o nosso método de análise e interpretação da vida, do universo e da sociedade, é essencialmente crítica e revolucionária.

Compreendamos que toda luta econômica é uma luta política, e vice-versa. Compreendamos que toda luta econômica e

política é uma luta de classes, e vice-versa. Compenetremo-nos de que toda a história universal é uma história de lutas econômicas e políticas, de lutas de classes e não uma história de reis e imperadores.

Compreendamos que o proletariado é a única classe revolucionária até o fim. Compreendamos que, sendo nós o granito social, a camada sobre a qual se superpõem todas as outras, a camada mais profunda de toda a sociedade, não poderemos erguer o espinhaço sem rachar, aluir, despedaçar as camadas superpostas: a pequena, a média e a grande burguesia rural, comercial, industrial, predial, financista, burocrática etc. Compreendamos que, suceda o que suceder, a História trabalha para nós, os fatos se desenrolam no sentido da nossa vitória.

Estudemos fria, objetivamente, as lutas nacionais em toda a sua profundidade e complexidade, adquirindo uma noção realista das mesmas, interpretando-as à luz do materialismo histórico e da dialética marxista, à luz do marxismo leninista, isto é, o marxismo da época burguesa imperialista e proletária revolucionária. Saibamos separar, em cada fato, em cada coisa, o fundamental do acessório. Não adotemos explicações ligeiras, unilaterais, porque nada é mais complexo que a sociedade e a luta social. Estudemos os fenômenos sociais à luz da nossa filosofia, o materialismo dialético – um materialismo, como a própria ciência, em constante elaboração, um materialismo que só admite a ciência positiva da natureza e da história, um materialismo militante, proletário, que destrói a ciência e a literatura, reacionárias. Compreendamos que, sem a teoria – a bússola – naufragaremos completamente no meio do caos atual. Unamos diariamente a teoria marxista-leninista à luta prática-revolucionária, e vice-versa. Encaremos e exponhamos tudo com profundidade e simplicidade. Adaptemos a propaganda ao cérebro das multidões mais atrasadas, falemos-lhes na linguagem mais acessível. Lembremo-nos,

no momento atual de reação, das palavras de Lênin: “o revolucionário não é aquele que se torna revolucionário quando chega a revolução, mas sim aquele que durante o desencadear reacionário defende os princípios e as palavras de ordem da revolução” – o revolucionário e aquele que continua a sê-lo durante a vazante.

Criemos uma tradição revolucionária, escrevendo a história das lutas proletárias do Brasil, a história dos militantes e mártires, das vitórias e derrotas, das idéias e sentimentos da massa e da vanguarda e, principalmente, extraindo as devidas lições táticas. Estudemos a fundo o Brasil em seus mil aspectos – econômico, político, moral e mental, histórico e etnográfico, físico e social – porque é no Brasil que teremos de realizar a obra do leninismo.

Compreendamos que ninguém mais do que o comunista deve abarcar uma tão vasta soma de conhecimentos, todos eles dirigidos num sentido prático, revolucionário, e não intelectualista. Auto-critiquemo-nos constantemente. Eduquemo-nos com os nossos próprios recursos. Reflitamos nas palavras de Lênin: “as idéias tornam-se força quando se apoderam das massas”. Estudemos a fundo a política rural dos comunistas russos. Estudemos a fundo as questões de tática, assimilando livros como *Revolução e contra-revolução na Alemanha*, de Marx e Engels, a *Circular do Comitê Central aos comunistas alemães em 1850*, de Marx, as *Cartas de longe, A caminho de insurreição* e *A moléstia infantil do “esquerdismo” no comunismo*, de Lênin. Meditemos sobre as leis da insurreição de Marx e Engels, as três condições da insurreição e a diferença entre marxismo e blanquismo, expostas por Lênin em *A caminho da insurreição*, Paris, 1924, p. 59 e 188. Sigamos as instruções de Lênin: “não basta ser revolucionário e partidário do comunismo; é preciso saber encontrar, em cada momento dado, o elo da cadeia ao qual possa agarrar-se, elo que permitirá agarrar-se fortemente a toda a cadeia e, assim, ligar-se ao elo seguinte”.

### 3) Politicamente:

Saibamos combinar a defensiva com a ofensiva. Combine-mos as palavras de ordem locais com as gerais. Combinemos as palavras de ordem nacionais com as internacionais. Despertemos a iniciativa das massas, a confiança em suas próprias forças. Sejam o fermento poderoso no seio das massas amorfas, elevando-as, fazendo-as cristalizar-se, transformando a quantidade em qualidade. Encaremos com serenidade os obstáculos. Batalhemos para forjar um bloco de dirigentes capazes, impregnados dos quatro “tês” fundamentais: a tenacidade, a teoria, a tática e a técnica leninistas. Aceitemos o ódio e o furor da burguesia – como um aplauso.

Façamos das lutas pelas pequenas melhorias, pelas pequenas reformas, um treino para a grande luta pela conquista do poder político, façamos delas combates preparatórios para a verdadeira batalha. Tiremos dessas pequenas lutas, um fio e liguemo-lo às grandes lutas políticas contra o imperialismo e a reação internacional, enganchando as pequenas questões de salários às grandes batalhas políticas. Demos a maior amplitude às nossas lutas, destruindo o corporativismo, transformando os combates e as guerrilhas corporativas em batalhas de toda a classe operária do Brasil.

Façamos do proletariado industrial, dirigido pelo Partido Comunista, a vanguarda de todas as forças revolucionárias na luta contra o feudalismo nacional e o dirigente de todos os oprimidos; operários agrícolas, meeiros, rendeiros, pequenos funcionários, mulheres trabalhadoras, pequena-burguesia rural e urbana etc.

Não desliguemos a correlação das forças revolucionárias e reacionárias nacionais, das forças internacionais do proletariado e do imperialismo. Adaptemos a tática à situação de cada momento, mudando-a tantas vezes quantas se modificar a situação, acompanhando o perene Devenir, a modificação continua da vida, do universo e da sociedade. Repilamos toda e qualquer fórmula po-

lítica rígida, absoluta, dogmática, porque nada é mais mutável que a realidade – realidade física, econômica, política, psicológica – e só um pensamento plástico, flexível, coleante, um pensamento maleável, é que poderia exprimir a realidade, interpretá-la, acompanhá-la e modificá-la.

Concentremos a nossa atividade sobre Rio de Janeiro e São Paulo – Petrogrado e Moscou do Brasil – que vão ser os dois grandes campos de batalhas decisivas. Façamos o balanço das forças em luta, a fim de sabermos em que momento deveremos entrar na batalha para decidi-la. Não hesitemos na hora da ação.

Apoiemos, como aliados independentes como classe independente, a pequena-burguesia na sua luta contra o fazendeiro de café, pois, segundo Marx, é preciso sustentar os partidos pequeno-burgueses quando estes resistem à reação. Empurremos a pequena-burguesia à frente da batalha, para que, mais cedo seja desbaratada pelas forças destruidoras da História, sustentando-a, diria Lênin, como a corda sustenta o enforcado. Não tomemos parte em complôs porque é uma tática pequeno-burguesa e porque devemos ser um partido para influir sobre as massas e não uma seita.

Procuremos arrastar as grandes massas operárias e camponesas em torno de palavras de ordem simples, concretas, práticas, imediatas. Não esqueçamos de que o Brasil, como a Rússia, é um país agrário. Incluamos em todos os nossos planos e cálculos, o elemento rural e seus correlativos: os vaqueiros, os lavradores pobres, os caboclos dos engenhos e das usinas, os seringueiros, os hervateiros, os colonos-servos, os rendeiros, os meeiros e até os pequenos proprietários que não vivam do suor alheio. Empreguemos todos os esforços para conquistar esses elementos, torná-los os aliados dos trabalhadores industriais, ligando-os numa solda indestrutível. Trabalhemos para desagrarizar, desfazendeirar, desmineirar, desbernardizar o Brasil.

Não consintamos a menor influência da política e da ideologia pequeno-burguesas sobre o proletariado. Ataquemos a fraseologia pequeno-burguesa. Armemos, na hora precisa, os trabalhadores, subordinando-os politicamente ao seu partido, ao Partido Comunista. Exijamos dos revoltosos pequeno-burgueses, concessões econômicas e políticas importantes.

Compreendamos que atacar o fazendeiro de café é atacar seu aliado, a finança inglesa, o inimigo maquiavélico da libertação dos trabalhadores. Compreendamos que atacar a finança inglesa é minar o imperialismo mundial, é auxiliar a independência das colônias britânicas, destruir o trabalhista MacDonald e a aristocracia operária, desagregar a Internacional sindical amarela de Amsterdã, a 2ª Internacional “socialista”, concorrer para a vitória cada vez maior dos trabalhadores da Rússia. Compreendamos que atacar Rothschild e MacDonald é trabalhar pela libertação do proletariado britânico e pelos interesses idênticos dos trabalhadores egípcios, hindus, australianos, canadenses, africanos do sul. Não tenhamos ilusões com a América do Norte porque “nada existe mais perigoso que as ilusões”, diz Lênin. Comunicuemos aos trabalhadores revolucionários do Prata, do Pacífico, da América do Norte e a Inglaterra, as manobras do imperialismo anglo-americano no Brasil, para agirmos em comum, tanto quanto possível.

Lutemos por impelir a fundo a revolta pequeno-burguesa, fazendo pressão sobre ela, transformando-a em revolução permanente no sentido marxista-leninista, prolongando-a o mais possível, a fim de agitar as camadas mais profundas das multidões proletárias e levar os revoltosos às concessões mais amplas, criando um abismo entre eles e o passado feudal. Empurremos a revolução da burguesia industrial – o 1789 brasileiro, o nosso 12 de março de 1917 – aos seus últimos limites, a fim de, transposta a etapa da revolução burguesa, abrir-se a porta da revolução proletária, comunista.

(b) Depois da vitória dos revoltosos  
Veremos...

\*\*\*

Nossa política deve fundir num único Amazonas revolucionário toda uma série de filetes e caudais: o movimento operário e camponês internacional; o movimento nacional das colônias; o movimento dos operários nacionais e internacionais do Brasil; o movimento dos assalariados agrícolas; o movimento dos lavradores pobres nacionais e internacionais do Brasil; o movimento dos pequenos proprietários, urbanos e rurais, que não vivam do trabalho alheio; o movimento dos trabalhadores de cor, urbanos e rurais; o movimento dos pequenos funcionários e operários municipais, estaduais e federais; o movimento das mulheres trabalhadoras das cidades e dos campos; o movimento dos jovens operários e lavradores...

Fundir todas as vítimas do feudalismo, todos os revoltados, todos os oprimidos, todos quantos foram pisados, humilhados...

Fundir tudo isso numa avalanche formidável, sob a direção do proletariado da grande indústria organizado pelo Partido Comunista, sob a direção do ritmo da marcha dos batalhões de ferro do proletariado...

Fundir os movimentos isolados e esporádicos num movimento único – eis um dos segredos da vitória de Lênin.

\*\*\*

Sem o auxílio das massas, nada poderemos fazer. Mais do que nunca, os trabalhadores do Brasil precisam estudar o comunismo e apoiar com toda energia o Partido Comunista. É tão importante o atual momento que seria uma lástima deixá-lo passar sem fazer

alguma coisa. E, para isso, é imprescindível que a massa proletária secunde o Partido.

Mais do que nunca também, temos de aliar, a cada momento, a teoria à ação. Em nós não pode haver esse abismo entre o pensamento e a realidade, tão comum entre os intelectuais burgueses. Nosso pensamento e a realidade devem interpenetrar-se. Para ele, a própria especulação é um processo para a ação. Nossa filosofia não se perde nas nuvens de um belo sonho, em pleno azul metafísico. Ela pisa com força a terra, agarrada à terra, sem se afastar da terra, porque a terra é que é a realidade. Desligada do Além metafísico, a terra adquire uma significação profunda. E tudo nela é profundo. Nossa filosofia é prática, realista. Daí, o comunista ser um realizador.

Procuramos ver, a cada momento, a obra fundamental, imediata, a realizar. Tomá-la a peito. Concentrar todas as energias nessa direção. Seria estupidez pensar na preparação da insurreição armada, num período em que o proletariado nem sequer está organizado. Ver o fundamental imediato, e realizá-lo.

Para o comunista, e preciso: 1º, analisar a realidade do momento – realidade econômica, política e psicológica; aplicar o espelho de seu cérebro a essa realidade e conseguir a imagem mais fiel dessa realidade. 2º, traçar o plano de ação, de acordo com essa realidade, prevendo os avanços e recuos. 3º, entrar na ação – calmo, forte, confiante. 4º, não se embriagar com a vitória; 5º, não desanimar com a derrota.

Interpretar a realidade para agir sobre a realidade, para impelir a realidade, apressar a evolução dos fatos, amadurecer os fatos...

Nacional e internacionalmente, o momento que atravessamos é um caos – preparado e desencadeado pela burguesia. É preciso não se perder no seio desse caos, encontrar o caminho e ir, apesar das curvas e quedas momentâneas, direto ao fim.

Estudante do marxismo, devorador dos textos, absorvedor da essência da teoria. Analisador da realidade histórica. Organizador, propagandista, agitador, estrategista. Teórico e prático. Político e dialético. Amalgamado com a classe operária, vivendo por ela e para ela. Implacável contra as teorias adversárias. Brutal contra o reformismo. Encarando todos os problemas, de um ponto de vista concreto. Membro da classe proletária, tendo a sua mentalidade, organizando-a e agitando-a. Mergulhando pelo pensamento e pela ação, no seio dos milhares e milhões de trabalhadores e dirigindo-os de dentro, amalgamado com eles. Tal deve ser o comunista. Assim devemos ser nós para que se libertem os trabalhadores do Brasil, se realize a obra de Lênin no Brasil.

\*\*\*

Os anarquistas sempre repeliram a frente única. Mas, em São Paulo, nos últimos dias de revolta, fizeram, conosco, frente única. Pior: fizeram-na com os pequeno-burgueses, eles, os “puros”. Era tarde, porém. Não se tinham preparado, com a devida antecedência, para a luta, como lhes propusemos em tempo.

Os anarquistas levaram 20 anos com a boca cheia de revolução. Rebenta uma revolta. E nada fazem. Por toda parte foram surpreendidos pelos acontecimentos.

A revolta dividiu-os ainda mais. Surgiram novas seitas. E é cada vez maior a sua desagregação. O proletariado nada mais tem a esperar de tal gente.

O anarquista José Oiticica, na ilha Rasa, sonha com a Idade Média e sente-se “pronto a morrer por uma dama ou por um sonho vão”. Pois nós absolutamente não estamos dispostos a dar a pele por tais Dulcinéias. Não desejamos morrer por ideal algum. Queremos, sim, viver, triunfar, realizar o comunismo.

\*\*\*

Seguindo o conselho de Lênin sobre a necessidade da autocrítica, chamamos a atenção dos companheiros de São Paulo para as faltas que cometeram durante a revolta.

Apesar dos esforços da direção do Partido Comunista, nunca os companheiros de São Paulo procuraram: 1º, estudar seriamente o comunismo. 2º, organizar-se, disciplinar-se, centralizar-se. 3º, penetrar nas grandes fábricas.

Num espaço de vinte dias surgiu para eles uma situação objetiva favorável. Mas, por falta das condições apontadas, não cumpriram seu dever revolucionário. Só nos últimos dias tomaram algumas atitudes. Era tarde, porém.

O dever deles seria mais ou menos o seguinte: reunirem-se permanentemente os líderes. Darem ordens severas a todos os membros. Lançarem na rua um jornal diário, recorrendo, para isso, até mesmo à expropriação, embora temporária. Criarem conselhos de delegados das fábricas da capital. Lançarem a palavra de ordem da frente única. Agitem os operários e os lavradores pobres em torno de conquistas imediatas. Espalhem manifestos e folhetos escritos em linguagem popular. Obterem instrutores com os revoltosos. Invadirem os depósitos e armarem os operários, preparando-os militarmente, subordinando-os à direção política da seção local do Partido. Lançarem os batalhões vermelhos, em avalanches de guerra, contra os soldados da legalidade. Milhares de trabalhadores poderiam ter sido armados. E outros caminhos teria seguido a revolta pequeno-burguesa...

Isto não foi feito. Nem o poderia ter sido. Faltavam as preliminares para qualquer ação ulterior. Sirvam de lição os erros atuais. É necessário que o futuro não repita o passado.

Mas, por outro lado, quando ouviram os primeiros estalidos da revolução proletária, os revoltosos recuaram, preferindo a reti-

rada à continuação da batalha. Preferiram a derrota a fraternizar com o proletariado. Covarde pequena-burguesia que não leva suas atitudes às últimas conseqüências!

### XVI - TESE, ANTÍTESE E SÍNTESE

Os que acreditam no Ser, no Absoluto, só vêem na revolta de 1924 um motim secundário, localizado, mumificado, uma espécie de quisto social, sem relações com o ambiente, sem significação de espécie alguma. Nós, porém, que só admitimos o Devenir, a transformação continua, vemos nessa revolta um processo, a elaboração de alguma coisa nova que quer surgir sem poder ainda: a vitória do industrialismo sobre o agrarismo; a vitória da burguesia industrial sobre os agrários<sup>112</sup>; a vitória da burguesia progressista sobre os elementos rotineiros.

Aplicando a dialética marxista à revolta de 1924, veremos o seguinte:

Afirmação: Artur Bernardes, o grande agrário<sup>113</sup>, a grande propriedade rural.

Negação: Isidoro Dias Lopes, o pequeno-burguês, atrás do qual manobra o grande burguês industrial.

Negação da negação: a revolução proletária, que negará Bernardes e negará Isidoro, e que, por isso, fundirá os contrários, produzindo o que, há milênios, o grego Heráclito chamava: uma harmonia.

Tese, antítese e síntese. Afirmação, negação e negação da negação.

A revolução proletária afirmará Bernardes porque afirmará o agrarismo, mas numa etapa superior – o agrarismo industrial, proletário. Afirmará Isidoro porque afirmará o industrialismo, mas numa

<sup>112</sup> Na primeira edição dizia: "burguesia agrária".

<sup>113</sup> Na primeira edição dizia "o grande burguês agrário".

etapa superior – o industrialismo proletário. Negará Bernardes porque negará o agrarismo feudal. Negará Isidoro porque negará o industrialismo burguês. E fundirá o industrialismo com o agrarismo, como também o operário com o camponês, a oficina com a seara, a cidade com o campo, o martelo com a foice. Dentro da Harmonia Proletária, desaparecerão as classes e, por conseguinte, a guerra de classes. Dentro do fulgor da revolução proletária, Bernardes e Isidoro, isto é, os agrários e os industriais<sup>114</sup> estarão em estado de *aufgehobene Momente*<sup>115</sup>. Por outras palavras: a revolução proletária é a *Aufhebung* de Bernardes e Isidoro, isto é, a negação, a conservação e a elevação do agrarismo e do industrialismo.

Portanto, a negação da negação não pode ser realizada por Bernardes nem por Isidoro. Por isso, a própria marcha do processo a que assistimos trará a liquidação dos dois contendores: os agrários e os industriais<sup>116</sup>. Daí vem a nossa certeza de que, após a vitória dos pequeno-burgueses (aliados dos grandes burgueses industriais), virá a Vitória Proletária.

Se, em lugar de limitar-nos à época presente, aplicarmos a dialética marxista a toda a História do Brasil, faremos as seguintes observações.

Em 1500, todo o Brasil é apropriado por um só dono: Dom Manoel. Portanto, há centralização. Temos, assim, a tese. Em 1534, o Brasil é dividido em capitânias autônomas. Portanto, há descentralização. Temos, assim, a antítese. Em 1549, é estabelecido um governo geral com Tomé de Souza. Portanto, há uma

<sup>114</sup> Na primeira edição dizia: "os burgueses agrários e os burgueses industriais".

<sup>115</sup> Esta expressão consta em alemão no texto, assim como a que aparece na frase seguinte. Tem o sentido de "cuidado", "momento de cautela" (no caso de *aufgehobene Momente*) ou "extinção" ou "abolição" (no caso de *Aufhebung*), segundo o *Dicionário Alemão Português*, de Leonardo Tochtrop, Editora Globo, Porto Alegre, 1984.

<sup>116</sup> Na primeira edição dizia: "os burgueses agrários e os burgueses industriais".

nova centralização, superior à primeira. Temos, assim, a síntese. E fecha-se o primeiro ciclo da história nacional.

Com Mem de Sá, abre-se o segundo ciclo: centralização – tese. Crescem as necessidades da população. Um só governador torna-se insuficiente para ocorrer às mesmas. Em 1573, são nomeados dois governadores gerais: Antonio Salema e Luiz de Britto. Portanto, descentralização – antítese. Em 1577, nova centralização para obviar aos exageros da descentralização. Temos, assim, a síntese. E fecha-se o segundo ciclo da história nacional.

Em 1580, o Brasil cai sob as unhas de Filipe II. Portanto, centralização – tese. Em 1608, há novamente dois governos, com Diogo de Menezes e Francisco de Souza. Portanto, descentralização – antítese. Em 1617, um só governo, com Luiz de Souza. Portanto, nova centralização, sempre superior à precedente – síntese. E fecha-se o terceiro ciclo.

Em 1622, Mendonça Furtado é o único governador geral. Portanto, centralização – tese. Em 1629, Matias de Albuquerque assume o governo de Pernambuco, independente do da Bahia. Portanto, descentralização – antítese. Em 1678, Roque da Costa Barreto assume o governo geral, subordinando os governos independentes do Rio de Janeiro, Pernambuco e Maranhão. Portanto, nova centralização – síntese. E fecha-se o quarto ciclo.

Com o vice-rei Luiz de Vasconcelos, temos centralização – tese. Com a revolta republicana de 1789, tentativa de descentralização – antítese. Com Dom João VI em 1808, nova centralização – síntese. E fecha-se o quinto ciclo.

Com a elevação a reinado em 1815, centralização – tese. Com a revolta republicana de 1817, tentativa de descentralização – antítese. Com o império, em 1822, nova centralização – síntese. E fecha-se o sexto ciclo.

Com a dissolução da Assembléia Constituinte em 1823, centralização – tese. Com a Confederação do Equador, tentativa de

descentralização – antítese. Com o ministério imperial de Araújo Lima, nova centralização – síntese. E fecha-se o sétimo ciclo.

Com a regência, centralização – tese. Com a revolta republicana de 1835, tentativa de descentralização – antítese. Com o império constitucional, nova centralização – síntese. E fecha-se o oitavo ciclo.

Com o ministério imperial Ouro Preto, centralização – tese. Com a República em 1889 e 1891, descentralização – antítese. Com Hermes, Wenceslau, Epitácio, nova centralização – síntese. E fecha-se o nono ciclo.

Com Bernardes, centralização – tese. Com Isidoro, tentativa de descentralização – antítese. Com a ditadura proletária, nova centralização, superior a todas as outras – síntese de todas as sínteses passadas. E fecha-se o décimo ciclo da História Nacional.

Se, em lugar de limitar-nos aos quatro séculos do Brasil, aplicarmos a dialética marxista, embora rapidamente, aos 26 séculos da história de Roma, faremos as seguintes observações.

Tese: reino em 553 antes de nossa era. Antítese: República em 510. Síntese: império em 29 antes de nossa era. E fecha-se o primeiro ciclo da história de Roma.

Tese: reino em 476 depois de nossa era. Antítese: tentativa republicana em 730. Síntese: teocracia. E fecha-se o segundo ciclo.

Tese: colônia dos imperadores da Alemanha. Antítese: República em 1144 com Arnaldo de Brescia. Síntese: nova colônia imperial alemã. E fecha-se o terceiro ciclo.

Tese: teocracia com Inocência III. Antítese: República de Rieni. Síntese: aristocracia e teocracia em 1377. E fecha-se o quarto ciclo.

Tese: teocracia exclusiva em 1449. Antítese: República em 1798. Síntese: teocracia em 1789. E fecha-se o quinto ciclo.

Tese: teocracia em 1815. Antítese: República em 1849. Síntese: teocracia em 1850. E fecha-se o sexto ciclo.

Tese: reino em 1870 – centralização. Antítese: movimento das fábricas em 1920 – descentralização. Síntese: fascismo em 1922, ultraviolência contra-revolucionária – nova centralização. E fecha-se o sétimo ciclo.

Tese: reino – centralização. Antítese: República burguesa – descentralização. Síntese: ditadura proletária, nova centralização, superior a todas as outras – síntese de todas as sínteses passadas. E fecha-se o oitavo ciclo da história de Roma.

Os quatro séculos da História do Brasil produziram 10 ciclos; os 26 séculos da história de Roma só produziram oito ciclos. Como compreender essa desproporção?

Em primeiro lugar: não descemos às minudências da história de Roma. Passamos rapidamente sobre ela. Em segundo e último lugar: um século da História Antiga ou da História Moderna equivale, por vezes, a um ano da história atual.

O Império romano, apesar de putrefato, durou 500 anos. O Império brasileiro não chegou a 70 anos. A República romana viveu quase 500 anos. A República brasileira, com 35 anos, está a decompor-se como as frutas podres das velhas quitandas do Rio. Nas épocas antigas, a escravidão durou milênios. No Brasil, apesar de todo o seu atraso, durou 369 anos, o que, todavia, já é escandaloso. Os oito meses que a Rússia atual levou para saltar do feudalismo à ditadura proletária correspondem a mais de 135 anos da história da França.

#### **XVII - AS PERSPECTIVAS EM FINS DE 1924**

São boas. Progride a proletarização da pequena burguesia. Cresce sua experiência revolucionária. Esfarelam-se muitas de suas ilusões. Avoluma-se a concentração capitalista. Acirra-se a rivalidade entre o grande burguês industrial e o fazendeiro de café. Brigam entre si os politiquieiros paulistas e mineiros. Aumenta a ascendência do proletariado.

Segundo o senador João Lyra, de janeiro a junho havia uma falência de dois em dois dias; de julho a outubro, o número subiu a duas por dia. Portanto, quadruplicou. Ora, 90% delas são de firmas retalhistas. João Lyra prevê a extinção do pequeno comércio, mas não compreende que esta é uma lei fatal do seu regime, do regime que ele defende. Não compreende que a concentração capitalista tem como consequência a proletarização dos intermediários, o aniquilamento da pequena propriedade – rural, comercial, industrial.

Desagrega-se a pequena-burguesia. Economicamente, rolando para a miséria. Politicamente, hesitando entre o proletariado e a grande burguesia. Psicologicamente, oscilando entre o espiritualismo e o materialismo, ou formando verdadeiros abortos ideológicos como o espiritismo materialista, o espiritismo comunista, a teosofia proletária.

O fato de antigos pequeno-burgueses, católicos como Coelho Neto e livre pensadores como Viriato Correia adotarem o espiritismo, é um sinal da profunda desagregação da pequena-burguesia.

Marchando de derrotas em derrotas a pequena burguesia vai perdendo as ilusões, ganhando em experiência. Rui Barbosa, por exemplo, era um de seus ídolos. Pois no leilão dos móveis desse votante de estados de sítio, objetos que, em 1910, seriam disputados a peso de ouro, foram arrematados agora por quantias modestas.

Como sintoma também da nova mentalidade, fruto de uma nova economia, encaixam os livros de Cândido de Oliveira. O país não mais suporta as múmias da monarquia. E vão desabando os velhos e novos bonzos de barro: Rondon, Morize, Afrânio Peixoto, Afonso Celso, Ramiz Galvão, Aloísio de Castro, Felix Pacheco, Pontes de Miranda, Elísio de Carvalho, Ronald de Carvalho, João Kopke, Rocha Vaz, Gonzaga de Campos, Vital Brasil. Todos eles apoiaram Bernardes.



Muitos elementos da pequena-burguesia, influenciados pela vanguarda proletária, já começam a entrever que, depois da vitória do Isidoro atual ou do Isidoro futuro, haverá alguma coisa. Lembram-se de que o czar Nicolau era agrário, feudal, como Bernardes. Lembram-se de Kerensky, “democrata”, pequeno-burguês, como o Isidoro atual ou o futuro Isidoro. Lembram-se de que o pequeno-burguês Kerensky substituiu Nicolau, o feudalista, para depois ser derrubado pela revolução proletária...

A média-burguesia, apertada por todos os lados, recua para as condições da pequena burguesia em 1914. Irá passar pelo mesmo caminho desta última.

Vai em marcha à concentração capitalista. Ao lado das sociedades (*konzerns*<sup>117</sup>) horizontais, agrupando estabelecimentos de um só ramo industrial, aparecem sociedades verticais, agrupando empresas que não apresentam relações diretas entre si. Assim, o Hotel dos Estrangeiros tem como filiais o Hotel do Corcovado, o Hotel de Londres, o Palacete Hotel e o Restaurante Assírio. Trata-se, pois, de uma empresa horizontal. A fábrica de calçados Atlas tem 26 estabelecimentos espalhados pelo país. É, pois, também uma empresa horizontal.

Já os negócios de F. Matarazzo rolam em torno de serrarias, cinemas, moinhos, bancos, vapores, refinarias de açúcar, engenhos de arroz, fábricas de óleo, banha, sabão, tecidos.

Trata-se, pois, de uma empresa vertical. E Pereira Carneiro está nas mesmas condições: a flotilha, o dique, o moinho, o *Jornal do Brasil*, as salinas e as fábricas de tecidos formam um verdadeiro mosaico industrial.

<sup>117</sup> *Konzerns* eram grupos de empresas interligadas por participação financeira que surgiram principalmente entre as indústrias metalúrgicas alemãs após a I Grande Guerra (1914-1919).

Em 1918, a produção manufatureira de São Paulo atingiu, em números redondos, 556 mil contos. Atingiu 712 mil contos em 1919, 795 mil contos em 1920, 804 mil contos em 1921. Já a exportação do café atingiu 913 mil contos.

Deduz-se daí: 1º, prospera a indústria do Estado principal do país. Portanto, prospera a indústria do país. 2º, prospera a burguesia industrial. 3º, a indústria procura atingir e, posteriormente, ultrapassar a agricultura feudal, cafeeira. 4º, a rivalidade econômica produz rivalidades políticas, como a briga de Carlos de Campos com Altino Arantes e, agora, a daquele com Bernardes, brigas que originaram uma cisão no Partido Republicano Paulista e a demissão de Sampaio Vidal e Cincinato Braga. A base é a rivalidade entre o agrarismo e o industrialismo. 5º, a política industrial marcha para superar a política feudal, isto é, os grandes burgueses industriais marcham para a conquista do poder político. 6º, a economia determina a política.

A Associação Comercial de São Paulo aprovou a atividade de seu presidente e do vice-presidente, durante a revolta<sup>118</sup>. O fazendeiro de café meteu-os na cadeia. O presidente Macedo Soares chegou a ocupar um cubículo onde estivera antes um assassino.<sup>119</sup> Afonso Vizeu lança sobre o governo a responsabilidade da carestia da vida. O governo lança-a sobre o comércio (ver o artigo de fundo da *Gazeta* de 1º de outubro). Rivalidade entre os grandes agrários<sup>120</sup> e os grandes burgueses industriais e comerciais.

Não nos iludamos, porém, com a burguesia industrial do Brasil. Após a retirada dos revoltosos, em vez de calar-se, ela declarou apoiar a legalidade. O mesmo sucedeu com a burguesia

<sup>118</sup> Há uma correção, de difícil leitura, feita por Octávio Brandão, talvez dizendo “qual revolta” ou “quando” (MB).

<sup>119</sup> Há um acréscimo, ilegível, feito por Octávio Brandão antes da palavra “Afonso”.

<sup>120</sup> Na primeira edição dizia: “grandes burgueses agrários”.

comercial que até andou a assinar contos de reis nas subscrições legalistas. Explica-se: 1º, o comércio do Brasil é composto, em parte, de portugueses que aqui aportaram em extrema pobreza, vindos dos campos. Portanto, são tipos originariamente agrários. 2º, a indústria nacional é, em parte, constituída por pequenos industriais ou por industriais que são agrários ao mesmo tempo ou por industriais vindos do agrarismo. Por exemplo, Monteiro Lobato, atualmente industrial, já foi fazendeiro de café. Teodorico de Assis, agrário mineiro, está montando uma fábrica de tecidos dentro de sua própria fazenda de café, na estação de Retiro, perto de Juiz de Fora. 3º, a indústria e o comércio, devido ao crédito, dependem da finança, especialmente do Banco do Brasil, isto é, do governo agrário, dos fazendeiros de café. 4º, entre o agrarismo e o industrialismo burgueses não há o mesmo abismo que existe entre o proletariado e a burguesia. Apesar de todas as contradições, transitórias ou permanentes, não deixam de ser o que são: burgueses. 5º, a burguesia comercial e industrial do Brasil age inconscientemente, é politicamente atrasada.

Imaginal, por exemplo, o que se passa no cérebro de Monteiro Lobato. Em *Urupês*, ainda impregnado da mentalidade do fazendeiro, do feudal!<sup>121</sup> (e isto explica em parte a apoteose que o financista Rui Barbosa fez ao trecho célebre desse livro), Monteiro Lobato acha que o trabalhador dos campos não tem cura. Já em *O problema vital* descobre um remédio, aliás insuficiente, de atuação limitada, superficial: a higiene burguesa. E, na carta que escreveu a Bernardes, além de lamentáveis concessões, vem com uma água de alface, com uma solução ainda mais superficial, solução de pequeno-burguês, de água morna, troca-tintas: o voto secreto. Temos, por conseguinte, três pessoas numa só: o fazendeiro, o técnico e o pequeno-burguês – a trindade do confusionismo.

<sup>121</sup> Na primeira edição dizia: “do explorador feudal”.

Acrescentemos mais: intimamente, Monteiro Lobato admira a revolução russa. No entanto, durante a última greve dos gráficos, tomou uma atitude francamente reacionária. Quer dizer: são mais duas pessoas dentro de uma só: o pragmatista, que se inclina diante de todo vitorioso, e o reacionário, que admite o incêndio na casa alheia, mas não admite que uma fagulha sequer toste o cetim de seus almofadões. Por último: Monteiro Lobato, após a retirada dos revoltosos, apoiou o bernardismo e agora apela para Bernardes acalmar o incêndio com panacéias do tempo do Onça.

Devido a tal confusionismo, por tamanho atraso político, é que o fazendeiro tem a audácia de tratar os líderes da burguesia industrial como se estes fossem cães. A burguesia que, na reunião da Associação Comercial de São Paulo, declara apoiar a legalidade feudal, nega sua missão histórica e bem merece os novos impostos exorbitantes, os pontapés de Bernardes e o desprezo com que este tratou seus líderes, a começar pelo presidente da mesma Associação. Assis Chateaubriand, cujas simpatias pendem para o industrialismo, em artigo em *O Jornal*, declara que aceitaria um presidente da República como Afonso Pena, Antonio Carlos ou Melo Viana. Assis Chateaubriand não compreende que estes senhores fazem parte da mesma oligarquia agrária – o Partido Republicano Mineiro... Assis não vê partidos nem classes. Só vê indivíduos. Cretina burguesia industrial brasileira!

Venizelos<sup>122</sup> foi o líder da grande burguesia grega em sua luta contra a realeza e seu aliado, o feudalismo. Sentindo-se, porém, fraco, e desejando ser bem pago pela finança britânica, começou a trair seus companheiros em proveito da realeza. Gran-

<sup>122</sup> Eleutério Venizelos foi o líder da luta pela autonomia da Grécia e, em 1905, foi o primeiro governante do país, após a independência.

de parte do povo é contrária a Venizelos. Por que, então, Venizelos domina? Porque, entre outras razões, é senhor da economia. Porque seus adversários são insuficientemente organizados. Bernardes, feudal, agente do imperialismo inglês, agente do catolicismo, quer dizer, da religião feudal e imperialista, é mal visto por grande parte do país. Domina-o porque é senhor da economia e porque a oposição burguesa nacional é caótica.

Ora, a revolta de 1924 está desagregando a economia agrária de São Paulo, a economia que dominava o Brasil. Está desagregando, portanto, a política rural de São Paulo, a política que dominava o Brasil. A política nacional vai começar a girar em torno do industrialismo. A pequena-burguesia proletarizada acentuará sua marcha para a esquerda, para o radicalismo. Se a pequena-burguesia e os grandes industriais procurarem organizar-se politicamente, o grande agrário terá perdido dois dos seus grandes aliados: a economia, o caos da oposição burguesa.

Procurando acalmar, embora momentânea e insuficientemente, a irritação popular produzida pela carestia, o governo decreta a isenção de direitos alfandegários sobre oito produtos de primeira necessidade. Diminui, portanto, a receita, exatamente na hora em que é mais necessária a sua ascensão. O governo precisa de dinheiro. E vê-se obrigado a dar um golpe na receita. Premido entre essas contradições, a função do governo é preparar sua própria destruição.

O café sobe no preço e na exportação. Mas o câmbio baixa. Por isso, a alta não adianta grande coisa. Não pode concorrer para fortificar a economia, portanto, a política do fazendeiro de café.

Em 1925-1926 haverá a luta presidencial. Esta luta será agravada com a desorganização da produção agrária e com as complicações financeiras: com os juros fabulosos de uma dívida externa, secular; com a renovação do "funding", em agosto de 1927; os grandes gastos com a revolta; o Tesouro exaurido há muito; as indenizações aos particulares prejudicados pela revolta.

Acrescentemos mais outros elementos de desagregação: a praga da "broca" sobre os cafezais paulistas; a falta de trabalho; a carestia; a dispensa em massa dos operários do Estado; a falta de energia elétrica em São Paulo, trazendo a paralisação parcial do trabalho; a crise geral no Brasil combinando-se com a crise agrária mundial; a emissão clandestina de 100 mil contos, em setembro; a monocultura cafeeira; quatro novos impostos, estabelecidos no último parecer da receita contra a burguesia urbana que, na reunião de 15 de outubro da Associação Comercial do Rio, protestou contra os mesmos; o gasto, em dez anos, pela União e pelos estados, de 544 mil contos com a Marinha de Guerra, dinheiro que irá engordar ainda mais o burguês britânico Armstrong... Ora, diz Engels, o navio moderno envelhece antes de sair dos estaleiros e não passa de uma fábrica flutuante que só produz desperdício em dinheiro. Quer dizer: os próprios governistas cavam seu próprio abismo.

Temos, pois, em perspectiva, sérias batalhas de classes, isto é, uma situação revolucionária. Se os revoltosos pequeno-burgueses souberem explorar a rivalidade imperialista anglo-americana e a luta entre os agrários e os industriais, se procurarem uma base de classe para a sua ação, se o proletariado entrar na batalha e se essas contradições coincidirem com a luta presidencial e as complicações financeiras, será possível o esmagamento dos agrários.

Dada esta situação objetiva, a vitória da pequena-burguesia aliada ao grande burguês industrial e, posteriormente, a vitória do proletariado, serão meras questões subjetivas. Dependerão da capacidade dos revoltosos pequeno-burgueses e da dos revolucionários proletários.

Preparemo-nos desde agora.

Na Rússia, a revolução operária, das cidades, coincidiu com a revolução camponesa. No Brasil, a revolução dos operários in-

dustriais contra o regime burguês industrial, regime do salariado, irá coincidir com a revolução agrária, dos trabalhadores rurais contra o regime agrário<sup>123</sup>, regime feudal, regime da servidão. Fundir os dois movimentos num só – transformar o nosso 1789 numa revolução permanente, da qual brotará o nosso 7 de novembro de 1917 – tal deve ser uma das obras fundamentais dos comunistas do Brasil.

No fim do primeiro mês da revolta, as pequeno-burguesas sentimentais já clamavam aos céus pela terminação dessas lutas cruéis.

– Serenai os corações, almas piedosas! Vossas preces serão ouvidas pelos céus. Assim, após a revolta de 1924, vereis a de 1925 ou de 1926, mais feroz, mais implacável. Se esta for vencida, presenciareis novas, cada vez mais violentas. Se for vencedora momentaneamente, assistireis à luta entre a revolta pequeno-burguesa e a contra-revolta agrária. Se esta for vencedora, vereis uma repetição das lutas anteriores. Se for vencida definitivamente, presenciareis a luta entre a pequena burguesia triunfante e a revolução proletária. Se esta for esmagada por aquela no primeiro assalto, assistireis a novos assaltos até o vitorioso. Esmagados os pequeno-burgueses e seus aliados da grande indústria, vereis os assaltos da contra-revolução burguesa. Se a revolução proletária ficar vitoriosa definitivamente, tanto melhor. Mas, se a revolução proletária for esmagada pela contra-revolução burguesa, presenciareis um período terrível da reação – militarista, como na Hungria do Horthy<sup>124</sup>, ou “democrática”, como na Alemanha, ou fascista, como na Itália de Mussolini. E, então, após novas lutas e grandes sacrifícios, assistireis de novo à revolução proletária.

Serenai, pois! Os céus ouvirão as vossas preces...

## SEGUNDA PARTE

### SÍNTESE

SIRVAM NOSSAS PALAVRAS, com a lição dos fatos, para demonstrar:  
Relativamente à situação internacional:

O crepúsculo da burguesia. A falência do fascismo. As traições da 2ª Internacional – “socialista”. A ascensão da vaga revolucionária. O grande desenvolvimento da 3ª Internacional – comunista. O despertar dos povos coloniais.

Relativamente à situação nacional:

A situação feudal do Brasil. A economia instável. A política tendenciosamente agrária. A necessidade de derrubá-la violentamente.

Relativamente às duas revoltas:

A significação profunda e complexa desses movimentos. Seus erros, a possibilidade de emendá-los. Suas características econômicas, políticas, psicológicas e classistas. Seu caráter local, mas em relação com uma batalha mundial. A fatalidade da terceira tentativa. O caráter contraproducente da repressão. A implacabilidade do fazendeiro de café. Sua duplicidade e suas contradições. A fragilidade da disciplina no exército e na polícia. A importância da audácia na insurreição armada. O perigo dos chefes incapazes. A importância da ofensiva. A falência das revoltas que não se baseiam em largos movimentos de massas. A superioridade do político sobre o técnico. A importância da rapidez das operações. O perigo dos hesitantes. O valor da simultaneidade. O perigo do malbaratar tempo em coisas e fatos secundários. O perigo da liberdade

<sup>123</sup> Na primeira edição dizia: “regime burguês agrário”.

<sup>124</sup> Miklós Horthy de Nagybánya, almirante e político húngaro, militar, comandou o exército contra-revolucionário e foi regente de 1920 a 1944.

de imprensa, durante a luta. A relação entre as lutas políticas e as lutas econômicas, e vice-versa, pois toda luta política é uma luta econômica, e vice-versa. A relação entre as lutas de classes e as lutas políticas e econômicas, pois toda luta de classes é uma luta econômica e política, e vice-versa. A igreja católica, a serviço do fazendeiro de café, como já esteve a serviço do senhor de escravos. A indiferença do fazendeiro de café e do pequeno-burguês pelas idéias de Cristo – resignação. A não violência. A incapacidade das religiões, por mais espiritualistas, para resolver o problema social. A incapacidade política dos maçons, liberalistas e positivistas. A miséria moral e mental dos literatos e cientistas burgueses<sup>125</sup>. A importância do proletariado durante as revoltas pequeno-burguesas. O caráter reacionário da política de Minas Gerais.

Relativamente à pequena-burguesia nacional e internacional:

Sua insignificância econômica. Sua confusão política e ideológica. A inutilidade de seu verbalismo. A nocividade de seu sentimentalismo. Sua incapacidade para guiar sozinha qualquer insurreição. A necessidade de sua subordinação à política do proletariado consciente da sua missão histórica, sob pena de novos erros, cada vez maiores e irreparáveis.

Relativamente ao imperialismo anglo-americano:

O campo da batalha e o Brasil. O estado de guerra permanente em que vive a burguesia. A insignificância dos ídolos nacionais, vulgares agentes da burguesia estrangeira. A subordinação do país às burguesias inglesa ou norte-americana, malgrado todo “patriotismo” dos dirigentes.

Relativamente ao proletariado:

Sua importância crescente. Seu objetivismo. Seu combate

ao fazendeiro de café e sua aliança especial com a pequena-burguesia revoltosa. O valor da solda do operário com o camponês. A fatalidade da vitória do proletariado sobre a pequena-burguesia e sobre a grande burguesia industrial. A importância da bússola marxista-leninista, da dialética marxista, do materialismo histórico e do materialismo filosófico dialético. A necessidade do armamento do proletariado. A incompreensão das lutas sociais por parte de todas as classes e subclasses do Brasil, exceto o proletariado revolucionário.

Rio de Janeiro, 28 de julho a 22 de agosto de 1924.

<sup>125</sup> Na primeira edição dizia: “sábios burgueses”

## TERCEIRA PARTE

### A REVOLTA PERMANENTE

---

#### I - SEIS MESES DEPOIS

##### (A) Dentro do Brasil

Exatamente a 28 e julho de 1924, na hora em que vibrava pela Avenida<sup>126</sup> Rio Branco a sereia do jornal *O País* e os bernardistas deliravam com a “vitória”, enquanto a maioria dos pequeno-burgueses caia num desânimo profundo – começamos tranqüilamente a escrever estas páginas.

Nesses últimos meses, a burguesia industrial e comercial tem-se mostrado servil, tremendo diante do governo, mendigando concessões, quando seu interesse estaria em auxiliar a liquidação dos agrários.

As simpatias da América do Norte pelos revoltosos têm diminuído. Explica-se: Coolidge foi reeleito presidente pela pressão de Wall Street, isto é, da alta finança norte-americana. Esta adquire uma preponderância econômica e política fundamental. Ultimamente, os financistas norte-americanos estão exportando mais capital que os próprios financistas ingleses. A exportação de capitais constitui, agora, o problema mais importante da vida eco-

---

<sup>126</sup> Há uma correção ilegível depois da palavra “Avenida”, mas é provável que seja “Rio Branco” (MB).

nômica dos Estados Unidos. Assim, a preponderância política rola dos industriais como Ford para os financistas como Pierpont Morgan. E as simpatias pelos revoltosos nacionais rolam para a indiferença. O financista é o aliado natural do agrário e o adversário do pequeno-burguês e do industrial. E assim se explica que, exatamente nesse momento, o general norte-americano Pershing, no banquete industrialista do Rotary Club, no Rio, reclame contra a ausência dos fazendeiros e, posteriormente, confesse que desejaria ser fazendeiro de café.

Tudo isso acentua a complexidade imensa da luta social e as contradições dialéticas de que está cheia a História Universal. A contradição dialética é a base do desenvolvimento da História. Tudo quanto evolui, nega o ponto de partida. O dinamismo universal é contraditório.

Invadem o país os batedores do imperialismo internacional, os pioneiros da guerra, os aliados da morte. Vêm preparar o terreno para a conquista futura, para transformar o Brasil, a Argentina e toda a América meridional, numa Síria, num Haiti ou numa Índia.

Parte o general Gamellin. Vem Coffec, o novo chefe da missão militar francesa. Ronda o general Mangin, o corvo imperialista.

Parte Vogelgesang. Vem MacCully, o novo chefe da missão naval ianque, para realizar a segunda etapa da conquista. E voejam novas aves de rapina: Pershing e, antes, Hughes, Farquhar, Root, Teodoro Roosevelt.

A Brazilian Warrant, inglesa, compra uma grande fazenda de café em São Paulo – sempre o agrarismo e a finança.

Rondam outras aves de rapina: o banqueiro Holt, o almirante Brand, o agrário Lovat, o financista Montagu. E mais outras: o príncipe de Gales, Humberto, Orlando, Alberto I. E outras e outras: as várias esquadras. O exército de salvação. O Moinho inglês, Wilson Sons, a Guardian Assurance, Rothschild, o Lloyd's

Bank, a Shell. Aves de rapina inglesas. Westinghouse, Radio Corp., American Coffee, American Bank Note, Baldwin Locomotive, Bethlehem Steel, Caloric, General Electric, Texas, Studebaker, Standard, Armour, o Banco de Nova Iorque, a Sociedade Bíblica Americana, o Colégio Batista, a Associação Cristã de Moços norte-americana. O Banca Commerciale, italiano. O Credit Foncier, o Banco de Paris e dos Países Baixos, franceses. A Light, anglo-americana, Stinnes e Krupp, alemã. Todo o imperialismo internacional enterrando as guerras aduncas na carne viva do Brasil.

Aumenta a subordinação nacional ao capitalismo inglês. Este já derramou no Brasil dez milhões e oitocentos mil contos, sendo mais da metade em empréstimos federais, estaduais e municipais. A finança inglesa triunfa. O câmbio sempre baixo. Não sai da casa dos cinco. Ainda em 1919, apresentava uma média de 14 7/16. Paga-se a esterlina a quase 50\$. Pagava-se há cinco anos, a 13\$088. John Bull dá gargalhadas a nossa custa...

Com as novas emissões, avoluma-se a massa enorme dos milhões de contos de papel-moeda, de papel de embrulho, para embrulhar-nos. O déficit orçamentário atinge quatro milhões de contos, cabendo a Epitácio Pessoa a responsabilidade maior. Enquanto o país se debate nessa bancarrota, multiplicam-se os bispados e arcebispos, aumentam as fortunas particulares. O Banco Noroeste de São Paulo duplicou seu capital em setembro. A Cia. Docas de Santos lucrou, em 1923, mais de 17 mil contos – 60% da renda bruta.

A pequena-burguesia urbana continua a acumular erros sobre erros. As novas tentativas, como as do almirante Protógenes<sup>127</sup>

<sup>127</sup> Protógenes Pereira Guimarães, militar brasileiro; em 1924, organizou o apoio, no Rio de Janeiro, ao levante tenentista de São Paulo. Em 1931 foi ministro da Marinha.

e do comerciante Cascardo<sup>128</sup>, prova que ela ainda não aproveitou as lições das derrotas. Tem malbaratado suas energias numa série de pequenos ensaios, logo esmagados pelos legalistas. Divide as forças, quando seria preciso juntar os filetes mais insignificantes para uma ação única, geral, conjugada. A desvantagem não é maior porque economicamente o Estado agrário se debate numa situação difícil, porque a revolta se tornou permanente, porque o exército e a polícia estão minados, porque os revoltosos prosseguem a luta no Sul, porque o governo só tem confiança nos célebres batalhões de “mineiros” e porque uma parte dos antigos reacionários federalistas, despeitada, aderiu à revolta. Esta adesão não há de produzir bons frutos.

Segundo o *Jornal do Comércio*, de 10 de fevereiro de 1925, o *The Times*, de Londres, ocupa-se da revolta. Dá, porém, uma explicação tão cretina da situação nacional, que bem mostra o estado de progressiva senilidade em que se encontram a burguesia monarca-financista inglesa e seus “orientadores” intelectuais.

Os carrascos de Tiradentes, Luiz de Vasconcelos e Conde de Rezende, instalaram-se no Palácio do Catete. O visconde de Barbacena enfunou-se no palácio da Escravidão<sup>129</sup> em Belo Horizonte. O chanceler Coutinho chama-se hoje Carlos Costa. O desembargador Cruz e Silva encarnou-se em Augusto de Lima Junior. Tiradentes, Cláudio, Gonzaga definham nas prisões ou no exílio. Joaquim Silvério triunfa. Miserável e efêmero triunfo!

O conde dos Arcos – Góes Calmon – capitão geral da Bahia, depois de enviar o marechal Cogominho – Marçal de Farias –

contra os revoltosos de Sergipe, remete novas tropas para abafar o incêndio no Sul.

O arcebispo de Diamantina – não é por acaso que ele se chama Joaquim Silvério – alia-se ao novo visconde de Barbacena: o presidente Mello Viana.

Os monstros da história nacional, os esmagadores de rebeliões como o visconde de Barbacena, o general Lima e Silva e o duque de Caxias, os odiados do passado e os malditos do futuro, de mãos dadas com a Igreja Católica manobram por trás de Bernardes.

Nós, soldados da 3ª Internacional no setor brasileiro, somos os sucessores de todos os rebeldes do passado. Continuamos a obra deixada em meio por Felipe dos Santos, Tiradentes, Domingos José Martins, Abreu Lima, Nicolau Martins Pereira, Ratclif, Caneca, Francisco José da Silveira, Castro Alves, Euclides da Cunha e todos os outros rebelados. Somos os seus herdeiros diretos, estuário para onde convergem não só todas as lutas revolucionárias do Brasil, mas também de todos os países e de todos os tempos. Nós, num salto milenar, soldamos o Zumbi com Spartacus e Spartacus com Lênin. Nossos antepassados libertaram os negros em 1870 ou foram fuzilados e esquartejados em 1817 e 1825 devido a seus ideais republicanos, ou foram montanheseos bravios de Portugal, incendiadores do papelório burocrático, destruidores das tropas imperialistas, napoleônicas, de Soult. Não somos aproveitadores da República como Epitácio e Bernardes. Somos, por isso mesmo, inimigos mortais dos Barbacena e Silvério, instalados no Catete e no palácio da Escravidão em Belo Horizonte!

Para nós, o futuro do Brasil não está no café, na lavoura feudal. Está no petróleo do Norte, no carvão do Sul, no ferro de Minas, no manganês de Mato Grosso, na lavoura industrializada, na maquinaria que transformará a borracha e o algodão, nos

<sup>128</sup> Herculino Cascardo, militar e político brasileiro, participou do levante tenentista de 1924; em 1935, foi fundador da Aliança Nacional Libertadora (ANL), da qual foi presidente.

<sup>129</sup> Referência irônica ao nome do Palácio da Liberdade, sede do governo de Minas Gerais.



trinta milhões de cavalos – vapor das cachoeiras. Especialmente no ferro e no carvão. O futuro do Brasil está na grande indústria centralizada – base objetiva da sociedade comunista.

\*\*\*

Assim, pois, continuamos irredutíveis em nossas aspirações e palavras de ordem:

Pelo industrialismo! Pela revolta! Pelos militares e pequeno-burgueses revoltosos! Pelos operários, camponeses, soldados e marinheiros coligados! Pelo funcionamento das associações! Pela reabertura dos jornais suspensos! Pela legalidade do Partido Comunista do Brasil! Pela restituição dos milhares de livros e folhetos confiscados ao Partido Comunista! Pela organização e reorganização das vastas massas operárias e camponesas!

Contra a reação! Contra o agrarismo! Contra a grande propriedade rural feudal! Contra a política dos fazendeiros! Contra os estados de sítio! Contra as leis de exceção! Contra as deportações! Contra o saque às associações operárias! Contra as ameaças e os maus tratos aos trabalhadores! Contra o governo de agrários do Brasil! Contra a polícia bestial do Brasil! Contra os fazendeiros de café! Contra a aliança do Estado com a Igreja e a intromissão da Igreja na Escola! Contra o presidente Bernardes, agrário e clerical! Contra o astuto e feroz Fontoura! Contra os escritores lacaios dos fazendeiros! Contra os “intelectuais” que querem perpetuar a exploração!

Contra o imperialismo anglo-americano! Contra Rothschild, protetor de Bernardes! Contra MacDonald, que apoiou Bernardes! Contra a 2ª Internacional “socialista” – responsável pelas perseguições bernardistas aos trabalhadores do Brasil!

Abaixo os agrários! Abaixo os que querem vender o Brasil a Rothschild! Abaixo os que querem entregar o Brasil ao Vaticano!

Abaixo os que hesitam entre o proletariado e a burguesia! Contra a reação agrária, pela revolta pequeno-burguesa! Mas contra a pequena burguesia, pela revolução proletária!

### (B) Percorrendo o universo:

Internacionalmente, continua também a luta entre as forças da reação e as forças da revolução. Hoje, a luta básica internacional é uma luta entre o imperialismo e o socialismo<sup>130</sup> entre a Inglaterra e a Rússia, entre os dois gigantes – o gigante de pés de argila e o gigante de pés de bronze.

Luta, internacionalmente, a pequena-burguesia contra os grandes agrários. No Brasil, é Isidoro contra Bernardes. No Chile, Alessandri contra a junta militar feudal. No México, Peru, Venezuela, Pérsia, China do Sul, como na Alemanha em 1848, a mesma luta.

Sangra o corpo do proletariado mundial. É o naufrágio dos barcos noruegueses de pesca. São os mortos e feridos de Kew, de Sullivan e da ilha do Caju. São os fuzilamentos de rebeldes.

Preparam-se novas guerras imperialistas. A de 1914-1918 destruiu riquezas sociais calculadas em um trilhão e 479 bilhões de francos-ouro. E a próxima guerra quantos trilhões destruirá?

A Inglaterra e os Estados Unidos encaram-se com ódio no Pacífico. Aumentam os gastos militares. Em números redondos a Inglaterra gastava, em 1913-1914 com o militarismo, 77 milhões de libras; pois está gastando 115 milhões. A França dispndia 916 milhões de francos e dispende hoje um bilhão e 453 milhões. Os Estados Unidos gastavam 316 milhões de dólares e estão gastando 622 milhões.

<sup>130</sup> Na primeira edição dizia: “entre o imperialismo e o leninismo, entre a alta finança e o comunismo”.

No Brasil, país falido, o orçamento da guerra, do governo de Wenceslau para o de Epitácio, duplicou saltando de 346 para 686 mil contos.

Eis aí a realidade brutal demonstrando a mentira e o cinismo dos que, em 1914-1918, se colocaram ao lado dos imperialistas alemães ou ao lado dos Aliados, dos que pregaram a “guerra do direito”, dos que anunciaram a última das guerras!

A burguesia mundial convoca uma conferência contra o consumo demasiado de ópio. A Rússia recusa tomar parte nessa comédia. Sabia de antemão que a Inglaterra e a França, envenenadoras da China e da Indochina, grandes mercadoras de ópio e seus derivados, não iriam renunciar a tão grandes lucros. E a conferência fracassa pela retirada dos próprios convocadores.

Na Inglaterra, o trabalhista<sup>131</sup> MacDonald, como era fatal, trai todos os seus compromissos com o proletariado. Um telegrama de Londres, da United Press, publicado no Rio a 22 de outubro de 1924, diz: “do ponto de vista conservador britânico, MacDonald tem sido um primeiro-ministro admirável”. A burguesia inglesa, depois de aproveitar-se desse traidor para conseguir a aprovação do plano Dawes<sup>132</sup>, manda-o embora com um pontapé, servindo-se para isso de uma carta falsa, o que demonstra sua fraqueza ideológica. O ministro Baldwin despedaça o tratado anglo-sovietista. Os liberais ingleses perdem terreno, ficando o campo de batalha livre de confusionistas, e bem defi-

<sup>131</sup> No original dizia: “o socialista MacDonald”.

<sup>132</sup> O Plano Dawes destinava-se a resolver o problema das reparações de guerra que a Alemanha devia a seus antigos adversários na I Grande Guerra; foi elaborado em 1923, sob a presidência do economista e político norte-americano Charles Dawes, e previa o pagamento de anuidades de 1 a 2,5 bilhões de marcos-ouro. Com o início de sua aplicação, em 1924, a França e a Bélgica evacuaram o Ruhr, devolvendo-o à Alemanha.

nida a atitude de raposas reacionárias como Asquith e Lloyd George. A Inglaterra acha que a Liga das Nações não tem competência para intervir no conflito entre ela e a Irlanda ou o Egito. O Partido Trabalhista recusa admitir o Partido Comunista inglês. No entanto, possui em seu seio não só pequeno-burgueses, mas até aristocratas como os Lords Golden, Thompson e Arnold, a condessa de Warwick e Mosley, genro de Curson. Bernard Shaw dirige graçolas à Internacional Comunista.

Na França, Herriot persegue os comunistas com o apoio dos “socialistas”. Castelnau, general imperialista, marquês, isto é, feudal, organiza os clericais. Daudet, os monarquistas. Os operários de Paris apresentam a candidatura de um comunista árabe. Os operários ingleses metem no Parlamento um comunista hindu.

Na Bélgica a burguesia esmaga pelas armas a greve dos mineiros do Borinage.

Na Internacional amarela de Amsterdã, forma-se uma ala esquerda. Aumenta o número de partidários da unidade sindical internacional.

A Alemanha faminta geme sob o peso do Plano Dawes, verdadeiro tratado de negreiros, imposto pela burguesia financeira norte-americana. Os proletários da França, da Inglaterra, da Bélgica, da Holanda, da Itália, da Suíça, da Alemanha, da Tchecoslováquia e da Rússia, unidos na Conferência de Colônia, sob a bandeira da Internacional Comunista, afirmam sua vontade de combate ao plano Dawes. Os deputados comunistas alemães são os únicos a votar contra esse plano, provocando até conflitos no Reichstag. O Partido Popular, a metalurgia, governa a Alemanha. Aliado aos “socialistas”, retém nas prisões milhares de proletários e instaura 18 mil processos contra os comunistas. O Centro, partido católico alemão, cria uma organização fascista. Morre o “socialista” Ebert, fuzilador de proletários, protetor de fascistas. O papa Pio XI faz um sermão engrandecendo-o.

Na Suíça, a burguesia procura suprimir o dia de oito horas, enquanto lança a poeira “democrática” aos olhos das massas. Desenrola-se a comédia do desarmamento, quando as potências sabem muito bem que jamais o capitalismo se desarmará.

Sob a tutela rósea do “socialismo cristão” de monsenhor Seipel e furta-cores do comissário da Sociedade das Nações, a Áustria torna-se o paraíso dos especuladores e aventureiros como Castiglioni, fornecedor de fundos a Mussolini. Seipel demite-se deixando 130 mil operários sem trabalho.

Os “socialistas” húngaros vêem-se obrigados a publicar o pacto de infâmia que assinaram em 1921 com o almirante Horthy, contra o proletariado e contra a revolução. Esse almirante, não contente com as 30 mil vítimas de 1919, continua a perseguir os trabalhadores.

Cada vez mais a Tchecoslováquia fica à mercê do capital francês.

Em Portugal, luta a burguesia ultra-reacionária contra a burguesia radical.

Treme o trono de Afonso XIII com os seus fascistas de opereta. Treme a burguesia monarquista diante da propaganda republicana atijada pelas derrotas em Marrocos.

Mussolini manobra e publica a 1º de dezembro uma carta circular onde condena todo e qualquer ato de violência. Um de seus cúmplices (Rossi) acusa-o de responsável direto pelo assassinato de Matteoti.

O Vaticano apóia Mussolini. O papa Pio XI, depois de silenciar, mais de ano e meio, os massacres de trabalhadores nas próprias ruas de Roma, vem clamar contra a violência exatamente na hora em que seus comparsas fascistas entoam a mesma cantilena.

Na Iugoslávia, o fascista Patchitch sobe de novo ao poder perseguindo os operários e os camponeses.

A Grécia torna-se satélite da política inglesa.

Na Turquia, o burguês progressista Kemal Pacha expulsa o papa grego ortodoxo, agente da política grega e da política britânica. Enxotou o papa muçulmano, agente do feudalismo turco e do imperialismo britânico.

Na Bulgária, Tzankov assassina os chefes comunistas e macedônios.

Na Romênia, Bratianu e Avarescu encarceram 400 operários. Antes, a burguesia feudal romena massacrara centenas de camponeses rebeldes da Bessarábia.

Monarquistas e “socialistas” desencadeiam uma contra-revolução na Geórgia Proletária, apoiando-se na 2ª Internacional e na Liga das Nações.

A Rússia continua seu labor antiimperialista. Multiplicam-se as cooperativas. Sob a 500 mil exemplares a tiragem do *Pravda*. Cresce a exportação de manganês. A indústria nacionalizada progride. Os trabalhadores russos readquirem na China uma estrada de ferro avaliada em mais de um bilhão de rublos-ouro, estrada que lhes fora confiscada pelos imperialistas. A aviação russa voa sobre as altas montanhas do Afeganistão. Criam-se literaturas nacionais entre os vários povos da Rússia. Só em língua tártara já aparecem 18 jornais.

A Internacional Comunista reúne em Moscou seu 5º congresso. Combate a intervenção na China. Luta pela criação de um partido de massas na Inglaterra. A Internacional Sindical Vermelha procura unificar o movimento sindical internacional. A glória de Lênin fulgura cada vez mais enquanto se apagam sem brilho Ebert, Stinnes, Rui Barbosa, Gompers, Wilson e tantos outros servidores do imperialismo internacional.

A Estônia fuzila os comunistas que tentaram derrubar uma republiqueta caricata. A democracia católica da Lituânia só se mantém pela proteção do capital anglo-francês, persegue 300 operários, acusados de propaganda eleitoral proletária.

A Polônia ambiciona Dantzig<sup>133</sup>. Numa receita de 366 milhões, gasta 317 com o militarismo. Pretende, com o dinheiro dos contribuintes franceses, construir o porto de guerra de Gdynia<sup>134</sup>, a fim de preparar a guerra contra a Rússia revolucionária.

O “socialista” Stauning volta a lambear as patas da burguesia dinamarquesa. Sucede o mesmo com seu parceiro Branting na Suécia.

Os mouros de Marrocos esmagam os espanhóis fascistas e monarquistas. O general Lyautey<sup>135</sup>, imperialista, proíbe que os marroquinos conheçam a Declaração dos Direitos do Homem, por julgar tais princípios, “perigosos”.

A Tunísia luta por despedaçar o grilhão francês. O jornal tunisiano do Partido Comunista Francês é constantemente perseguido.

O movimento nacional do Sudão estorce-se nas garras da Inglaterra.

A Câmara do Cairo protesta junto à Liga das Nações contra as manobras do imperialismo inglês no Egito. Mas esta cadelinha de John Bull recusa tomar em consideração esse protesto. Um egípcio mata um testa de ferro do imperialismo; a Inglaterra envia um ultimato exigindo, em troca do defunto, 30 mil feddans<sup>136</sup> de terras cultivadas. Para ser agradável à finança inglesa e ao trabalhista MacDonald, Zaglul Pacha manda encarcerar 16 comunistas. Sujeita-se a outras imposições, procurando conciliar (sempre a conciliação!) os interesses antagônicos do Egito e da Inglaterra. E de traição em traição perde a influência sobre as massas.

<sup>133</sup> Nome antigo da atual cidade de Gdansk, na Polônia.

<sup>134</sup> Porto polonês, situado a noroeste de Gdansk.

<sup>135</sup> General Louis Hubert G. Lyautey, em 1912 foi governador (residente geral) do Marrocos sob ocupação francesa, onde ficou até 1925.

<sup>136</sup> Feddan, medida de área egípcia, que equivale a 1,038 hectares.

O general Smuts, besta fera do imperialismo, esmagador da greve do Rand, testa de ferro de Rothschild na África do Sul, vê seu candidato derrotado nas eleições e recolhe-se à privada...

A Inglaterra apossa-se do Iraque e da Transjordânia. Provoca movimentos reacionários entre os curdos a fim de enfraquecer a Turquia.

Riza-khan na Pérsia, Amanullah no Afeganistão, lutam contra os elementos feudais. Riza-khan, embora ideologicamente fraco, luta pela República persa. Conta com o exército, o comércio, o clero pobre e as massas, enquanto o xá é sustentado, como Bernardes, pelos feudais e o alto clero<sup>137</sup>.

Na Índia, as autoridades inglesas ferem e matam os tecelões grevistas de Bombaim. Gandhi persiste no combate pela independência da Índia, sendo, porém, para lamentar sua incompreensão do problema das classes e do imperialismo, sua tática da não violência e sua idéia reacionária de substituir o tecido manufaturado no tear moderno pelo khaddar fiado na roca primitiva. Sob o patrocínio de Rothschild e MacDonald, o coronel Kaye, cão de fila da burguesia britânica na Índia, persegue oito militantes proletários. As autoridades francesas de Pondichery expulsam os nacionalistas hindus aí refugiados. A Inglaterra pretende criar uma base naval em Cingapura.

A Indochina estorce-se para pagar anualmente 450 milhões de francos aos opressores franceses.

Na China, Hong Kong torna-se um poderoso esteio do imperialismo inglês no Extremo Oriente. O partido democrático Kuomintang<sup>138</sup>, de Sun Yat Sen, combate o partido feudal Tchili,

<sup>137</sup> Riza-khan traiu a República! Miserável! (Nota de Octávio Brandão à primeira edição).

<sup>138</sup> Kuomintang, partido político chinês criado em 1912 por Sun Yat Sen, com base em três princípios populares: nacionalismo, democracia e bem-estar.

de Tsao Kun e U-Pei-Fu, vendido ao imperialismo anglo-americano. As tropas de Sun Yat Sen, aliadas aos operários, esmagam os batalhões fascistas de Cantão, apoiados pela finança inglesa. Tchang-Tso-Lin, satrapa da Manchuria, agente do Japão, derrota U-Pei-Fu. Pela primeira vez na história do movimento social da China, Sun Yat Sen ousa distribuir armas aos trabalhadores chineses. Também pela primeira vez, os delegados dos ferroviários e trabalhadores das docas da China, de Java e das Filipinas realizam seu congresso em Cantão, sob o patrocínio da Internacional Sindical Vermelha.

No Japão, cinde-se o partido agrário governamental. A nobreza reacionária é derrotada nas eleições. O ministro da Guerra procura aumentar a organização fascista Kaiku Tai.

A borracha e o petróleo da Malásia holandesa despertam ambições terríveis. A Royal Dutch Shell, isto é, Rothschild, aprofunda as garras na carne viva dos trabalhadores das explorações petrolíferas de Bornéu. A vanguarda proletária das Filipinas luta contra as ilusões democráticas e pacifistas, enxertadas nas massas pelo imperialismo norte-americano. A Austrália procura emancipar-se econômica e politicamente da Inglaterra. O Japão e os Estados Unidos lutam contra a Inglaterra pela supremacia no mercado australiano. A burguesia australiana lança os trabalhadores brancos contra os trabalhadores de cor. Os comunistas penetram no partido trabalhista australiano e se esforçam pela realização da frente única de todos os trabalhadores da Oceania e da Ásia Oriental. Os mineiros da Nova Gales do Sul agitam-se a favor do comunismo. Deperecem os trabalhadores asiáticos das refinarias de açúcar das ilhas Fiji. A Oceania despovoou-se. Os 20 mil indígenas das ilhas Marquesas estão reduzidos a 1.500. A população de Taiti, a flor da Oceania, degenera a olhos vistos.

Os canhões dos navios norte-americanos do Pacífico estão sendo aperfeiçoados

Na América do Norte, a alta finança, isto é, Morgan, adquire a supremacia econômica e política. Impõe a reeleição do presidente Coolidge. Impõe o seu ponto de vista à burguesia européia — francesa e belga, inglesa e alemã. É o Plano Dawes, a alta finança norte-americana. Empréstos à América Latina três bilhões e 759 milhões. Nesta questão, Cuba ocupa o 1º lugar, o México o 2º, o Chile o 3º, a Argentina o 4º e o Brasil o 5º. Morgan afunda as garras no corpo do proletariado francês e alemão. Morgan transforma em colônias as Antilhas e a América Central, intervindo em São Domingos e Nicarágua para cobrar dívidas. Com este fim, o exército norte-americano invade o Haiti, com o propósito de cobrar as dívidas do Banco de Nova Iorque; estabelece a lei marcial e fuzila, segundo La Follette, cerca de três mil haitienses completamente desarmados. Morgan procede nessas regiões como o outro Morgan, chefe de piratas, que devastou várias cidades de Cuba, as costas da Nicarágua, assaltou e incendiou a cidade do Panamá em 1671 e acabou pacificamente, agraciado pelo rei Carlos II e roendo suas ladroeiras como governador da Jamaica. O Estado norte-americano torna-se o órgão da finança. A marinha e o exército norte-americanos transformam-se em caixeiros de cobrança de Wall Street. Na própria América, a burguesia industrial, após grandes lutas, perde a supremacia política. O Banco de Nova Iorque espalha suas filiais pela América do Sul. Os lacaios de Coolidge, sublacaios de Morgan, condenam, por propaganda, o comunista norte-americano Ruthenberg, a 15 anos de trabalhos forçados. Os burgueses negros norte-americanos traem e abandonam os trabalhadores de sua própria raça, o que vem provar que a questão de classe está muito acima das questões de raça e de “pátria”.

As missões navais e militares norte-americanas instalam-se na América do Sul com o fim de atizar a guerra entre as várias Repúblicas e, assim, vender-lhes armas e enfraquecê-las ainda mais, subordinando-as à política de seus patrões de Wall Street.

Pershing, general como Potiguara, é bacharel como Bernardes, perseguidor dos índios. Apaches e Sioux, carrasco dos filipinos rebeldes, glória da maçonaria, servidor do imperialismo norte-americano na guerra de Cuba e na conflagração européia, percorre a América do Sul a fim de fortalecer as bases do expansionismo dos Morgan. No Rio, recebe as homenagens do Rotary Club num banquete onde, no meio de algumas dezenas de representantes do alto comércio e da grande indústria, não havia sequer um fazendeiro – o que prova a aliança da América do Norte com a burguesia industrial e comercial<sup>139</sup>. Recebeu também as homenagens da Associação Cristã de Moços, outro esteio do imperialismo ianque. Todavia, os industrialistas nacionais se enganam julgando que, no momento, Pershing representa o industrialismo norte-americano. Tendo havido, ultimamente, um deslocamento na economia e na política, Pershing oscila entre a finança e o industrialismo, entre Morgan e Rockfeller.

Nas greves dos mineiros do Canadá, as tropas são empregadas para aterrorizar os operários e proteger os “amarelos”<sup>140</sup>.

A Standard e a Shell cobiçam o petróleo do México. O general Calles escolhe para seu auxiliar um dos agentes de Gompers – o judas do proletariado norte-americano, o valete de Morgan. A emenda Platt legaliza a colonização de Cuba. Os agentes de Rockfeller e da General Electric procuram abocanhar a Colômbia. A Venezuela é uma aldeia africana dos imperialistas. No Peru, Leguia gasta os milhares arrancados aos trabalhadores em festas a imperialistas como Pershing e parasitas inveterados como José Bonifácio, Ronald de Carvalho e Medeiros e Albuquerque. No Chile, Alessandri, pequeno-burguês liberal nas

<sup>139</sup> Na primeira edição dizia: “com a nossa burguesia industrial e comercial”.

<sup>140</sup> Na época, a expressão “amarelos” era usada para designar os sindicalistas pelegos.

horas vagas, agente do imperialismo ianque, é derrubado sem luta pela camarilha militar reacionária dos Neff, Bennett e Altamirano, agentes, como Bernardes, de Rothschild e dos proprietários rurais feudais, e desperdiçadores de 117 milhões de pesos emprestados pela finança inglesa. Em todo o Pacífico, há grandes embates entre os dois imperialismos rivais, embates que, na primeira ocasião, desencadearão uma guerra na América do Sul. A burguesia “democrática” do Uruguai curva-se diante dos agentes de Bernardes, prendendo e internando os revoltosos, sabujando a reação feudal brasileira. Ayala, presidente paraguaio, declara o catolicismo religião oficial.

\*\*\*

Tais os acontecimentos mundiais desses últimos tempos. Assim, pois, as nossas aspirações e palavras de ordem internacionais são as seguintes:

Contra a Inglaterra imperialista! Contra os grandes agrários das Américas! Contra a burguesia mundial, que barateia o sangue do proletariado! Contra as novas guerras imperialistas! Contra o militarismo! Contra a 2ª Internacional “socialista” que apóia diretamente o imperialismo britânico! Contra o trabalhista MacDonald, padroeiro do plano Dawes, aliado dos carrascos hindus, cão de guarda do capitalismo inglês! Contra o ministro Baldwin que, como o alemão Bethmann-Hollweg, considera os tratados – farrapos de papel! Contra o liberalismo inglês! Contra Asquith e Lloyd George que não passam de Baldwins disfarçados! Contra os imperialistas Curzon, Churchill, Chamberlain! Contra a Liga das Nações, capacho da política inglesa! Contra os pequeno-burgueses e os aristocratas do Partido Trabalhista! Contra o reformismo dos sindicatos ingleses! Contra os intelectuais cétricos, covardes, sem

confiança na vitória da revolução! Contra o socialismo fabiano dos palhaços da burguesia como Bernard Shaw!

Contra Herriot, Daudet, Castelnau, Millerand!

Contra a burguesia belga, carcereira e fuziladora!

Contra a ala direita da Internacional Sindical de Amsterdã!  
Contra os sabotadores da unidade sindical internacional!

Contra o Plano Dawes, escravizador do proletariado alemão!  
Contra os “socialistas” alemães, que votaram a favor do plano Dawes!  
Contra o partido alemão e a sua amásia, a social-democracia, carrascos do proletariado!  
Contra o partido católico-fascista da Alemanha!

Contra a burguesia suíça que quer aumentar a escravidão do proletariado!  
Contra a comédia do desarmamento!

Contra o “socialismo cristão” austríaco, aliado de fascistas!

Contra o almirante Horthy e a sua barregã, a social-democracia húngara!

Contra a escravização dos proletários da Tchecoslováquia pelo capital francês!

Contra a burguesia reacionária portuguesa!

Contra os espanhóis imperialistas e fascistas!  
Contra Afonso XIII e o fascista Primo de Rivera, inquisidores de operários e marroquinos!

Contra Mussolini, vulgar assassino de Matteotti!  
Contra o Vaticano que se apóia no punhal fascista!  
Contra a desfaçatez de Pio XI!  
Contra a comédia do Ano Santo, chamariz da casa forte de São Pedro!

Contra o fascista Patchitch!  
Contra a Grécia decadente!  
Contra os papas grego e muçulmano!  
Contra o governo fascista da Bulgária, usurpador e acelerado!  
Contra a burguesia feudal romena!

Contra a Liga das Nações e a 2ª Internacional, padroeiras da contra-revolução!

Contra os verdugos da Estônia!  
Contra a democracia cristã da Lituânia!  
Contra a Polônia que prepara uma nova guerra aos Sovietes!  
Contra a base naval de Gdynia!

Contra os lacaios “socialistas” das burguesias sueca e dinamarquesa!

Contra os traidores egípcios!  
Contra os carrascos do proletariado sul-africano!

Contra os curdos reacionários!  
Contra os feudais da Pérsia e do Afeganistão!

Contra os carcereiros dos comunistas hindus!  
Contra os perseguidores dos nacionalistas da Índia!  
Contra a base naval de Cingapura!  
Contra a exploração da Indochina!

Contra os fascistas de Cantão!  
Contra as intervenções anglo-americana e japonesa na China!  
Contra a guerra dos generais, contra a guerra dos caudilhos!  
Contra os fascistas japoneses!  
Contra a nobreza reacionária!

Contra a Royal Dutch Shell!  
Contra o wilsonismo das Filipinas!  
Contra as intervenções imperialistas na Oceania!  
Contra a escravidão dos trabalhadores das ilhas Fiji!  
Contra a destruição das populações coloniais!

Contra Morgan e Coolidge!  
Contra as intervenções norte-americanas!  
Contra o Banco de Nova Iorque!  
Contra as condenações de Ruthenberg, Mooney, Sacco e Vanzetti!  
Contra a burguesia negra, traidora!

Contra as missões militares e navais!  
Contra os esteios do imperialismo anglo-americano no Brasil!

Contra os perseguidores dos mineiros do Canadá!  
Contra a Standard e Rockefeller!  
Contra os agentes de Gompers!  
Contra a junta militar chinesa, testa de ferro de Rothschild!  
Contra os burgueses do Uruguai, comparsas dos feudais brasileiros!  
Contra a aliança do Estado com a igreja do Paraguai!  
Contra a escravidão do proletariado argentino pelo capital norte-americano!

Pelo desenvolvimento cada vez maior da Rússia revolucionária! Pela glória maior de Lênin!

Pelas futuras Repúblicas inglesa, belga, holandesa, espanhola, italiana, búlgara, romena, sueca, dinamarquesa, egípcia, persa, hindu, japonesa!

Por Abd el-Krim! Pela República marroquina – anti-imperialista – contra a França imperialista, contra a Espanha monarquista e clerical! Pelos trabalhadores das docas de Biserta, na Tunísia, cujos assassinos são cães de fila de Herriot! Pela Tunísia independente! Pelos insurretos encarcerados e pelo movimento nacional do Sudão! Pelo Egito independente! Pela União das Repúblicas Africanas do Norte, contra a Espanha, a França, a Itália e a Inglaterra imperialistas! Pelo Iraque e a Transjordânia independente! Pela frente única de todos os trabalhadores da Oceania! Pelos negros rebeldes de Guadalupe! Pela união de todos os trabalhadores da América do Sul contra o imperialismo anglo-americano! Pela estreita aliança com os trabalhadores ingleses e norte-americanos contra os respectivos imperialismos! Pela morte sangrenta do imperialismo! Pela independência de todos os povos coloniais!

Pelos trabalhistas, contra os liberais e conservadores! Mas, acima de tudo, pelo Partido Comunista Inglês, pelo proletariado britânico!

Pela burguesia revoltosa egípcia, contra a Inglaterra! Mas, acima de tudo, pelo Partido Comunista do Egito, pelos operários e lavradores pobres do Egito!

Pelo burguês avançado Kemal Pacha, contra o imperialismo britânico! Mas, acima de tudo, pelo Partido Comunista da Turquia, pelos operários e lavradores da Turquia!

Pela República persa, contra o shah e os proprietários feudais! Mas, acima de tudo, pelo Partido Comunista da Pérsia, pelos operários e lavradores da Pérsia!

Por Amanullah, contra a Inglaterra! Mas acima de tudo, pelos trabalhadores do Afeganistão!

Pelo partido nacional hindu Swaraj (auto-governo), contra a Inglaterra escravizadora! Pelo mahatma Gandhi, contra a burguesia britânica! Mas, acima de tudo, pelo Partido Comunista hindu, pelos operários e lavradores da Índia!

Pelo partido popular chinês Kuomintang, contra o partido feudal Tchili! Pelo pequeno-burguês progressista Sun Yat Sen, contra os imperialistas anglo-americanos e seus cães de fila! Mas, acima de tudo, pelo Partido Comunista Chinês, pelos operários, lavradores, soldados e marinheiros da China!

Pelo partido nacional muçulmano Sarikat Islã, contra o imperialismo holandês! Mas, acima de tudo, pelo Partido Comunista das Índias neerlandesas, pelos operários e lavradores pobres de Java e Sumatra!

Abaixo a burguesia mundial! Abaixo os fabricantes de novas guerras! Abaixo os ladrões e os assassinos!

Viva a Internacional Comunista! Viva a Internacional Sindical Vermelha! Viva a unidade marxista-leninista fundindo num monólito de aço a civilização do Oriente com a civilização do Ocidente! Viva o bloco de ferro do proletariado mundial contra a burguesia mundial!

13 de março de 1925.



## EM MARCHA PARA O FUTURO

---

ESTE LIVRO, ESCRITO AO calor dos acontecimentos, só agora aparece. Tanto tempo depois! Fizemos várias tentativas para publicá-lo na época em que os acontecimentos borbulhavam dia a dia. Conseguimos a composição de umas 200 páginas em corpo 10. Um dia foi tudo jogado na caldeira da linotipo. Perda total...

Salvaram-se, porém, os originais. E eis, agora, o livro despeçando os obstáculos e vindo cumprir seu papel. É inútil, pois, querer desviar o rio da Revolução. Cedo ou tarde, ele atingirá o oceano revolto...

Tirando partido das dificuldades da publicação, fizemos acréscimos ao livro.

Em suas linhas gerais, o problema continua de pé, e os nossos pontos de vista, inalteráveis.

Internacionalmente, a finança inglesa e os partidos "socialistas" preparam uma intervenção militar contra a Rússia. A China bate-se heroicamente. O mundo inteiro é uma revolução intermitente e um vulcão prestes a explodir.

O imperialismo continua sua obra. As grandes companhias vão-se entrelaçando cada vez mais numa rede original. Cruzam-se, ramificam-se como vasos capilares. Anastomose do capitalismo. Entorçalamiento imperialista. Lembram a espiral da voluta ou do caracol. E só o entorçalamiento comunista, rami-

ficando-se em miríades de células e núcleos sindicais, é que poderá desfazer o entorçamento imperialista.

Usando uma imagem mais acessível às massas trabalhadoras, compararemos as relações entre as grandes companhias às voltas de um parafuso invertido, a ponta para cima. Esse parafuso vive em movimento contínuo, ininterrupto. Movimento dialético... Tudo para nós é dinâmico. A estática reduz-se a uma simples ilusão dos nossos sentidos. A dinâmica é a base do comunismo. Movimento mais movimento mais movimento. Movimento, ainda movimento, sempre movimento. Colocai-nos dentro do turbilhão social e nós transformaremos o mundo.

O capitalismo concentra-se. Evolui. Nega o ponto de partida, a concorrência. Contradiz-se. Rola para o monopólio, isto é, rola para a morte. O próprio Devenir, a transformação contínua, o escoamento sem fim do universo impõe a morte do capitalismo. Por isso, o parafuso da concentração capitalista é, na realidade, o parafuso da morte... do capitalismo. Sem a noção do Devenir da dialética, da transformação da quantidade em qualidade, da dinâmica universal, não tem sentido a revolução. Sem a teoria do Devenir que Heráclito vislumbrava, sem a física materialista de Epicuro aperfeiçoada pela ciência moderna e sem a dialética de Hegel modificada por Marx e desenvolvida por Lênin é impossível compreender a profundidade da filosofia proletária revolucionária.

Apliquemos essa teoria do parafuso invertido.

Rothschild é o dono do Shell. A Shell, a dona da Bataafsche. A Bataafsche, a dona da Mexican Eagle. A Mexican Eagle, a dona da Anglo Mexican Petroleum, cuja cruz gamada – símbolo do fascismo – rola em caminhões através das ruas do Rio de Janeiro. Assim Rothschild ocupa o alto do parafuso imperialista, exatamente a ponta. A Shell e seus derivados como Deterding ocupam a primeira volta. A Bataafsche, a segunda. A Mexican Eagle, a terceira. A Anglo Mexican Petroleum, a quarta. O óleo combus-

tível, o óleo Diesel, o óleo gás, o asfalto, a gasolina, a energina e o querosene Aurora, a quinta volta do parafuso capitalista. Vemos a base larga e vemos que o parafuso afinar-se-á à medida que marcha para o cume. Concentração capitalista.

Este é um exemplo baseado na economia. Citemos, agora, um caso político. O agente Rothschild no Brasil é Bernardes. Os agentes de Bernardes nos estados são os governadores e presidentes. Os agentes dos governadores e presidentes nos municípios são os “coronéis”, chefetes políticos. E os agentes destes nas fazendas do Sul e nos engenhos do Norte são os capangas. Assim, Rothschild está na ponta do parafuso. Bernardes e seus ministros ocupam a primeira volta. Os governadores, a segunda. Os chefetes do interior, a terceira. Os capangas, a quarta.

Em 1913, Farquhar estava na extremidade do parafuso. A Brazil Railway C., na primeira volta. A Sorocabana, a São Paulo-Rio-Grande, a Madeira Mamoré, a Norte do Paraná, a Paulista, a Mogiana, o Hotel de Guarujá etc, na segunda volta. Carlos Sampaio, Alexandre Mackenzie, João Teixeira Soares, Barrow, Hubbard, Legru, Pearson, Quellenec, Binder, Chauvy etc, na terceira volta.

Também em 1913, o National Trust C. Ltd. de Toronto estava na ponta do parafuso. A Brazilian Traction, na primeira volta. A Rio de Janeiro Tramway Light and Power C. Ltd., a São Paulo Tramway Light and Power C. Ltd., a São Paulo Electric C. Ltd., na segunda volta. A Gás C., a Ferro Carril Carioca e a Ferro Carril do Jardim Botânico, na terceira volta.

Assim, o imperialismo vai ligando, numa cadeia única, todo o universo.

Estão ligados ao imperialismo francês: Poincaré, Millerand, Herriot, Painlevé, François Marçal, Joffre, Camelin, Schneider, o Comitê des Forges, o Banque de Paris et des Pays Bas, o Banque de Union Parisiense, o partido “socialista” francês. E, no Brasil, o

Credit Foncier, a Agência Havas, Bouilloux Lafont, Emile Collin (representante de Schneider), a Câmara de Comércio Francesa.

Estão ligados ao imperialismo alemão: Cuno, Krupp, a social-democracia, o Deutsche Bank. E, no Brasil: Theodor Wille & Cia., Ernesto Diederichsen, Herm Stoltz & Cia., Haupt & Cia., Dannemann, Stender & Cia, a AEG, Siemens Schuckert, Alberto Boeke, a Companhia Química Merck do Brasil, o Banco Brasileiro Alemão, o Banco Alemão da América do Sul, o Banco Alemão Transatlântico.

Estão ligados ao imperialismo italiano: Mussolini, Farinacci, Pio XI, D'Annunzio, Humberto, Orlando, o Banca Commerciale. E, no Brasil: a Legião Cruzeiro do Sul, a Patria degli Italiani, Diniz Junior, Marelli, Luiz Sciutto, José Miccolla, Luiz Camuyrano, Tomaselli, Carlo Pareto.

Estão ligados ao imperialismo anglo-americano: a Brazilian Traction, a Light, Alexandre Mackenzie, João do Rego Barros, Prudente de Moraes Filho (advogado da Light).

Estão, ou estiveram, ligados ao imperialismo norte-americano: nos Estados Unidos, Wilson, Harding, Coolidge, Elihu Root, Roosevelt, Hughes, Pershing, Hoover, Gompers, Edison, Ford, Gary, Farquhar, Rockfeller, Morgan, Vanderlip, o Equitable Trust. No México, Calles e Obregon. No Chile, Alessandri. Na Argentina, Pueyrredon. Gomez, na Venezuela. O banco Dresdner, na Alemanha, Jeremias Smith, na Hungria. Farrington, nas ilhas Hawai.

No Brasil, estão ligados ao mesmo imperialismo: na finança, David Morley e o Banco de Nova Iorque. Nas vias de comunicação, a E. F. São Paulo-Rio Grande, e a E. F. Norte do Paraná, a All América Cables. Na indústria e no comércio, Geraldo Rocha, Carlos Kiehl, Richard Momen, a Texas Co., The Caloric Co., a Minas Gerais Iron Syndicate, a General Electric, a Standard Oil, a Armour, a Westinghouse, a Radio Corp., a Bethlehem Steel, a Câmara de Comércio Americana. Na diplomacia, o embaixador

Morgan. Na política, Eptácio, Wenceslau, Carlos Sampaio, o partido "socialista" do Brasil. Na imprensa, *Vanguarda*, *A Noite*, *O Jornal*, o *Correio da Manhã*, a revista *Brazilian American*, a United Press, a Associated Press. Na marinha, Vogelgesang e McCully. Na filantropia, a Rockfeller Foundation. Na religião, a igreja batista e a Sociedade Bíblica Americana...

Estão, ou estiveram, ligados ao imperialismo inglês: na Inglaterra, Jorge V, Chamberlain, Curzon, Lloyd George, MacDonald, Thomas, Snowden, o Partido Trabalhista, Rothschild, a Shell, o Lloyd's Bank, Lovat, Montagu, The Times. Na Grécia, Venizelos. Na Bulgária, Tzankov. Na Arábia, Hussein. Na Turquia, os papas grego e islamita. Na Índia, lord Reading e o coronel Kaye. No México, Huerta. No Chile, a junta militar.

No Brasil, estão ligados ao mesmo imperialismo: na agricultura, os fazendeiros de café, a Brazilian Coffee, o Instituto da Defesa Permanente do Café. Na finança e anexos, o Banco do Brasil, o Bank of London & South América, Norton Megaw (agentes da Northern Assurance). Nas vias de comunicação, a Leopoldina, a Marconi, a Great Western, a São Paulo Railway, o Western Telegraph. Na indústria e no comércio, a América Fabril, a Anglo Mexican Petroleum, a Itabira Iron Ore C. (pertence a Rothschild), Wilson Sons, Davidson Pullen & C. (agentes de Vickers & C.), a Câmara de Comércio Britânica. Na diplomacia, o embaixador Tilley e o secretário Hambloch. Na política, Bernardes, Rui, Nilo, Washington Luiz, o Partido Republicano. Na imprensa, o *Jornal do Comércio*, *O País*, a *Gazeta de Notícias*, *A Notícia*, *A Pátria*, a *Revista da Semana*. Na religião e similares, a igreja presbiteriana e o Exército da Salvação.

Uma quadrilha de banqueiros manobra. E o mundo todo gira em torno deles. Eis a situação mundial.

O imperialismo liga numa cadeia única todo o universo. E só o comunismo, ligando igualmente num colar único todo o uni-

verso, é que poderá matar o imperialismo, estrangulando-o nos anéis flexíveis da sua tática.

No Brasil, como em toda parte, o imperialismo concentra as forças na conquista dos bancos, telégrafos, telefones, estradas de ferro, bondes, linhas de navegação, construção civil e naval, ferro, carvão, petróleo, eletricidade e na aquisição de terras. Os bancos, as vias de comunicação e os combustíveis. O resto, quer dizer, as sobras ficam para a burguesia indígena.

O imperialismo recorre a inúmeros meios de corrupção e dominação: advocacia, cargos na direção das empresas, jornais comprados, anúncios etc. Prudente de Moraes Filho é advogado da Light e do Banco Francês e Italiano, cujo diretor adjunto, David Morley, é o representante do Equitable Trust, de Nova Iorque, na E. F. São Paulo-Rio Grande. Rui Barbosa, o “patriota”, ganhava cinco contos mensais na Light só para não aceitar causas que visassem aos interesses dessa empresa imperialista. O senador paulista Álvaro de Carvalho é o representante da Manaus Harbour Ltd. João Teixeira Soares, como diretor da E. F. Vitória a Minas, tornam-se satélite de Rothschild. *Vanguarda* e *A Noite*, compradas por Geraldo Rocha, estão entregues ao imperialismo norte-americano. Os anúncios publicados são poderosos meios de corrupção dos jornais pelo imperialismo.

Por intermédio da Itabira Iron, isto é, de Rothschild, o imperialismo inglês é dono de 396 milhões de toneladas do ferro de Minas Gerais. Por intermédio da E. F. Vitória a Minas, isto é, do mesmo Rothschild (um de seus grandes acionistas), o imperialismo inglês é dono de 590 quilômetros de uma estrada de ferro do Brasil, podendo transportar o ferro da Itabira para Vitória, no Espírito Santo, e, daí, para os altos fornos ingleses, a fim de, com o minério barato, poder a metalurgia inglesa reconquistar a supremacia perdida durante a luta contra a metalurgia norte-americana.

Faltava ao plano de absorção do minério brasileiro pelo imperialismo inglês, a conquista da Central do Brasil. Tal estrada é a que, no Brasil, tem melhor aparelhamento técnico. E a de maior valor político e estratégico – não fora a condução de tropas bernardistas pela Central do Brasil, em julho de 1924, e Isidoro teria triunfado. E, além do mais, tal estrada seria um excelente meio de transporte para o ferro de Itabira. Eis por que a missão inglesa, tendo à frente Montagu – um dos signatários do tratado imperialista de Versalhes – insistiu pela venda da Central do Brasil ao imperialismo inglês, já se vê.

Não fora a campanha feita pelos jornais ligados ao imperialismo norte-americano, como *Vanguarda* e o *Correio da Manhã*, e não fora a revolta de 1924 (influenciada pela América do Norte), que atrapalhou os planos de Bernardes – talvez a Central do Brasil já estivesse nas garras de Rothschild. No fundo da tentativa bernardista de transformar a Central numa sociedade anônima, deve existir o dedo de Rothschild. A Central seria transformada numa sociedade anônima, “genuinamente nacional”... com um brasileiro “patriota” à frente e Rothschild por trás a manobrar os cordéis dos titeres nacionais.

Por intermédio dos empréstimos, isto é, de Rothschild, o imperialismo inglês é senhor de mais de cinco milhões de contos empregados no Brasil. O Estado feudal e semi-burguês brasileiro<sup>141</sup> é, em primeiro lugar, um satélite da finança inglesa. Por intermédio da América Fabril, o imperialismo inglês domina a maior empresa têxtil do país. Por intermédio do Instituto da Defesa Permanente do Café, o imperialismo inglês domina o aparelho da valorização do café. Por intermédio da Brazilian Coffee, o imperialismo inglês assenhoreou-se de milhões de

<sup>141</sup> Na primeira edição dizia: “O Estado burguês feudal brasileiro”.

cafeeiros de São Paulo. Por intermédio da São Paulo Railway, o imperialismo inglês tomou conta da zona cafeeira principal do Brasil. Por intermédio da Leopoldina Railway, o imperialismo inglês domina quase três mil quilômetros de zonas importantíssimas, cafeeiras, açucareiros, laticineiras etc. Por intermédio da State of Bahia, South Western Railway Co. Ltd., o imperialismo inglês é senhor da mais rica zona de cacau do Brasil. Por intermédio da Great Western, o imperialismo inglês tem nas mãos rapaces a mais rica zona açucareira do Brasil. Plano maquiavélico de penetração imperialista!

Encontrando tal situação, o imperialismo norte-americano começou a fazer o cerco por outro lado. Tomou conta da E. F. São Paulo-Rio Grande e da E. F. Norte do Paraná, avançando na região do mate, das granjas e dos pinheirais. Por intermédio do Minas Gerais Iron Syndicate, assenhoreou-se das jazidas de Paracatu e Bananal. Por intermédio da Westinghouse e da General Electric, vai conquistando o mercado de material elétrico. Por intermédio da Standard, domina o mercado de querosene e derivados. Por intermédio da Armour, as carnes geladas. E, em várias companhias, como a Light e a Madeira-Mamoré, o imperialismo norte-americano, devido ao afluxo de novos capitais, vai absorvendo ou eliminando a influência do imperialismo inglês.

Hoover, secretário do comércio, agente do imperialismo norte-americano, faz campanha contra o café brasileiro, preconizando até o boicote. Enquanto isso, os bancos ingleses emprestam dinheiro à Brazilian Coffee e ao Instituto da Defesa Permanente do Café. Como, porém, a América do Norte é o maior consumidor do café brasileiro, desenha-se no horizonte uma grave crise cafeeira. Os Estados Unidos lutam contra o imperialismo inglês e seus aliados do Brasil. A dominação econômica e política do fazendeiro de café irá de águas abaixo e, o que é mais sério, o país debater-se-á numa crise horrível... A tragédia do café!

O Banco do Brasil, instrumento dos fazendeiros de café, está ligado a todo o imperialismo internacional, especialmente a Rothschild...

O advogado José Pires Brandão é um alto funcionário. Faz parte da junta administrativa da Caixa de Amortização. Preside a Caixa Econômica ao lado do diretor, o deputado Solidônio Leite, e do vice-presidente da mesma, James Darcy, presidente do Banco do Brasil. Pois José Pires Brandão é um instrumento, no Brasil, do imperialismo norte-americano. É o procurador da Internacional General Electric Co., Inc., empresa que, há seis anos, abarcava as cinco partes do mundo e possuía 80 mil empregados. Sua filial no Brasil é a General Electric que, em novembro de 1925, duplicou o capital para sete mil contos, entrando a casa matriz, por intermédio de seu procurador, com 9.940 ações novas de 350\$000. O mesmo senhor é o representante da New York Life Insurance junto ao governo brasileiro: representative of the company before the Government, diz a *Commercial Encyclopedia* de 1924.

A Prefeitura do Rio, segundo a própria confissão do prefeito Alaor Prata, não continua com o arrasamento do morro do Castelo porque teria de gastar muito mais no preparo dos terrenos e, vendidos estes, o dinheiro teria de ser imediatamente remetido aos banqueiros de Nova Iorque, de acordo com o contrato assinado pelo antecessor, Carlos Sampaio, agente, como o seu patrão Epitácio, do imperialismo norte-americano.

A 19 de dezembro de 1925, dizia o *Correio da Manhã*: "Há três anos no Conselho Municipal transitava um projeto governamental, mandando entregar a Light, com exclusividade, por várias décadas, o serviço telefônico da cidade, cujo contrato tendia a expirar, dando-se, de mão beijada, à poderosa empresa canadense, todos os bens que teriam de reverter ao patrimônio do município. Passou o projeto como quis o prefeito Carlos Sampaio, solícito e diligente defensor dos interesses da companhia telefô-

nica". O que o Correio não explica são os fios que ligam Carlos Sampaio à Telefônica e, portanto, à Light. Carlos Sampaio é ou foi diretor da Madeira-Mamoré, da Brazil Railway, da Sorocabana, e da Companhia Porto do Pará, exatamente como colega de Farquhar – diretor da Brazilian Traction, a dona da Light. O “patriotismo” – esplêndida comédia!

Os “patriotas” venderam o Brasil ao imperialismo internacional.

Nacionalmente, os últimos acontecimentos demonstram mais do que nunca a necessidade histórica de despedaçar a dominação econômica e política dos fazendeiros de café.

O caso Revista do Supremo, que pôs a nu toda podridão do regime. A reforma reacionária da Constituição. O fechamento d’*A Classe Operária*. A comédia democrática de Mello Vianna. A candidatura única de Washington Luís. A censura dos jornais. Os Correios a violarem a correspondência e a fornecerem cópias à polícia. A morte de vários deportados do Oiapoque. A expansão do imperialismo inglês no Brasil, como o provam os empréstimos à América Fabril, à Brazilian Coffee e ao Instituto da Defesa Permanente do Café. O proletariado oprimido econômica e politicamente. A atmosfera irrespirável. O estado de sítio prorrogado indefinidamente. A carestia assoberbante. Os fazendeiros nadando em ouro. A polícia civil, sócia de bicheiros e ladrões. Todos esses fatos e mil outros demonstram ser um crime poupar o feudalismo.

A revolta marulha subterraneamente. Ondas de ódio aos opressores propagam-se através das profundezas sociais. A revolta rebenta aqui, explode ali, turbilhosa acolá. Fende-se a terra sob os pés dos agrários. Fraturam-se os rochedos. Deslocam-se as camadas sociais. São, porém, explosões parceladas – quando seria preciso uma convulsão única, formidável, paroxística.

A revolta, prenha do industrialismo, debate-se em gritos históricos. Tarda o desenlace. Rola o parto. A revolta malbarata as

energias numa série de pequenas tentativas. E, depois, arqueja, recua, desesperada, abatida.

No sul, os revoltosos perderam a batalha. Chegou a vez do Norte: o capitão Prestes, após marcha colossal através dos sertões, mantém viva a chama da revolta. Mas, não se apoiando sobre o proletariado rural, tombará fatalmente. O pequeno-burguês não vê classes! O técnico só vê a técnica!

De qualquer forma, é necessário que a terceira revolta não repita os erros das duas anteriores: abarque a técnica e a política, o exército e a marinha, o Rio e S. Paulo, o Sul e o Norte, o proletariado, a pequena-burguesia urbana e a grande burguesia industrial. O proletariado entrará na batalha como classe independente, realizando uma política própria.

O aparecimento d’*A Classe Operária* e o seu rápido triunfo, nunca visto na história do proletariado do Brasil, demonstraram que o Partido Comunista sabe fazer um jornal para as massas e que estas o apóiam. Este é um fator muito sério num período de efervescência.

Nacional e internacionalmente, preparam-se acontecimentos formidáveis. É necessário que esses acontecimentos não nos peguem de surpresa. Estejamos prontos para galgar o topo da primeira onda e, lá no alto, firmes, dominarmos o caos e o turbilhão. Fundir o caos, fazê-lo cristalizar-se dentro da unidade do leninismo, eis a obra do Partido Comunista.

A fim de podermos realizar essa obra, eis as tarefas:

Adquiramos a tenacidade, a teoria, a tática e a técnica leninistas, o instituto, o sentimento e a consciência comunistas. Conquistemos as massas operárias e camponesas para as organizações<sup>142</sup>. Conquistemos a vanguarda para o Partido Comunista. Espalhem profusamente a nossa literatura. Conquistemos a

<sup>142</sup> Na primeira edição dizia: “para os sindicatos”.

legalidade para o Partido Comunista. Lutemos pelo reaparecimento d'A *Classe Operária*, pela semana de quarenta e quatro horas, pelo salário mínimo, pela extensão do dia de oito horas a todas as indústrias, pelo reconhecimento dos sindicatos por parte do patronato, pela unidade sindical nacional e internacional. Ataquemos a influência amarela e anarco-sindicalista sobre os sindicatos. Ataquemos o Partido Republicano, o Partido "socialista", os partidos fascistas e o imperialismo internacional. Concentremos as energias sobre o proletariado fabril do Rio e de São Paulo. Concentremos energias sobre o trecho delimitado por Santos, São Paulo, Rio, Barra do Pirai (ponto de ligação) e Juiz de Fora – sentinela avançada do industrialismo no coração do agrarismo. Realizemos uma penetração sistemática entre os trabalhadores das fazendas de café. Ataquemos o governo, minando um de seus esteios principais – o atraso da massa trabalhadora de Minas. Se não abriremos os olhos, Minas será o paraíso dos Koltchaks. Ai é que os contra-revolucionários recrutarão as melhores tropas! Cada mineiro conquistado ao Partido Comunista é menos um inimigo da revolução proletária vitoriosa no Rio e em São Paulo.

Epitácio foi pior que Wenceslau. Bernardes, pior que Epitácio. Se Washington galgar o poder, será pior. E o sucessor de Washington, ainda pior. O proletariado não tem ilusões.

Concentremos todas as nossas energias, esporeemos a pequena-burguesia e a grande burguesia industrial e, unidos num bloco, agitemos as massas em torno das palavras de ordem fundamentais:

– Abaixo os fazendeiros de café! Abaixo o governo de fazendeiros! Abaixo os maiores opressores do proletariado! Abaixo o imperialismo internacional, senhor do Brasil! Viva a revolta permanente – preliminar da revolução proletária!

9 de março de 1926.

## UMA ETAPA DA HISTÓRIA DE LUTAS (1957)\*

OCTÁVIO BRANDÃO

O PCB apresenta uma história viva e heróica, de feitos épicos e valorosos, de combates e batalhas em prol da Pátria e da Humanidade.

A história do PCB está exigindo a mais profunda análise crítica, política e ideológica, a interpretação dos fatos e a extração dos ensinamentos – num vasto esforço coletivo, e não meramente individual.

As novas gerações brasileiras precisam conhecer a fundo a história do PCB.

Em 1924-1928. Penso que o nosso PC realizou uma obra importante em 1924-1928. O problema é vasto. Tratarei de resumi-lo.

Em 1924-1928, o PC começou a estudar a realidade brasileira, a compreender certos problemas nacionais e a buscar o caminho da libertação do nosso povo. Pela primeira vez na História do Brasil, o PC caracterizou o imperialismo como capital monopolista e financeiro, denunciou sua penetração no país, apontou o como o inimigo principal, mobilizou contra ele milhares de trabalhadores e chamou todo o povo brasileiro à luta contra o imperialismo. Batalhou, ao mesmo tempo, contra a reação política, a repressão policial e os estados de sítio que se prolongaram de 1922 a 1926. Procurou mostrar a ligação estreita existente entre o imperialismo e a reação brasileira.

\* Artigo publicado no jornal *Imprensa Popular*, do Partido Comunista do Brasil, em 20 de Janeiro de 1957

Nessa etapa da sua História de Lutas, o PC, pela primeira vez no Brasil, desde 1922, fez propaganda das idéias bebidas nos livros de Marx, Engels e Lênin – especialmente sobre a luta de classes, a missão histórica do proletariado, o papel do Estado, o imperialismo, o anarquismo e o reformismo. Levou idéias marxistas leninistas aos sindicatos operários, e à porta das fábricas e oficinas, sobretudo do Rio de Janeiro – tarefa de importância histórica. Publicou, em 1923 e 1924, pela primeira vez na língua (portuguesa, o imortal *Manifesto Comunista* de Marx<sup>143</sup>) e Engels.

Apoiando se na base granítica dessas idéias, o PC travou, desde 1922, uma batalha dura e difícil, e derrotou o oportunismo de “esquerda” – a ideologia e o movimento anarquistas. O anarquismo, em consequência dos próprios erros e dessa luta do PC, perdeu suas ligações com as massas operárias e ficou reduzido a seitas.

Em 1924-1928, o PC desfraldou, como sempre, a bandeira do internacionalismo proletário revolucionário e da grande revolução socialista de outubro de 1917 na Rússia. Defendeu a União Soviética – democrática e socialista. Sustentou o movimento nacional libertador dos povos coloniais e dependentes – a revolução chinesa de 1925-1927, o povo mexicano contra o imperialismo norte americano e a traição do governo de Calles em 1927, a Nicarágua e os guerrilheiros de Sandino contra a intervenção armada norte americana desde 1927-1928. Atacou o fascismo – aliás desde o primeiro momento da marcha de Mussolini sobre Roma e a implantação do fascismo na Itália, em 1922.

O PC começou a penetrar no seio das massas. Fundou, em 1925, sob o estado de sítio, como órgão legal, *A Classe Operária* – o jornal dos trabalhadores, feito pelos trabalhadores, para os tra-

balhadores, como ele próprio se intitulava. Iniciou, em 1925, sua reorganização, sobre a base de células nas empresas industriais, principalmente do Rio de Janeiro. Publicou dezenas de jornais de células, impressos.

Em 1924-1928, o PC impulsionou o trabalho sindical. Penetrou nos sindicatos operários e reforçou os. Dirigiu, em 1924, a luta vitoriosa pela conquista do repouso semanal para os padeiros do Rio de Janeiro. Depois de uma luta desigual, mobilizou mais de cinco mil trabalhadores e conseguiu libertar, em 1924, o marítimo José Leandro, condenado a trinta anos de prisão por ser grevista, por ter resistido à polícia e esfaqueado vários beaguins.

O PC desbaratou, em 1926, a Frente Única Multicolor – bloco ferozmente anti-comunista, formado por brancos, amarelos, róseos e rabanetes. Os brancos eram os capitalistas como Geraldo Rocha e Libanio da Rocha Vaz. Os amarelos eram os líderes sindicais reformistas e policiais como Luís Oliveira, então presidente do sindicato dos estivadores. Os róseos eram os dirigentes “socialistas” reformistas como Agripino Nazareth. E os rabanetes eram os anarcoides – vermelhos por fora e brancos por dentro.

A Frente Única Multicolor pretendia aproveitar o estado de sítio para esmagar o PC e dominar o movimento operário. Foi politicamente liquidada, depois de uma luta áspera. Essa e outras vitórias do PC prepararam o terreno para a criação de várias federações sindicais (regionais e industriais) e para a confederação sindical, fundada em 1929.

Nessa etapa da sua história, o PC procurou aliados. Penetrou no seio de alguns grupos de camponeses, sobretudo no interior o Estado de São Paulo. Organizou Ligas Camponesas. Criou o Bloco Operário e Camponês, organização legal de massas. Orientou se no sentido de uma aliança com os revoltosos pequeno burgueses de Copacabana, São Paulo e da Coluna Prestes. Isto se tornou

<sup>143</sup> Parte acrescentada à mão pelo próprio Octávio Brandão, em cópia do artigo mantida em seu arquivo pessoal e conservada por sua filha Dionysa Brandão. No entanto, lendo-se a frase fica claro que é apenas uma correção do erro de edição (MB).



uma realidade, mais de dez anos depois, em 1935, com a Aliança Nacional Libertadora.

Tais são alguns aspectos, muito resumidos, da obra do PC em 1924-1928.

Infelizmente, o desenvolvimento e a consolidação do PC foram travados pelos desvios de direita. Apesar de todos os esforços e tentativas, o nosso PC não conseguiu compreender o caráter da revolução, suas etapas e forças motrizes. SUBESTIMOU a importância dos camponeses. SUPERESTIMOU o revolucionarismo pequeno burgês em geral e, em particular, a significação dos revoltosos pequeno burgueses de Copacabana, São Paulo e da Coluna Prestes. Colocou à frente o Bloco Operário e Camponês, e não o próprio PC.

O autor destas linhas é um dos responsáveis por esses erros. As raízes deles estão na obra *Agrarismo e Industrialismo*.

UMA TENTATIVA EM 1924. Na vida clandestina, no ambiente de repressão da polícia do marechal Fontoura, comecei a escrever *Agrarismo e Industrialismo* a 28 de julho de 1924, na hora da derrota dos revoltosos pequeno burgueses, quando eles começaram a evacuar a cidade de São Paulo, enquanto no Rio de Janeiro o ambiente era de desânimo.

Terminei a obra, no fundamental, menos de um mês depois, a 22 de agosto de 1924. Tirei cópias à máquina e tratei de divulgá-la imediatamente. Escrevi o penúltimo capítulo em 1925, e o último em 1926. Publiquei-a sob o estado de sítio, em 1926, com o pseudônimo de Fritz Mayer.

O livro foi lido por operários, intelectuais e revoltosos pequeno burgueses – civis e militares.

Durante trinta anos nenhum comunista fez a análise da obra. O reacionário Jackson de Figueiredo publicou um artigo sobre ela, manifestando o pavor de que, no Brasil, depois desses ensaios teóricos, viesse um ensaio prático, revolucionário,

comunista. Em 1930-1931, os trotskistas, em seu jornal, atacaram-na violentamente e consideraram-na um amontoado de erros e absurdos.

AS FALHAS. Fiz a autocrítica muitas vezes: em 1930-1935, em 1938, em dezembro de 1954 e outras ocasiões. Hoje, faço a autocrítica, mais uma vez. Cumpro, assim, um dever para com o PC, a classe operária e o povo brasileiro.

A obra *Agrarismo e Industrialismo* é um ensaio sobre o Brasil em geral e o imperialismo em particular, sobre a luta das classes e as insurreições armadas de Copacabana em 1922 e São Paulo em 1924. Apresenta uma série de falhas. Tem desvios materialistas mecânicos, de caráter político, filosófico e ideológico geral.

É sabido que o materialismo mecânico não é dialético. Não interpreta os fatos, os fenômenos e os acontecimentos à luz da teoria moderna do desenvolvimento. Interpreta-os segundo as leis da mecânica. Faz aplicações mecânicas.

Com efeito. O livro considera os movimentos pequeno burgueses de Copacabana e São Paulo como aspectos da luta entre o agrarismo e o industrialismo no Brasil, entre o feudalismo e o capitalismo, entre os grandes proprietários rurais feudais e a grande burguesia industrial. Deste modo, faz uma interpretação mecânica dos movimentos de Copacabana e São Paulo. Transplantando para o Brasil do século XX a concepção da luta entre os feudais e a burguesia durante a revolução francesa, no fim do século XVIII.

É sabido que Hegel formulou a questão da tríade – a tese, a antítese e a síntese – do ponto de vista do idealismo filosófico. Em sentido oposto a Hegel – Engels, no *Anti Düring*, mostrou a existência da tríade, do ponto de vista do materialismo dialético.

O autor destas linhas leu essa obra de Engels e exagerou o papel da tríade. Fez, em 1924, uma aplicação mecânica e exagerada da tríade materialista, à História do Brasil. Não aprofundou

a compreensão dessa obra de Engels. E não notou a crítica de Lênin aos exageros da tríade, no livro *Quem são os "amigos do povo"?*

*Agrarismo e Industrialismo* não explica uma série de problemas essenciais. Não compreende o caráter e o conteúdo da revolução no Brasil. Não compreende as forças motrizes da revolução. Nem suas etapas. Nem a ligação e a correlação entre as etapas. Nem o desenvolvimento e a transformação da revolução anti-imperialista e anti-feudal, em revolução socialista. Como se vê, são falhas fundamentais.

O livro SUBESTIMA, de fato, a importância imensa dos camponeses. Subestima a aliança do proletariado com os camponeses. Subestima a hegemonia do proletariado na revolução. De outro lado, SUPERESTIMA o papel dos revoltosos pequeno burgueses de Copacabana, São Paulo e da Coluna Prestes.

A primeira revolta teve lugar em Copacabana, a 5 de julho de 1922. A segunda revolta teve lugar em São Paulo, a 5 de julho de 1924. *Agrarismo e Industrialismo* procura mostrar certos erros desses dois movimentos, preconiza a terceira revolta e a frente única do proletariado, da pequena burguesia urbana e da grande burguesia industrial, contra o imperialismo e o governo de grandes proprietários rurais feudais. Afirma a propósito – pág. 84 do livro: “De qualquer forma, é necessário que a 3ª revolta não repita os erros das duas anteriores: abarque a técnica e a política, o exército e a marinha, o Rio e São Paulo, o Sul e o Norte, o proletariado, a pequena burguesia urbana e a grande burguesia industrial. O proletariado entrará na batalha como classe independente, realizando uma política própria”.

Esta formulação tem uma falha capital: esquece os camponeses – os aliados principais da classe operária.

Em lugar dessa terceira revolta, veio a pretensa “revolução” de 1930. Então, o nosso PC, em vez de corrigir os erros foi com-

pletamente desorientado por uma linha política oportunista de “esquerda” – pregou a Revolução Soviética imediata, isolou-se totalmente das massas populares e sofreu profunda catástrofe.

Em outubro de 1930, as massas populares e as forças armadas fizeram muito bem derrubando o triste governo de Washington Luiz e a dominação do imperialismo inglês. Infelizmente, marcharam a reboque da Aliança Liberal e de Getúlio Vargas. Os revoltosos pequeno burgueses de Copacabana, São Paulo e da Coluna Prestes, exceto Luis Carlos Prestes, também marcharam a reboque, em 1930. Os demagogos, aventureiros e entreguistas como João Neves da Fontoura, apossaram-se do poder. O imperialismo norte americano conquistou posições dominantes até hoje.

O autor de *Agrarismo e Industrialismo* fez muitos esforços, mas, como se vê, sua tentativa saiu com uma série de falhas.

É que o autor era e é de origem pequeno burguesa. Tinha em 1924 e hoje ainda tem um conhecimento insuficiente da realidade brasileira. Não encontrou no Brasil nenhuma tradição marxista, que preparasse e adubasse o terreno. Só em 1922 é que, pela primeira vez, leu os livros de Marx, Engels e Lênin. Seus estudos sobre o marxismo eram insuficientes em 1924<sup>144</sup> - e, hoje mesmo, apesar de todos os esforços ainda são insuficientes.

As fontes principais do autor para escrever o livro, foram: *O imperialismo, estágio superior do capitalismo* e *A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo*, de Lênin; *a Circular do Comitê Central aos comunistas alemães em 1850*, de Marx; *Revolução e contra revolução na Alemanha em 1848*, de Engels; e a revista *La correspondance Internationale*, de Paris.

<sup>144</sup> Na cópia do artigo mantida em seu arquivo pessoal está corrigido à mão o número 4, de 1924. O que consta no original está ilegível (MB).

Em 1924, ainda não existia a experiência da revolução chinesa de 1925-1927, que teve importância decisiva como revolução de frente única nacional anti-imperialista num país semi-colonial e semi feudal. O autor só pôde aproveitar algo dessa experiência no penúltimo capítulo escrito em março de 1925.

Também em 1924, o autor desconhecia trabalhos fundamentais de Lênin e Stálin sobre o problema nacional colonial. Aliás, o discurso capital de Stálin sobre o problema da China só foi pronunciado em agosto de 1927 e divulgado posteriormente.

Todos esses fatos, tomados em conjunto, explicam mas não justificam as falhas.

Tais são os erros principais do autor destas linhas.

# UM LIVRO FUNDADOR

**D**escrever a “aldeia” brasileira à luz do marxismo, tal foi a empreitada pioneira de Octávio Brandão. Em 28 de julho de 1924, pouco mais de dois anos depois da fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), ele iniciou a redação de *Agrarismo e Industrialismo*, “Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil”, como anuncia o sub-título. Nas precárias condições da clandestinidade, escondendo-se da polícia de Artur Bernardes, concluiu “a parte fundamental” do livro menos de um mês depois. Este texto, ainda incompleto, circulou em cópias datilografadas, servindo de subsídio para as teses que Astrojildo Pereira apresentou no II Congresso do PCB (16 a 18 de maio de 1925). Acompanhando desde a origem as vicissitudes da trajetória do autor, o livro só foi publicado em abril de 1926, sob o pseudônimo de Fritz Mayer e com indicação falsa do lugar de edição (Buenos Aires) para despistar a polícia política de Artur Bernardes.

No título está expressa sua tese principal: a contradição entre interesses agrários e interesses industriais constituía o fator determinante dos confrontos políticos e da guerra civil larvar que convulsionavam o Brasil. Nela se baseava a aliança da classe operária com a pequena-burguesia democrática na luta contra a “oligarquia agrária entrançada com a oligarquia financeira”.

**JOÃO QUARTIM DE MORAES**



**AEL**  
ARQUIVO EDGAR LIECHOWITZ

